

# Encarando a Verdade



THAMIRES MARINHO

Copyright © 2023 Thamires Marinho

Equipe técnica:

Capa: Ana Bizuti

Revisão: Carolyne Larrúbia

Diagramação: Camila Antunes

Leitura crítica: Carla Leal

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

*À Verdade.*

*E a todos que, assim como eu, já foram uma Mel, ou até mesmo um Nick — e talvez ainda sejam.*



# SUMÁRIO

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[EPÍLOGO](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[SOBRE A AUTORA](#)



Minha vida até esse momento não havia sido muito fácil. A rejeição me acompanhou desde que me entendo por gente e se tornou um dos meus maiores medos. Por isso, sempre que

alguém se aproximava de mim, eu me retraía, com medo de entregar meu coração e ser abandonada.

Eu me fechava tanto que, no fim, todos perdiam a paciência e se afastavam, e eu voltava a ficar sozinha. Esse é um ciclo que já tinha se repetido por tantos anos que acabei me tornando a garota esquisita no fundo da sala.

Aos oito anos, conheci a única amiga que já tive. Seu nome era Alice, uma menina gordinha e desengonçada, tão esquisita quanto eu. Nós éramos as excluídas e acabamos nos unindo. Sabe aquela coisa de “os rejeitados se ajudam”? Esse era o nosso lema. Éramos inseparáveis e vivíamos uma na casa da outra. Alice foi a única pessoa a quem contei sobre o meu passado e a vergonha que sentia da minha história de vida. Tragicamente, sua família se mudou para os Estados Unidos quando tínhamos dez anos, e acabamos perdendo o contato. Quando ela foi embora, voltei a ser a menina solitária de sempre.

Fui criada pela minha avó Martha, a mãe da Catarina, minha “mãe”. A vovó ficou viúva e precisou trabalhar muito para me sustentar. Nunca nos faltou nada em casa, mas também não tivemos uma vida de luxo. Estudei na mesma escola pública até o fim do Ensino Fundamental e, por ser um lugar muito simples, minha condição financeira não foi um grande problema lá.

Quando soube que minha genitora tinha oferecido dinheiro para minha avó me matricular em uma escola melhor, senti um misto de emoções. Pensei em recusar, pois não queria ter nenhuma ligação com aquela mulher, entretanto, a vovó já não estava em condições de trabalhar e em breve precisaria se aposentar.

Querendo ou não, era uma ótima oportunidade, a chance de ser bem-sucedida e dar uma velhice mais confortável para a minha vó. Além disso, eu poderia tentar fazer novos amigos, já que iria para um lugar onde ninguém saberia que eu era uma esquisitona.

Por esses motivos, estava decidida a dar um novo rumo para a minha vida. Afinal, uma nova escola também era uma chance de recomeçar. Eu não perderia a oportunidade de fazer tudo diferente.

Mas, no meu primeiro dia, percebi que as coisas não seriam tão fáceis assim.

O Colégio Cesari era muito chique e imponente, com um prédio enorme, todo espelhado, um verdadeiro cenário de filme futurista. Todos os alunos usavam roupas das grifes mais caras e chegavam em carrões de luxo. Olhando tudo isso, só conseguia deduzir que a

Catarina tinha a intenção de fazer minha vida ficar mil vezes pior do que já era quando mandou minha avó me matricular em um lugar assim.

Pelo menos ela havia me enviado algumas roupas e um celular novo, além do dinheiro para pagar a escola. Cogitei doar tudo, mas percebi que meu celular estava morrendo e, pelo estado das minhas roupas no armário, eu mesma estava na situação “precisa-se de doações”, então resolvi ficar com os presentes. Também não consegui ignorar o fato de que era tudo muito lindo.

Fiquei aliviada por não ter me desfeito das coisas e não precisar passar tanta vergonha. Porém, mesmo assim, estava na cara que eu não pertencia àquele lugar. Eu era claramente uma menina pobre brincando de ser rica. No momento em que coloquei os pés na calçada do colégio, estava certa de que o meu plano de recomeço iria por água abaixo.

Até que algo aconteceu.

Duas garotas me encaravam, à espera de uma resposta.

Era a minha chance.

Eu desejava que as pessoas da escola me aceitassem, então precisava dar a elas o que queriam. Decidida, ajeitei-me na cadeira e assumi uma postura confiante, até um pouco soberba, ao selar o meu destino com a minha primeira mentira.

— Voltei da Europa semana passada!

Os olhos das meninas brilharam, e eu, pela primeira vez na vida, experimentei a sensação inebriante de ser admirada. Depois disso, não consegui mais me conter.

— Mas essa nem foi a melhor coisa que eu comprei — disse, pensando em tudo que Catarina tinha me dado. — Vocês deviam ver os sapatos.

— Eu sou a Carol, e ela é a Isabel. — Ela apontou para a morena de cabelos longos ao seu lado. — E você? — Carol me encarou com olhos azuis cristalinos, brincando com uma mecha do seu estiloso cabelo loiro no estilo chanel, o qual ressaltava as sardas fofas em suas bochechas.

— Melissa — respondi —, mas pode me chamar de Mel.

— Todo mundo me chama de Isa — disse Isabel, entredentes, com os olhos perfurando Carol, que mostrou a língua e torceu o nariz empinado. De primeira, pensei que o seu nariz era fruto de uma rinoplastia muito bem-sucedida, contudo, nós só tínhamos uns quatorze anos, então

descartei a ideia. Acho que quatorze é muito cedo para uma plástica, né? Vai saber! Gente rica costuma fazer umas coisas esquisitas.

— Ela fica irritada, porque acha que o nome dela é de vovó — Carol explicou a atitude da amiga, rindo um pouco.

— E por acaso você já viu alguém da nossa idade com esse nome? — Isa retrucou. Quando um raio de sol passou pela janela e reluziu nas suas íris castanhas, cobertas por enormes cílios, destacando ainda mais os traços fortes de seu rosto, percebi que ela era tão bonita quanto Carol.

Avaliei a aparência das meninas enquanto discutiam na minha frente e fui obrigada a conter a pequena pontada de inveja que começou a emergir do meu interior, ou, pelo menos, tentar. Não me achava feia. Na verdade, desde o ano anterior, algo havia acontecido em meu rosto, e eu já tinha mudado bastante, mas não a ponto de ter a confiança e a autoestima daquelas duas.

— Não lembro, mas isso não importa. — Carol se virou para mim. — Eu quero saber quando você vai me emprestar essa bolsa maravilhosa.

Fiquei ainda mais surpresa quando as duas se sentaram nas carteiras próximas à minha e começaram a puxar todo tipo de assunto.

E foi assim que tudo começou.

Para continuar a me encaixar, precisei esconder a minha realidade e me moldar ao que todos esperavam de mim. Todas as vezes que tentava falar sobre algo que realmente gosto, como meus filmes ou livros preferidos, Isa e Carol me olhavam como se eu fosse um OVNI, por isso, soterei a verdadeira Mel com as inúmeras mentiras que inventei.

Dois anos depois, tornei-me uma espécie de líder, não só para as minhas duas amigas, mas para o colégio inteiro.

No início, a sensação era ótima e parecia inofensiva, afinal, eu só queria ter amigos, e aquilo aparentemente estava funcionando. Entretanto, confesso que viver uma mentira se revelou cada vez mais sufocante.

A real Melissa não desapareceu completamente, mas eu a enterrei em um profundo abismo e coloquei em seu lugar a minha personagem perfeita.

E agora não sei mais como tirá-la de lá.



## PRINCESA PORCA

O resto de alguma coisa que creio um dia já ter sido comestível repousa na mesa de cabeceira. A cereja do bolo são os pôsteres dos meus filmes favoritos colados nas paredes e pilhas e mais pilhas de livros variados, principalmente romances, jogados por todos os lados.

Juntando tudo, dizer que o lugar está bagunçado seria um elogio.

Mesmo com o caos, esse é o Santuário da Melissa, o único lugar onde posso ser eu mesma, sem julgamentos e, o mais importante, sem mentiras.

Desbravo a selva em direção ao espelho do armário e tomo um susto ao ver o meu reflexo.

Normalmente, sou bem bonita. Meu rosto simétrico se encaixa ao meu tom de pele. O cabelo volumoso e escuro cria uma bela moldura, criando o contraste perfeito. Mas isso tudo está em algum lugar debaixo do ogro que parece ter se apossado do meu corpo.

Encaro o espelho com mais atenção. O pijama sujo é a prova de que comi o conteúdo de todas as embalagens jogadas no chão. O canto da minha boca ainda está com resquícios do último chocolate acrescentado recentemente à vasta pilha de lixo. Meu cabelo — ou melhor, o ninho de mafagafos — está tão embolado que tenho até medo de descobrir o que está enfiado dentro dele.

Dou de ombros e me jogo na cama de novo. Eu não ligo, nem um pouco. Afinal, nas férias, o meu lema é: quem precisa de pente? Apesar disso, não consigo deixar de imaginar que uma psicóloga me olharia e diria: “Todo esse caos é a materialização do seu estado de espírito”, ou seja, uma completa desordem.

Meu telefone apita, acordando-me do meu devaneio e me levando de volta à realidade. Na verdade, a notificação vem de uma outra espécie de realidade, tão falsa quanto o filme que acabei de assistir. Alguém curtiu a minha última postagem, uma foto da minha suposta viagem de férias a Nova York. Suspiro e continuo a analisar a movimentação no perfil e a ler os comentários.

*"Queria ser rica assim e passar minhas férias em NY também".*

*"Arrasouu, gataaa!!".*

*"Mais uma viagem para fazer a gente morrer de inveja! Na próxima, me leva!".*

Solto uma risada nervosa. Meu perfil está cheio de imagens genéricas dos pontos turísticos de Nova York. A foto em questão é da Times Square, super movimentada, como

sempre, com pessoas indo e vindo de todos os lados.

Só que eu não apareço nela.

E nem em qualquer outra.

Sempre que “viajo”, pego as imagens na internet e faço algumas edições antes de postar. Uma vez, tentei me colocar na foto, mas as minhas habilidades no Photoshop são um tanto questionáveis. Por isso, desisti e decidi postar somente as paisagens. Mesmo assim, ninguém desconfia. Todo mundo tem certeza de que eu sou podre de rica, então, na cabeça deles, eu diria que as fotos são apenas... conceituais. Afinal, quem é rico não precisa provar nada.

— MEEL! VEM JANTAR! — Ouço o grito da minha avó do lado de fora do quarto.

Largo o celular na cama e vou em direção à sua voz, seguindo o cheiro delicioso que está no ar. Ando pelo corredor da minha pequena casa de dois quartos até chegar na sala. O lugar é bem simples, com um certo ar antigo.

Minha sala é composta por móveis de madeira e quadros com frutas esquisitas e sombrias das quais nunca entendi o conceito, além de porta retratos com várias gerações da família Andrade até chegar em mim, Melissa Andrade. No canto, há uma cristaleira com jogos de louça que nunca são usados, mas que a vovó limpa com uma frequência desnecessária. Não poderiam faltar tapetes de crochê e a clássica manta em cima do sofá estampado. Tudo na casa é muito acolhedor e humilde. Não experimentamos nem um pouco do luxo no qual todos acham que eu vivo.

Cheguei bem a tempo de encontrar minha avó preparando a mesa para o jantar. Agora, dona Martha tem sessenta e dois anos e é aquela típica vovó, com cabelos curtos e brancos, além de manchas da idade. Em cada uma delas, dá para ver a força de alguém que trabalhou duro durante a vida toda.

— O cheiro está ótimo, vó — elogio e lhe dou um beijo na bochecha.

Ela me analisa dos pés à cabeça e faz uma careta.

— Você brigou com a lixeira?

— Sim! E parece que perdi! — brinco de volta.

A vovó ri e vai para a cozinha. Ela fica lá por alguns instantes, enquanto eu termino de arrumar a mesa, e volta com uma travessa fumegante que, com toda a certeza, acabou de ser tirada do forno.

— Lasanha à bolonhesa! — anuncia, animada. — Sua preferida — relembra, ao colocar a comida na mesa.

Isso merece a minha típica dancinha esquisita da felicidade. Fecho os punhos e dobro os braços em formato de asas. Flexiono os joelhos e remexo os quadris de um lado para o outro enquanto lambo os beijos, o que faz minha vó cair no riso. Ela nunca consegue se segurar quando faço minha dancinha boba.

— Para com isso, garota! — Ela me dá um empurrãozinho, e nós duas nos sentamos à mesa. — Usei o queijo que a gente trouxe lá do sítio do meu irmão.

— Tenho que admitir que o queijo de lá é uma delícia. — Tenho que dar o braço a torcer. — Mas, vó, a gente pode, por favor, passar as férias em um lugar diferente ano que vem, só para variar? — peço, fazendo um beicinho.

— Você sabe que eu queria ter dinheiro para isso, Mel, mas a minha aposentadoria só é suficiente para levar nós duas até o sítio, e a senhorita não quer aceitar mais nada da sua mãe além da mensalidade da sua escola.

Arrependo-me de ter tocado no assunto no mesmo instante, já que isso a fez falar dessa mulher. Sinto um nó no estômago sempre que Catarina é mencionada. Não sei se é raiva ou outra coisa, entretanto, já é o suficiente para a minha mandíbula se contrair. A sensação só piora quando o passado me vem à mente.

Quando me formei no Fundamental 1, minha avó me chamou para ter uma conversa séria. Ela disse que minha genitora tinha se oferecido para pagar um colégio particular para mim. Relutei até chegar ao Ensino Médio e entender que precisaria cuidar da vovó algum dia, mas, mesmo aceitando a proposta, prometi a mim mesma e a minha avó que só aceitaria o suficiente para pagar a escola, nada mais.

Viajar não se encaixa nessa categoria, e o meu orgulho jamais me permitiria pedir dinheiro para curtir as férias.

Então o único lugar ao qual conseguimos ir é o sítio do meu tio-avô, Agenor. É um daqueles lugares bem rústicos, com portões e cercas de madeira, além de pequenas plantações orgânicas e animais de pequeno e grande porte. Agenor tem uma produção própria de queijos artesanais feitos do leite das vacas que ele mesmo cria.

Antigamente, eu não costumava achar tão ruim ir para lá, até me divertia cuidando dos

bichos, andando a cavalo e comendo comida fresca, contudo, como esse passou a ser o único destino das nossas férias e feriados, ir ao sítio se tornou algo monótono.

— E aquele menino que ficou correndo atrás de você lá no sítio? — Vovó me traz de volta ao presente com a pior das perguntas. — Não aconteceu nada?

Ela franze a testa, provavelmente porque a minha expressão é de puro nojo. Em nossa última viagem, passamos dez dias no sítio, e o Paulo, o tal menino, ficou na minha cola por pelo menos nove dias e meio. Ele tem uns dezoito anos e é alto — não um alto charmoso, mas sim desengonçado. Parecia que o menino ia desmontar a qualquer momento. Além disso, é filho do caseiro. Não que eu tenha problemas com isso, afinal, não sou da realeza. Só acho que ser criado naquele ambiente meio “rústico” pode ter deixado ele um tanto bruto. Juro que até estou sendo generosa.

No pouco tempo que convivemos, Paulo teve a audácia de me tratar como tratava as porcas do chiqueiro. É sério! Eu o vi escovando uma das porcas enquanto a chamava de princesa. Minutos depois, usou o mesmo tom para *me* chamar de princesa. Dá para acreditar? A possibilidade de ter qualquer envolvimento com ele estava totalmente fora de cogitação, mesmo se eu já tivesse beijado mil garotos. Imagina deixar ele ficar marcado em minha memória para o resto da vida como o primeiro menino que beijei!

— Pelo amor de Deus, vó! Aquele garoto era... não vou nem dizer, para não ofender. Se for para beijar qualquer um, eu escolho algum tosco na escola mesmo, pelo menos eles não vão me comparar a uma porca.

Minha vó quase se engasga com a lasanha quando ri. Tento manter a seriedade, mas não aguento e caio no riso junto.

— Falando nisso... — Ela muda de assunto depois de recuperarmos o fôlego. — Animada para o primeiro dia do seu último ano?

Qualquer resquício da risada some instantaneamente. Estou em negação, porque hoje é o meu último dia de férias. O problema não é voltar a estudar. Eu amo estudar, essa é a parte mais fácil do Ensino Médio. O real motivo desse meu abatimento é ter que reencarnar a minha cansativa personagem.

— Não muito — admito, exausta. — Queria poder ser eu mesma por mais um tempo. É muito cansativo ser a *Melissa da escola*.

Assim que termino a frase, desejo ter um controle remoto mágico para rebobinar e engolir o que acabou de sair da minha boca, porém já é tarde demais. A vovó já está me encarando com aquele olhar flamejante de reprovação e se preparando para o sermão.

— Eu já cansei de falar que você tinha que parar com essa bobagem de ficar mentindo para todo mundo!

— Não é bobagem, vó — suspiro.

— Já, já isso vai desandar. Mentira tem perna curta, Melissa! E logo alguém vai acabar descobrindo! — Pragueja. — Escuta o que eu estou te falando!

— Mas, vó, a senhora não entende. Eu não posso correr o risco de ser uma rejeitada de novo! — Dou de ombros. — É mais fácil ser quem eles querem que eu seja.

— Eu entendo, sim, os seus motivos, só não acho que essa seja a solução mais fácil. Além do mais, eu aposto que você teria muitos amigos caso se permitisse agir como você é de verdade.

— Como se isso tivesse funcionado antes — rebato.

Não estou nem um pouco a fim de ouvir o extenso sermão que acabou de começar. Assim que termino de jantar, apenas me levanto e volto para o meu quarto. Sei que é desrespeitoso da minha parte deixar minha avó falando sozinha, mas não é como se morássemos em uma mansão. Infelizmente, ainda dá para ouvi-la do quarto, mesmo com a porta fechada.

— Fora que cuidei de você muito bem por todos esses anos — diz, e eu reviro os olhos. — Eu te dei muito amor e carinho, tratei você como minha própria filha!

Já conheço esse sermão de cor e salteado, não aguento mais. Eu amo a vovó, mas sei que nunca vai entender completamente os motivos que me levam a viver essa mentira. Toda a vez que o assunto surge, ela vira um disco arranhado.

Logicamente, a dona Martha não deveria saber sobre a minha vida dupla, esconder isso dela fazia parte dos meus planos. Só que, por ironia do destino, tudo foi por água abaixo. Chegou o dia em que eu não pude mais manter esse segredo.

Ano passado, nós duas estávamos andando pelo nosso bairro quando uma colega da escola passou por coincidência pela rua, fazendo sabe Deus o que — afinal, ninguém de lá frequentaria essa vizinhança. Entrei em pânico, já que estava em meu modo natural, ou seja, ogra. Além do mais, tínhamos ido fazer compras e eu carregava um milhão de sacolas de

mercado.

Escondi-me o mais rápido possível, assustando a vovó. Como ela ficou sem entender o motivo daquele desespero todo, tive que explicar que os colegas da escola não entenderiam o porquê de uma garota rica estar na situação que eu me encontrava. Foi assim que precisei contar a história completa, a começar pelo dia em que conheci a Carol e a Isa.

Poderia ter mentido para ela também, porém, mesmo que eu faça isso com todos no Colégio Cesari, não consigo fazer o mesmo com a vovó. Até porque ela sempre sabe quando estou mentindo, parece até um sexto sentido. Antes desse dia, eu só precisava omitir e nunca tocar no assunto, então era mais fácil esconder algo.

Paro de ouvir a voz da vovó e agora só ouço o barulho da louça sendo lavada. Dou uma catada básica em todo o lixo do meu quarto, dobro e guardo a maior parte das minhas roupas espalhadas no chão. Escolho uma das mochilas que Catarina me enviou esse ano, um lançamento Prada. Bem bonita, mas um pouco exagerada, cheia de bolsos e cristais incrustados.

Com tudo o que eu preciso já arrumado, posso me preparar para dormir. Ou pelo menos tentar.

Fito minha cama e a angústia toma conta de mim. Desde o dia em que contei minha primeira mentira, há dois anos, não tive mais paz. O pavor de ser desmascarada por qualquer pequeno deslize me perturba tanto, que nunca mais consegui ter uma noite de sono decente.

Deito-me e começo a minha odisseia. Fecho os olhos e minutos depois já estou rolando de um lado para o outro. Olho para o relógio na mesa de cabeceira.

00:34.

Continuo me revirando na cama enquanto as horas passam.

01:47.

02:21.

03:49.

Viro-me mais uma vez e...

TRIIIIIIIM.

Sem abrir os olhos, tato minha mesa de cabeceira em busca do meu despertador e, assim que o encontro, arremesso o objeto o mais longe que consigo. É por isso que não coloco meu celular para despertar. O pobre do relógio só não quebra porque cai em uma pilha de roupa

suja que ainda está no chão.

Debato-me na cama, com raiva por não ter dormido nada. Não aguento mais essa maldita insônia! Mal preguei os olhos e já são seis da manhã. Desanimada e exausta, eu me forço a sair da cama igual a um sorvete derretido escorrendo da casquinha. Arrasto-me até o banheiro para começar a minha rotina.

Bocejo e pisco a fim de conseguir enxergar meu reflexo no espelho. Como ontem, assusto-me ao ver o meu estado. Minha aparência alcançou a proeza de estar pior ainda. Agora, como resultado da noite mal dormida, ganhei um par de repolhos roxos debaixo dos olhos.

Logo começo a minha mágica e, um pouco mais de uma hora depois, sou outra pessoa.

O pijama esquisito dá lugar a um shortinho jeans de cintura alta e um cinto. Além disso, uso um body preto justinho que, junto ao short, marca todas as curvas que ganhei na puberdade.

Confesso que me sinto um pouco desconfortável com tudo tão apertado. Nada está exposto, mas a sensação é de estar quase nua. Então decido colocar uma camisa amarela, comprida e soltinha por cima. Finalizo tudo com meu tênis branco preferido. Pelo menos uma coisa desse *look* realmente me agrada.

Dou um jeito de sumir com o ninho de mafagafos e deixá-lo impecável, digno de qualquer tutorial de cabelo da internet. Meus cachos estão alinhados em um coquinho alto no topo da cabeça, com o restante caindo pelos ombros.

As olheiras foram cobertas por uma maquiagem meio pesada para um dia normal no Colégio Cesari. Não podia faltar um delineado perfeitamente simétrico — motivo de inveja para todas as meninas da escola —, realçando o tom âmbar dos meus olhos.

Dou uma última conferida no visual e fico muito satisfeita com o que vejo. Tudo perfeito, como manda o figurino. Se eu pudesse, usaria algo mais confortável, mas essa não é uma opção.

Olho o relógio. *Droga!* Estou em cima da hora.

Procuro minha mochila no meio da zona de guerra que chamo de quarto e a pego antes de sair correndo.

Está na hora de encarar outro tipo de batalha.



Paro em um canto, tiro o celular do bolso e abro a câmera frontal. Ufa! O estrago não foi tão grande. Pego meu pó translúcido na bolsa e retoco minha maquiagem. Uma última checagem na roupa para ver se está tudo no lugar. E pronto. Em um segundo, estou perfeita novamente.

Como não tem entrada pela lateral e a única porta é na frente do colégio, ainda preciso caminhar até o calçadão interno, que é onde estou parada agora, pronta para a minha mutação. Arrumo minha postura, ergo o queixo, fecho os olhos e respiro fundo.

E a encenação começa.

Caminho até a porta principal e a abro. Levo apenas dois segundos para me acostumar à zona diante de mim e entro com uma confiança avassaladora estampada no rosto, típica da Melissa perfeita. Instantaneamente, todos os alunos fixam os olhos em mim. Reconheço esse olhar e sei que a maioria deles estava me esperando. Saber que a admiração que vejo em seus rostos não é direcionada à verdadeira eu, e sim à falsa Melissa, faz meu estômago dar um nó, de forma que preciso me esforçar para não contrair todos os músculos do meu corpo. O nó se aperta mais quando percebo os olhares de inveja lançados em minha direção. Aposto que eles não se sentiriam assim se soubessem a história toda.

Começo a caminhar pelo corredor enquanto aceno para os meus colegas. Todos retribuem o cumprimento felizes, como se eu estivesse fazendo um favor a eles. Até dão pulinhos e se empolgam, como quando uma celebridade dá atenção aos fãs.

— Bom dia, rainha acessível! — grita uma menina com aparelho nos dentes.

— Como foram as férias? — pergunta a garota ao lado dela.

— Incríveis! — minto, com um sorriso, e continuo meu caminho.

Antes de ir para a sala, resolvo passar no banheiro para dar mais uma conferida na imagem. Não posso correr o risco de deixar algo fora do lugar. Na frente do espelho, aproveito para pegar meu perfume na bolsa e, logo depois do primeiro jato, sou interrompida por duas vozes familiares.

— Disseram que uma nova-iorquina nos deu a honra de utilizar o banheiro da nossa humilde escola — brinca Isa, com ar pomposo. Com o susto que levo, o frasco de perfume quase encontra o chão, testando minhas habilidades de equilíbrio.

Isa e Carol estão encostadas no batente da porta do banheiro. Não parecem estar forçando uma pose, mas a imagem delas é quase um editorial de moda conceitual, desses que as modelos fazem em lugares não muito convencionais, tipo mercados, lixões e, nesse caso, banheiros.

Quando as conheci, já eram lindas, porém, aos dezesseis, elas se tornaram beldades.

Sozinhas, já chamamos muita atenção. Juntas, somos um trio de matar.

— Meninas!! — grito, com uma animação forçada. Estremeço ao ouvir o tom de voz anasalado e esnobe que às vezes uso para combinar com a personagem. Um tom bem diferente do que uso com a vovó. — Eu estava morrendo de saudades de vocês! — Não é mentira, talvez só uma meia verdade.

Gosto das minhas amigas, afinal, são as únicas que tenho em muitos anos. Mas todo o pacote que vem com elas é exaustivo. Preciso fingir ter os mesmos gostos e interesses que elas e fico com medo de perceberem algo estranho. Além disso, há um pensamento incômodo que não sai da minha cabeça: será que seríamos amigas se não fossem as mentiras? Tenho 99,9% de certeza que não. Então abrir meu coração para elas e considerá-las verdadeiras amigas é algo impossível.

Carol e Isa são apenas uma parte da minha vida falsa. O que me reconforta um pouco e não permite que me sinta tão mal em usar as duas é o fato de saber que, de certa forma, elas também me usam.

As duas garotas correm em minha direção, e eu abro os braços para recebê-las. Começamos a dar pulinhos animados em meio ao abraço.

— Amiga, conta tu-do! — exige Carol, animadamente.

— Não. Espera! — Antes que eu possa falar qualquer coisa, Isa pega minha mão e me força a dar uma voltinha. — Você está maravilhosa! Nova York te fez muito bem.

Tenho que conter o riso e a vontade de dizer: “Acho que o que me fez bem foi o banho de lama que tomei no chiqueiro do sítio”. Em vez disso, só faço uma cara afetada e jogo os cabelos para trás.

— Huum... por onde começo? — Estou prestes a contar sobre a falsa viagem de férias quando o sinal toca. — Prometo que conto tudo no intervalo, meninas. Agora, vamos, senão a gente vai se atrasar logo no primeiro dia.

— Sua nerd! — Carol brinca.

A sala não está muito cheia, então escolhemos nossos lugares com calma. Sou uma boa aluna e prezo muito pela minha educação, até porque só aceitei estudar aqui para poder dar conforto à minha avó no futuro. Por esse motivo, não posso me dar ao luxo de não ligar para as aulas. Sento-me em um lugar disponível na frente e as meninas me acompanham a contragosto.

— Bom dia, linda. — Diego, namorado de Isa, aparece, puxando-a para um beijo que beira o indecente.

Diego é muito bonito, ao ponto de até fazer uns bicos como modelo. Moreno, alto e com um tanquinho trincado. Em resumo, é o sonho de consumo de quase todas as garotas da escola. Isso mesmo, não só *era*, como ainda é. O assédio não parou, mesmo depois dos dois começarem a namorar. Mas ela não parece se importar, pelo contrário, demonstra adorar esse fato.

— Arrumem um quarto! — Eu e Carol soltamos, quase ao mesmo tempo.

— Invejosas! — Isa rebate, e damos risada.

Mais pessoas chegam enquanto termino de arrumar minhas coisas na mesa. Quando me viro para falar com Isa, percebo que ela olha fixo para algum lugar no fundo da sala. Sigo o olhar dela para descobrir o que a deixou tão concentrada.

— Quem são aqueles? — pergunta Carol, curiosa ao ver que estou olhando para o mesmo ponto que a Isa.

Lá no fundo, na última cadeira, está sentado um garoto que nunca vi antes, indiferente e alheio a tudo e a todos ao seu redor, concentrado em seu livro. Meu Deus, ele é lindo, alto e atlético. Seu cabelo é escuro, uma mistura de liso com cacheado, formando uma “bagunça arrumada”. Não há um único fio no lugar certo, entretanto, todo o conjunto é perfeito.

Mas não é só o seu físico que chama minha atenção. Tem algo nele que me atrai, algo bom que, só de olhar, me acalma. Não sei o que poderia ser, mas é como se alguma coisa me puxasse e me fizesse desejar estar perto dele. Não é um sentimento romântico do tipo amor à primeira vista, nem nada assim. É mais como...

Antes de conseguir decifrar, sinto um frio na espinha. Outra coisa atrai minha atenção. Na sua frente, há uma garota que passaria completamente despercebida se não fosse o contraste com o galã atrás dela.

O cabelo castanho claro da menina quase lembra o meu estado hoje de manhã. Parece até que ela tentou dar um jeito e só acabou piorando a situação. Sua camisa tem um tom azul desbotado e surrado, e a frase “acordei e não recomendo” estampada nela não melhora a situação. Para finalizar o *look* estilo “peguei a primeira coisa que vi no armário”, a cereja do bolo: uma calça de moletom folgada e Crocs.

Como se isso não bastasse, para completar a bizarrice, a garota me encara de um jeito

muito esquisito. Por que ela está me olhando assim? Estou acostumada a ter várias pessoas me observando, mas esse olhar é diferente e me deixa extremamente desconfortável.

— Meu Deus! — Carol se anima, tirando-me dos meus pensamentos. — Ele é um gato!

— Será que é solteiro? — Isa indaga, curiosa.

— Vamos descobrir. — Carol se levanta, puxando a Isa e a mim pelo braço até o novato.

Não quero ir. Vou literalmente arrastada o caminho inteiro. A vergonha está me matando, pois, apesar da minha fama, sou péssima em falar com garotos. Imagina com aquele ali.

Ele não parece perceber nossa movimentação. Mesmo agora, com as três paradas em sua frente, não se mexe nem um centímetro.

— E aí? Gostando da escola? — Isa quebra o silêncio, como se eles fossem velhos amigos se reencontrando.

Ainda sem se mexer, o menino apenas levanta o olhar em nossa direção com cara de quem não queria ter sido interrompido.

Sou atingida em cheio quando vejo os olhos dele e fico completamente hipnotizada. Não pela cor escura, mas porque eles são...

Paz.

É isso!

Esses olhos são pura paz.

Sinto uma enorme vontade de chegar mais perto e absorver essa energia que ele emana. Sem perceber, como se algo estivesse me puxando, dou um pequeno passo para frente e me aproximo.

— Está falando comigo? — questiona, nada amigável, tirando-me do transe.

No que eu estava pensando?

Examino as expressões de todos e, por sorte, ninguém parece ter notado.

— Sim! — responde Isa, animadamente, sem se importar com o tom um tanto hostil do garoto.

— É uma escola normal. — A expressão apática não muda.

— E das garotas? — Isa se abaixa um pouco e apoia as mãos na mesa dele. — Você

gostou?

— Nem reparei. — A apatia se transforma em impaciência. — Tem como vocês me darem licença?

Ainda estou tão nervosa com o que ele me causa, que prefiro assistir à cena sem me envolver. Tento me acalmar, reparando nas outras pessoas ao redor, mas a situação só piora, porque a novata ainda está com os olhos cravados em mim. Queria ter o poder de me desintegrar e desaparecer daqui.

Sem esperar pela nossa resposta, o garoto ergue um pouco o livro em suas mãos e se vira para o outro lado, dando as costas para nós três. Com o movimento, consigo ver que as páginas do livro estão cobertas de marcações em cores diferentes e anotações por todo lado. A aparência de livro gasto, mas não velho, dá a impressão de que já foi lido várias vezes. Quando ele troca rapidamente de página, tenho um vislumbre do que está escrito na capa.

Bíblia Sagrada.

Por que um garoto como ele está lendo uma Bíblia?

Nunca vi ninguém, muito menos da nossa idade, lendo uma Bíblia. Continuo pensando no assunto, mesmo enquanto sou puxada por Carol de volta ao meu lugar. Será que os pais o obrigam? Acho que não. Não teria motivos para ler na escola se esse fosse o caso.

— Quem ele pensa que é para tratar a gente assim? — Carol estoura, indignada, largando-se em sua carteira.

— Não é? Mas não estou nem aí! — Isa debocha. — Meu namorado é muito mais gato que ele.

Ainda não consigo prestar muita atenção nas meninas, porque não paro de pensar em como a escolha literária do garoto é um tanto inusitada. Além disso, ainda faço a besteira de conferir a novata mais uma vez. Por que ela não para de me analisar com essa cara estranha?

Deve ser coisa da minha cabeça. Viro-me para minhas amigas, contudo, ainda consigo ver a menina esquisita com minha visão periférica. Percebo quando ela se vira para o garoto magnético atrás dela.

— Parabéns, Nicholas! — Bate lentas palmas sarcásticas em frente ao rosto dele, que afasta as mãos dela com um leve empurrão. — Você acabou de perder todas as chances de fazer qualquer amizade nesse colégio.

O que? Eles se conhecem? Não aguento a curiosidade e me viro para ver como ele reage ao sarcasmo. Nem um pouco abalado. Muito pelo contrário, apenas a olha com aquela mesma expressão apática de antes.

— Não ligo — solta. Em seguida, levanta a Bíblia e a balança bem próximo ao rosto da garota. — Já tenho tudo o que eu preciso — diz, com um sorrisinho falso.

A novata revira os olhos enquanto gira para a frente novamente. Felizmente, fui mais rápida e me virei bem a tempo de disfarçar e me livrar de ser pega bisbilhotando a conversa dos dois.

Poucos minutos depois, o professor entra na sala e inicia a aula. Preciso esquecer de tudo e entrar em modo de concentração máxima. É a única coisa na minha vida da qual consigo ter pleno controle. Quando o assunto é estudar, tudo ao meu redor não passa de borrões.

A princípio, esse fato chegou a ameaçar a minha personagem, pois algumas pessoas achavam impossível uma garota como eu ser uma disciplinada estudante, já que, pela fama que tenho, seria impossível arrumar tempo para estudar. Por conta disso, mais um boato surgiu.

“Ela só precisa ouvir o professor falar uma vez que tudo fica gravado naquele HD que ela chama de cérebro”.

“Ela só pode ser uma gênio superdotada, com o QI muito acima da média.”.

Para o meu alívio, chegaram a essa conclusão maluca que me permitiu continuar com minhas boas notas. Na verdade, fiquei ainda mais perfeita aos olhos deles. Mal sabem que vou bem nas provas porque tenho muito tempo livre e estudo tanto que, às vezes, acho que vai sair fumaça pelos meus ouvidos.

Sou muito elogiada pelos professores, assim como na minha antiga escola. Destaco-me tanto, que a diretoria me considera uma aluna modelo. Anoto absolutamente tudo, por isso o meu caderno é cheio de cores, esquemas, *post-its* colados por todo canto e caligrafia perfeita. Às vezes, até me arrisco no *lettering*. Muita gente faz fila para fazer uma cópia do meu material.

Todos sabem que respondo às perguntas mais difíceis que ninguém consegue e, como dizem, ainda tenho a bondade de tirar um tempo para ajudar com as dúvidas dos colegas. Esse é o único momento em que posso ser eu mesma no Colégio Cesari, também é a única coisa da qual não consigo abrir mão ou fingir. Realmente gosto de estudar.

Pergunto-me se todos amariam tanto esse meu lado se eu não fosse a *Melissa popular e*

*rica*. Ou eu só seria uma nerd invisível?

Não pretendo pagar para ver.



Quando nos conhecemos, contei para as duas — que espalharam para a escola toda — que meus pais são diplomatas em missão em Guiné-Bissau, na África. Ninguém nunca questionou, porque essa é a mentira perfeita. Diplomatas são reservados e ganham muito dinheiro, ainda mais em países subdesenvolvidos, o que explicaria eu ser tão rica e ter optado por

continuar vivendo no Brasil. Outro fator é que essa é uma profissão tão específica e difícil de confirmar, que a probabilidade de alguém pesquisar é mínima.

— Conheci vários lugares legais. — Finjo pensar e conto nos dedos. — Visitei o Central Park, a Estátua da Liberdade, o Empire...

— Tá, tá, eu vi as fotos. — Isa me interrompe, balança uma das mãos e aproxima o rosto do meu ouvido. — Quero saber é dos garotos. — Ela levanta as sobrancelhas de forma sugestiva.

Ai, não. Esperava poder continuar na parte mais fácil das mentiras. Fingir que sou rica e viajada é fuchinha perto de criar uma vida amorosa falsa. Mas sei que nenhuma das duas vai sossegar enquanto não der a elas uma lista infinita de aventuras.

Já ensaiei mais ou menos o que falaria caso a pergunta surgisse — e tinha certeza de que surgiria —, mesmo assim, não consigo deixar de ficar sem graça por um breve momento antes de me recompor e voltar à personagem.

— É lógico que peguei vários! Tinha um menino no hotel que não parava de me seguir. Quando finalmente cedi, ele ficou apaixonadíssimo e implorou para namorar comigo. — Jogo os cabelos para trás com um ar esnobe. — Mas vocês sabem que eu não me apego.

Um vislumbre do rosto tosco do Paulo passa pela minha memória. Pelo menos a perseguição chata dele transformou minha história em uma meia verdade.

Carol e Isa soltam risadinhas assanhadas e parecem mais empolgadas que eu, a dona da fofoca.

— É claro que a gente sabe! Você perdeu a virgindade até mesmo antes de mim, que tenho namorado! — expõe Isa, sem nenhum pudor, fazendo-me arregalar os olhos por causa da altura da sua voz.

— SHHHH! — Dou um tapa em seu braço, sentindo o rosto queimar. — Fala baixo, garota!

— Por quê? Todo o colégio já sabe mesmo — questiona Carol ao dar de ombros. — Acho que até os professores devem saber disso.

— Graças a quem, né? — rebato. Só me resta forçar uma risada para entrar na onda das duas.

Segundos depois, enquanto Isa conta o que fez com Diego nas férias, sinto um frio na

espinha, típico de quando alguém me observa. Será que... Olho para trás só para confirmar minhas suspeitas.

A novata ainda está com o olhar fixo em mim. Só que agora seus olhos não demonstram curiosidade como antes. Parece que raios lasers estão saindo deles e queimando minha pele. O que isso significa? Julgamento? Deboche? Tudo fica claro assim que a garota arqueia umas das sobrancelhas. Ela está me desafiando.

Prendo a respiração.

Por que estou sendo desafiada por uma garota que nunca vi na vida? Isso não tem lógica nenhuma.

Começo a sufocar. Não aguento mais ficar aqui e ouvir as risadas abafadas das meninas, muito menos enquanto sou fulminada por essa novata. Preciso sair desse ambiente o mais rápido possível, senão, não sei o que pode acontecer. Talvez eu coloque tudo a perder por ter uma crise no meio da sala.

Assusto Carol e Isa ao me levantar subitamente e ir em direção à porta, toda atrapalhada, esbarrando nas mesas e derrubando coisas pelo caminho.

— Ei! Aonde você vai? — Isa grita, mas não fico para responder.

*Respira, Mel. Só se concentra em respirar.* Repito para mim mesma.

Ao correr pelos corredores da escola, sinto as pontas dos meus dedos ficarem geladas. Aperto o passo sem me importar com olhares curiosos que me acompanham. Não sei para onde estou indo até encontrar a placa da biblioteca.

É o lugar perfeito para uma crise.

Uma extensão enorme de estantes de livros proporciona espaços apertados e afastados nos quais ninguém me encontraria. Fico um pouco aliviada quando percebo que o lugar está às moscas, afinal, é o primeiro dia de aula. Uma biblioteca isolada e silenciosa é tudo o que preciso nesse momento.

Sinto uma dormência incômoda na barriga.

Tento segurar o choro até encontrar o espaço mais afastado possível, mas meus pulmões parecem estar grudados um no outro. Estou a ponto de explodir e, antes que as lágrimas desçam, finalmente encontro o cantinho que procuro. Começo a tremer e desabo no chão.

E então as lágrimas explodem. Preciso tapar a boca para conter os soluços. Sinto-me

exausta e parece que estou prestes a apagar. Mas não apago.

Com o rosto molhado e a respiração instável, inspiro e expiro fundo algumas vezes antes de enterrar o rosto entre os joelhos. Não quero pensar em nada. Preciso limpar a mente de tudo que acabou de acontecer e me concentrar em me recompor.

Aos poucos o choro cessa e o ar volta aos meus pulmões. Meus batimentos, que antes estavam a mil por hora, estabilizam-se, na medida do possível.

— Imagino que seja realmente muito cansativo ter que fingir o tempo todo. — Ouço uma voz feminina vinda do alto. — Apesar dos benefícios.

Sinto meu coração parar de vez.

A menina puxa o celular do bolso traseiro e, depois de rolar o dedo pela tela por alguns segundos, vira o aparelho na minha direção.

— Pedi para a minha mãe achar isso e me enviar.

Mesmo com a tela virada para mim, não consigo enxergar muito bem, então me levanto para analisar melhor a foto. Instantaneamente reconheço a minha versão mais nova, com oito ou nove anos. Ao meu lado, há uma garota gordinha, muito familiar.

Espera! Eu sei quem é essa.

Arregalo os olhos diante da surpresa.

— ALICE? — grito, animada.

A única amiga que tive de verdade na vida está bem na minha frente.

— Não achei que fosse lembrar assim tão rápido. Tudo bem que nós éramos muito amigas naquela época, mas já faz bastante tempo. — Ela dá de ombros. Acho estranha a forma como Alice fala, séria e não muito empolgada por ter me reencontrado.

— O seu pai não tinha ido abrir uma empresa no exterior? — relembro. — Quando foi que você voltou?

— Sim, ele abriu. A gente até se estabeleceu bem lá. Só que minha avó acabou ficando doente, então voltamos há mais ou menos uns dois meses para cuidar dela. Mas isso não vem ao caso. — Ela chacoalha as mãos ao mudar de assunto. — Que história é essa de viagem com os pais diplomatas?

Assim como eu, Alice não tinha uma condição financeira muito boa quando era criança. Por isso estudamos juntas e moramos no mesmo bairro. Como éramos muito introvertidas, ficávamos sentadas sozinhas, uma em cada canto do parquinho, durante os intervalos. Um dia, a professora viu e tentou nos aproximar, imaginando que, por sermos parecidas, íamos nos dar bem. E foi isso que aconteceu. Desse dia em diante, não nos desgrudamos mais até a sua ida para os Estados Unidos.

Agora ela está de volta. E rica, pelo visto.

Mas Alice conhece meu passado e sabe que não tenho pais diplomatas.

— Alice, você não pode contar a verdade para ninguém! Por favor — suplico.

Ela me fita por um tempo antes de levantar uma das sobrancelhas da mesma forma que fez na sala.

— Então, quer dizer que você se tornou super popular — diz ela, tocando a bochecha com o dedo indicador — mentindo para todo mundo?

— Mais ou menos — assumo, sem graça. — Não sei bem como tudo começou, mas, quando vi, já tinha virado uma bola de neve e não deu mais para voltar atrás.

— Huuum! Entendi. Então, já que é assim...

Não estou gostando do tom que ela usa. Uma sensação ruim causa um aperto no meu estômago. Alice caminha de um lado para o outro até se virar para mim de novo.

— Vamos fazer um acordo.

— O que? Acordo? — pergunto, claramente confusa.

— Sim! Se em — pensa por alguns segundos — um mês você fizer de mim uma garota tão popular quanto você, eu guardo seu segredo! — Ela sorri com escárnio.

Não! Não pode ser! Só posso ter ouvido errado.

— Espera. — Aperto os olhos. — Você está me chantageando?

— Eu prefiro chamar de acordo. — Levanta os ombros — Mas chame como quiser.

Travo, sem conseguir processar tudo o que acabou de acontecer. É inacreditável que a pessoa de quem eu tinha lembranças tão boas esteja aqui, na minha frente, me chantageando. Parece que tudo está prestes a desmoronar.

— O que houve com você? Nós éramos melhores amigas! — Esforço-me para conter as lágrimas. Não quero chorar na frente dela, pelo menos não outra vez.

— *Você não é mais a mesma. Por que esperava que eu fosse?* — Ela desabafa com desdém. — Mesmo depois que fui embora, continuei a mesma excluída de sempre, enquanto você estava aqui aproveitando sua popularidade.

Alice dá um passo para a frente, ficando a centímetros de mim, e afunda o indicador no meu ombro.

— Você agarrou a chance quando ela surgiu e começou a mentir para todo mundo. Agora, uma oportunidade surgiu para mim também, e pretendo fazer o mesmo.

Estou chocada. Totalmente sem reação. Meu cérebro ensaiou várias saídas para o caso de alguém me desmascarar, mas nenhuma delas se aplica a essa situação. Não consegui prever, muito menos me preparar para isso.

Minha amiga de infância percebe que estou sem rumo, então me dá as costas e sai pelo corredor isolado, em meio às estantes abarrotadas de livros. Ela para no fim dele, girando apenas meio tronco para trás.

— Vou te dar até amanhã para pensar, ok?

Só fico ali parada, derrotada, enquanto a vejo ir embora. Quando ela some, meu corpo desaba novamente no chão.

E agora?



Durante todo o caminho para casa, fito a janela do ônibus com o olhar perdido, pensando em como me livrar dessa situação. As coisas mais mirabolantes passam pela minha cabeça.

*Tentar entrar em contato com alienígenas para mudar de planeta?*

Absurdo demais.

*Vender arte na praia?*

Habilidades manuais não estão na minha lista de talentos.

*Largar o colégio e arrumar um trabalho? Ou talvez ir para os Estados Unidos ser babá?*

É uma possibilidade.

*Pedir para ir morar com a Catarina?*

Nunca! A ideia de contatar ETs é mais crível.

Por fim, chego à única opção plausível: *mudar de escola*.

Chego em casa bufando. A raiva é tão grande que jogo minha mochila em qualquer lugar e me largo no sofá.

— O que foi, garota? — a vovó se assusta, sentada na outra ponta.

— Vó, lembra da Alice Braga, aquela menina aqui do bairro que era minha amiga quando a gente era criança e que vivia aqui em casa?

— Aquela gordinha? — indaga, depois de pensar um pouco. — A que se mudou para o exterior?

— Essa mesma! O que aconteceu foi que, basicamente, ela voltou e agora está me



chantageando.

— Ai, meu Deus! — Dona Martha cruza os braços, indignada. — Falei que isso não ia acabar bem, Melissa!

Arrasto-me até onde ela está sentada e a abraço meio de lado.

— Vózinha linda do meu coração. — Faço um beicinho pidão. — Por favorzinho, me deixa mudar de escola?

— Está doida, garota? — Ela empurra meus braços, perdendo a paciência. — Você não inventou de mentir para todo mundo? Pois agora arque com as consequências.

Eu sabia que essa era uma luta perdida, mas não custava tentar.

Tiro minha mochila do lugar em que a deixei e caminho até meu quarto, choramingando. Fico trancada o dia todo e só saio para comer. À noite, tento dormir cedo. Uma doce ilusão, é claro. Minha velha “amiga” chamada insônia bate à porta, como sempre.

Rolando na cama, encaro o relógio e vejo as horas passarem. Fico presa nesse angustiante ciclo, sem ter o que fazer para evitar a tortura. Quando me dou conta, já são 02:46 da manhã.

Viro-me mais uma vez, com os olhos pesando.



## CAPÍTULO 5

### SEM ESCOLHA

Minha visão embaçada vai se dissipando até eu conseguir enxergar com clareza. Aos poucos, situo-me no ambiente ao meu redor e percebo que estou no corredor da escola. Só que nem me lembro de ter acordado, muito menos de me arrumar e vir até aqui.

Tudo parece estranho e diferente.

Uma espécie de neblina sombria toma conta do lugar. Não consigo ver muita coisa, mas não demoro a caminhar em direção à saída. No caminho, deparo-me com um homem e uma mulher parados, de costas para mim.

Logo os reconheço. Não sei como, mas os reconheço. No fundo do meu coração, sei quem são, mesmo sem ver seus rostos.

Subitamente, eles começam a andar e se afastam de mim. Desesperada, tento ir atrás deles e noto que não consigo dar nem um passo. É como se meus pés estivessem colados ao chão.

— MÃE! PAI! — chamo os dois, dando um grito angustiante, e percebo que meu rosto está molhado de lágrimas.

Mas gritar é inútil. Eles continuam a se afastar cada vez mais, até que desaparecem em

meio à neblina. Quando não consigo mais vê-los, finalmente meus pés resolvem funcionar e corro atrás deles, sendo impedida no meio do caminho por alguém, que me puxa de forma brusca.

Encaro a mão em volta do meu pulso e traço o caminho até o rosto.

Alice.

Ela levanta as sobrancelhas e começa a gargalhar de maneira perturbadora. Consigo me desvencilhar dela, mas o som é tão enlouquecedor que sou obrigada a cobrir as orelhas e fechar os olhos. Minhas pernas cedem e desabo no chão.

Permaneço assim até que, depois do que parece uma eternidade, o silêncio reina, e não sinto mais a presença de Alice. Forço-me a abrir os olhos, só para descobrir que, pelo visto, isso ainda está longe de acabar. Sentada no chão, agora estou no meio de uma rodinha, com todos os meus colegas de escola, inclusive Isa e Carol. Todos me encaram, quietos.

Ainda chorando, tento me levantar para entender o que está acontecendo, mas um deles me impede. Isa e Carol apontam o dedo para mim e disparam gargalhadas. Os outros as imitam e o cenário se transforma em um coral de risadas e deboche.

Sinto-me humilhada.

Estou exausta e não tenho forças para mais nada. As lágrimas apenas escorrem pelas minhas bochechas enquanto sinto meu corpo completamente dormente. Um por um, os adolescentes param de rir e se levantam, deixando a roda e desaparecendo na neblina. Quando o último vai embora, fico sozinha, e o que me resta é encarar o meu maior medo.

Acabar sozinha.

Um grito angustiante sai da minha garganta e abro os olhos, assustada.

Meu quarto. Estou em casa, e tudo não passou de um pesadelo, um pavoroso e horripilante pesadelo que pode facilmente se tornar realidade se Alice contar a verdade para todos.

Impedirei esse cenário a todo custo.



Assim que chego à escola, procuro por Alice e a encontro sentada na sala de aula, no mesmo lugar de ontem. Felizmente, Carol e Isa ainda não chegaram.

Tento chamar a atenção dela de forma sutil, e ela logo me nota. Alice começa a andar em minha direção e, assim que chega perto, eu saio do lugar e vou em direção à porta, torcendo para que ela deduza que deve me seguir até o corredor no qual nos encontramos ontem, na biblioteca.

— O que você está fazendo? — Alice pergunta, já na biblioteca, ao me ver olhando ao redor, entre as estantes de livros.

— Estou me certificando que ninguém nos viu.

— Que paranoia!

— E a culpa é de quem? — questiono, enquanto a fulmino com o olhar. — Se você não estivesse me chantageando, eu não estaria paranoica.

— A culpa é sua! — ela rebate. — Se você não estivesse mentindo para todo mundo, não teria munição para chantagem.

Que cara de pau! O pior é que sou obrigada a admitir que, dependendo do ponto de vista, é verdade. A paranoia não começou com a chantagem de Alice, sempre existiu. Talvez a culpa seja mesmo minha por ter me enfiado nessa bola de neve que a qualquer momento poderia derreter.

De qualquer maneira, isso ainda é melhor do que ficar sozinha.

— Não importa, eu te chamei aqui para dizer que não tenho escolha a não ser aceitar o seu... — Faço o sinal de aspas com os dedos. — Acordo.

Agora, sim, ela parece animada, como deveria ter ficado ontem, ao me reencontrar.

— Ótimo! E qual o primeiro passo?

— Primeiro, eu... Quer dizer, a gente vai precisar dar um jeito nisso. — Analiso Alice de cima a baixo. Ao notar meu olhar, ela também abaixa a cabeça para olhar suas próprias roupas. — Se, claro, você quiser que dê certo.

Sua calça muito folgada, com rasgos enormes, que vão muito além do que seria considerado estiloso, junto a uma camisa larga de lavagem surrada e uma estampa duvidosa —

não dá para entender se é um gato, um ET ou uma junção bizarra dos dois — compõem um *look* com zero potencial para a popularidade.

— Vou escolher não ficar ofendida. — Cruza os braços, claramente ofendida. — E então, o que sugere?

— Preciso ver o que tem no seu guarda-roupa, para saber se dá para salvar algo.

— Alguma das coisas que estou usando agora se salva?

— Huum... Gostei do seu tênis. — É preto, modelo skatista. — Mas não dá para defender o resto.

Alice faz uma careta.

— O que foi? — preocupo-me.

— Acho que teremos muito trabalho, então.

Essa “missão” está ficando cada vez mais impossível.

— Posso ir à sua casa hoje? — pergunto, e ela pensa um pouco.

— Acho que sim. Só preciso falar com meus pais antes. Eu te aviso até o fim da aula. —

Alice me estende o celular. — Coloca seu número aí.

Salvo meu contato como “ex-melhor amiga” e devolvo o aparelho.

— Engraçadinha! — Um sorriso irônico é lançado em minha direção.

O resto do dia passa rápido. Tento ao máximo me concentrar na aula, não posso deixar que ela afete mais essa área da minha vida, mas, de tão tensa e distraída, quase esqueço de dizer que estou presente na hora da chamada. Olho algumas vezes para trás, com a intenção de conferir se a chantagista está tão ansiosa quanto eu com tudo que está acontecendo. Mas, em vez disso, só a vejo conversando calmamente com Nicholas, como se fossem velhos amigos.

Nota mental: descobrir como os dois se conhecem quando eu for à casa dela.

Depois da última aula do dia, que é de Educação Física, vou ao banheiro para me trocar. No caminho para casa, meu celular vibra no bolso. É uma mensagem da Alice com o endereço da sua casa. Enquanto leio, chegam outras duas notificações.

### Alice

*Meus pais vieram me buscar para um almoço.*

*Tive que sair correndo! Vai lá para casa por volta das 15:00, eu já devo ter chegado!*

Respondo só com um “ok” e vou para casa, agradecendo mentalmente por ter tempo de passar em casa para tomar um banho. Se é para me humilhar desse jeito, que pelo menos seja cheirosa e com um pouco de dignidade. Depois de almoçar a comida que a vovó deixou pronta antes de sair de casa hoje cedo, vou para o quarto me arrumar.

Já que Alice conhece a verdadeira eu, não me incomodo em ficar super estilosa. Coloco um vestidinho florido e soltinho, o mais confortável possível, e meus amados tênis brancos. Amarro meus cachos em um coque alto e meio bagunçado. Deixo meu rosto limpo, afinal, não tenho motivo para passar maquiagem. Estou mais do que ótima.

Aproveito para colocar em uma mochila algumas coisas das quais com certeza vou precisar para a transformação de Alice. Pego maquiagens e roupas que a Catarina mandou e não ficaram muito boas em mim. Acrescento também uma chapinha e o *babyliiss*.

Enquanto confiro se ainda falta alguma coisa, ouço a vovó chegar e a encontro carregando várias sacolas de mercado.

— Cuidado, vó! — Pego as sacolas das suas mãos. — Desse jeito, suas costas vão ficar cada vez piores.

— Eu precisava comprar umas coisinhas que estavam faltando.

— Podia ter me esperado, eu ia com a senhora. — Repreendo-a.

— Deixa de besteira, garota. Estou velha, mas não inválida — minha avó argumenta, fazendo-me rir. Tem vezes que ela teima em não aceitar que não é mais a mesma de antes e insiste em se sobrecarregar.

— Vai sair? — pergunta, enquanto me olha de cima a baixo ao perceber que não estou usando meu traje natural de ficar em casa, ou seja, pijamas.

— Vou na casa da Alice.

A vovó faz uma careta.

— Vou lá ver o que posso fazer com a aparência dela. Parece que, em vez de escolher uma roupa, ela se joga no cesto de roupa suja e o que consegue agarrar é o *look* da vez.

— Então você resolveu aceitar a chantagem?

— E eu tinha outra escolha? — Olho para ela como se fosse óbvio.

— Claro que tinha! — Dona Marta bate o pano de prato, que acabou de pegar, em mim.

— Podia ter desistido dessa palhaçada, como já mandei você fazer, um milhão de vezes.

— Vó...

— Não importa. Sua vida, suas escolhas. — Interrompe. — Mas depois não diz que não avisei.

Ela encara o relógio na parede da cozinha e se vira para mim outra vez.

— Que horas você precisa estar lá?

— Às três, por quê?

— Sabe aqueles biscoitos chiques que tem nos filmes que você assiste? Aqueles com gotas de chocolate.

— *Cookies*? — Tento traduzir.

— Isso aí mesmo. Para que ficar inventando essas frescuras? — Solta um muxoxo. — É tudo biscoito, meu Deus.

— *Cookie* é biscoito em inglês, vó — explico, rindo. — Mas o que tem eles?

— Eu achei uma receita no celular e não parece difícil. — Ela coloca os óculos no rosto e abre a receita no aparelho. — Vou testar, e você experimenta antes de ir.

Quase uma hora depois, um aroma delicioso começa a se espalhar pela casa.

— Huuum! — Vou fungando até a cozinha. — Sinto cheiro de chocolate.

Quando tento pegar um na travessa, levo um tapa na mão.

— Está quente, menina! — Ela se vira para buscar um prato.

Aproveito que a vovó está de costas para roubar um biscoito que ainda está fumegando. Dou uma mordida enorme, fazendo um malabarismo para não me queimar, mas ela percebe e me olha de cara feia.

— Ficou uma delícia, vó! — elogio depois de engolir e mando um beijo para ela.

A cara feia se desfaz na hora.



Encaro a porta de Alice por alguns minutos, criando coragem para tocar a campainha.

Na tentativa de controlar o nervosismo, fico parada na entrada por tempo suficiente para qualquer vizinho achar meu comportamento suspeito.

Respiro fundo. É agora! Toco a campainha.

Menos de um minuto se passa e a porta começa a se abrir, rangendo. Arregalo os olhos, espantada ao ver quem aparece para me receber — pelo jeito, ele está tão surpreso quanto eu.

— Você? — pergunto, confusa. — O que está fazendo aqui?

— Eu *moro* aqui — Nicholas responde, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — A pergunta certa é: o que  *você*  está fazendo aqui?

— Ouvi a campainha, quem... — Alice surge atrás dele e interrompe a frase ao me ver.



— Ah! Você chegou.

— O que está acontecendo aqui e por que vocês moram juntos? — Não estou entendendo nada.

— Mel, esse é o Nick. — Ela aponta para ele e depois para mim. — Nick, essa é a Mel.

Nick — o apelido combina — olha bem nos meus olhos. Instantaneamente sinto aquele magnetismo que quase me fez perder o equilíbrio no primeiro dia de aula. O que esse garoto tem?

— Eu sei quem ela é — diz, com o rosto impassível.

Não sei se isso é uma coisa boa ou não. O que quer dizer? Será que ele reparou em mim? Será que também sente esse negócio entre nós, ou é só um lance unilateral mesmo?

— Não sabia que vocês eram amigas. — Pelo jeito, eu não sou a única que está confusa.

— Dá para você sair da porta e deixar a garota entrar?

Alice puxa a maçaneta e me arrasta para dentro. Depois que fecha a porta, ela cruza os braços, impaciente.

— Ela era minha melhor amiga na infância, mas agora...

— Nossa relação é complicada — interrompo Alice, antes que ela fale demais. — Mas eu ainda não entendi a relação de vocês — aponto de um para o outro.

— Somos primos — explica Nick.

PRIMOS?

— Sim — ele responde. Pelo visto, pensei alto. — O pai dela e a minha mãe são irmãos.

— Mas os sobrenomes de vocês não são iguais — recordo-me da lista de chamada da escola.

— É porque a minha mãe tirou o sobrenome Braga quando casou e pegou o Cardoso do meu pai — Nicholas esclarece.

Impossível! Não tem como esses dois serem parentes. Ao olhar para o Nick, sou tomada pelo desejo de chegar mais perto e absorver toda essa serenidade que ele emana. Já quando olho para Alice, só tenho vontade de esganá-la. Fora que eles não se parecem nem um pouquinho. Como podem compartilhar os mesmos genes?

Enquanto tento processar a informação, um detalhe me vem à mente.

Estou aqui, na frente de Nick, um aluno — lindo — do Colégio Cesari.

E eu não me arrumei.

ESTOU EM MODO NATURAL!!!

O que eu tinha na cabeça para sair de casa assim? Não! A culpa é da Alice! Por que ela não me avisou que Nicholas era seu primo e estaria aqui?

Meu coração acelera em um ritmo preocupante. Acho que estou prestes a desmaiar.

— Você está bem? — Nick parece... preocupado? — Você ficou meio pálida.

Ele se aproxima, pega minha mochila e a entrega para Alice. Tenho certeza de que vou desmaiar quando ele coloca as mãos nos meus ombros.

— E... eu — pigarreio — estou bem. Acho que foi só uma queda de pressão. Nada demais.

Que desastre.

Nick assente e me solta, deixando o calor da sua mão no lugar onde a tinha colocado.

— Queda de pressão? — Alice zomba. — Quantos anos você tem?

Ele ignora a prima e analisa meu rosto por tempo suficiente para que eu sinta minhas bochechas esquentarem.

— Você está bem mesmo? — questiona, para ter certeza. — Quer uma água ou um pouco de sal?

— Não precisa. — Coloco atrás da orelha um cacho que escapou. — Mas obrigada.

— Ela já melhorou — diz Alice para o primo e se vira para mim. — Então, será que podemos começar o que você veio fazer aqui?

— É... Nick, né? — Finjo indiferença. — Foi um prazer — mal termino a frase e minha ex-melhor amiga já começa a me puxar pelo corredor.

— Prazer — ouço Nick dizer, ainda parado na porta.

Em menos de quarenta e oito horas, Alice já quase conseguiu me matar do coração duas vezes.

Será que ela tem mais alguma revelação surpreendente para fazer?

O Nick não liga para garotas? Então isso quer dizer que...

— ELE É GAY? — pergunto, perplexa.

Não é possível que isso seja verdade. Como assim? Já não basta tudo que aconteceu, ainda vou ser nocauteada mais uma vez? Não que eu acredite que tenha muita chance com ele, mas saber que a possibilidade é nula seria um baque e tanto.

— O que? — Alice ri. — Não! Ele só diz que não está com foco nisso, pelo menos não agora.

Conheço um total de zero garotos da nossa idade que não estejam com o foco em garotas. Até dá para entender aqueles que não levam jeito nenhum com elas dizerem isso, mas, olhando para Nick, não imagino que esse seja o caso. O cara é lindo e nem precisaria falar muita coisa para ter qualquer uma babando por ele.

— Falando em foco, vamos parar de falar daquele chato e começar a fazer o que você veio fazer aqui. — Alice me tira dos meus pensamentos e aponta para o armário aberto. — Quer começar vendo as roupas?

Entrei no quarto tão atordoada que nem reparei na decoração. Aquele papo de que o seu quarto reflete o seu interior não se aplica a Alice. A decoração é moderna e *clean*. As paredes brancas e imaculadas, com só alguns quadros *face lines* em tons pastéis, dão a impressão de que o ambiente acabou de ser reformado.

Sob o edredom marfim da cama de casal repousam algumas almofadas. Em uma escrivaninha, no canto do quarto, estão um iMac invejável e uma fileira de livros que parecem nunca terem sido tocados. Aparentemente, ela não é amante da leitura como eu.

O ambiente é estiloso e arrumado, ou seja, não combina em nada com a Alice. Eu confesso que, pela maneira que se veste, pensei que ela dormisse em um quarto todo preto, com paredes cheias de desenhos bizarros, caveiras, pentagramas e coisas do tipo.

Essa garota é um mistério.

Passamos os trinta minutos seguintes tirando quase tudo de dentro do armário e espalhando pela cama. Agora o lugar está mais zoneado do que o meu quarto nas férias.

Incrivelmente, encontro várias peças decentes. Os tênis são todos lindos, e ela tem muitas roupas de marca quase intocadas.

— Por que você não usa essas?

— Sei lá! — Dá de ombros. — Minha mãe que comprou para mim, mas não sei como

combinar direito e sempre acho que fico esquisita.

Separo uma calça jeans larguinha de lavagem clara e um *cropped suplex* sem mangas, entregando as duas peças a ela.

— Toma, veste isso com aquele tênis skatista preto que você usou na escola hoje.

Alice some no banheiro enquanto eu aproveito para montar mais uns três *looks*. Pego minha mochila e tiro dela o que trouxe de casa.

Coloco minhas coisas em cima da penteadeira branca, na qual há apenas um rímel claramente velho e um *lip balm*. Pelo menos ela hidrata os lábios. Arrumo tudo e ligo a chapinha.

Alice volta do banheiro vestida com as roupas que dei a ela.

— E aí? Ficou bom?

Estou surpresa. Ela já está bem diferente de hoje de manhã. A calça folgada fica bem em seu corpo magro e o *cropped* marca os lugares certos.

— Huum... Você ficou ótima! — Olho bem para o seu rosto. — Mas dá para melhorar.

Puxo a cadeira da penteadeira e sinalizo para que ela se sente.

— Você que trouxe essas coisas? — Alice aponta para a parafernália que tirei da mochila.

— Sim. Imaginei que você não teria, então trouxe de casa.

Sua pele não é ruim, o que facilita o processo de prepará-la para a maquiagem. Não pretendo fazer nada muito complicado, para que ela possa reproduzir o mesmo processo nos próximos dias.

— Presta atenção no que estou fazendo. Você vai fazer sozinha amanhã. Tenho mais maquiagem fechada em casa, então pode ficar com isso.

Alice só assente enquanto se atenta ao espelho. Ela parece estar bem animada com a transformação, e por incrível que pareça, eu também estou.

Concentro-me tanto na aplicação do delineado que quase borro ao ouvir um barulho do lado de fora do quarto e lembrar que Nick está em algum lugar da casa. Quero muito saber mais sobre ele, mas acho que Alice não vai querer voltar ao assunto agora. Então, enquanto estou tentando domar as suas sobrancelhas, aproveito para perguntar sobre outra coisa que me deixou intrigada.

— Eu jurava que, agora que sua família tem dinheiro, vocês morariam em um lugar

mais chique. Aqui é bem perto da sua antiga casa.

— Implorei para eles escolherem um lugar melhor. — Ela revira os olhos — Só que a minha mãe insistiu para ficar perto da casa da minha avó, sabe? Caso surgisse alguma emergência.

— Então quem está doente é a mãe dela?

— Sim. Minha mãe é filha única e cuida da minha avó sozinha. Na verdade, ela queria que a gente ficasse lá na casa da vovó, só não ficamos por falta de espaço.

— O que sua avó tem? — A pergunta é meio indelicada, mas não tenho motivos para ser polida com Alice.

— Alguma coisa no coração. Não sei explicar muito bem, o que sei é que ela precisou fazer uma cirurgia e está de repouso. Minha mãe passa praticamente o dia todo na casa dela.

— Moro sozinha com a minha vó e não gosto nem de imaginar o que faria se algo acontecesse com ela. — Estremeço. — Espero que a sua melhore logo.

O desejo é sincero, e acho que Alice percebe.

— Obrigada — agradece, disfarçando a comoção.

Voltamos a ficar em silêncio. Aproveito para passar um pouco de chapinha em seu cabelo castanho claro. Ele já é liso, mas é bem volumoso e estava cheio de *frizz*.

Alguns minutos depois, acabei o meu trabalho.

— Você está um arraso! — E não estou mentindo.

— UAU! — Alice admira a “nova pessoa” que a encara no espelho. — Quem é essa? — brinca, com falsa modéstia.

Damos risada juntas e encaramos o reflexo uma da outra. Sinto um pouco de constrangimento e sei que ela também. Talvez, se não fossem as circunstâncias da nossa atual relação, esse momento até poderia ser legal. Em outra realidade, seríamos apenas duas melhores amigas curtindo uma tarde juntas.

Volto-me para a cama cheia de roupas e começo a montar possíveis combinações em cabides. Ela se junta a mim, dobrando algumas que vão para a pilha das que não deveriam ser usadas nunca, que apelidamos carinhosamente de “pilha do lixo radioativo”.

— Acho que essa vai aí também. — Pego a camisa do gato ET que foi usada hoje de manhã e entrego a ela, que faz um biquinho triste antes de rir.

Aproveito o clima amigável entre nós para voltar ao assunto no qual não paro de pensar: Nick.

— Então... — começo, meio sem graça. — Por que seu primo veio morar com você?

Alice cruza os braços e me olha com ar de provocação.

— Posso saber por que você está tão interessada no Nick?

Sinto o rosto esquentar. Não quero que ela pense que estou a fim dele. Até porque não estou. Dizer que isso não pode acontecer no futuro — ou que ele não é maravilhosamente lindo — seria mentira, mas ainda é muito cedo para criar algum sentimento.

A atração é inegável, porém não é isso que mais me atrai e atiça a minha curiosidade. É outra coisa. Preciso descobrir o que é e de onde vem.

— É só curiosidade — tento disfarçar e falar sobre o assunto como se não fosse nada de mais. — Eu só não sabia que você tinha um primo e quero entender o porquê de ele estar aqui.

— Sei... — Ela aperta os olhos, desconfiada. — Quer saber? Vamos comer alguma coisa, aí você aproveita para tirar suas dúvidas com o próprio.

— Não!

Mas já é tarde demais para qualquer protesto. Rapidamente ela abre a porta e desaparece do lado de fora.

— NICK? — chama, bem alto. — VOU FAZER PIPOCA, VOCÊ QUER?

— QUERO! — ele grita de volta.

— ENTÃO VEM PARA A SALA!

Ouçó a porta do quarto dele ser aberta.

Eu vou matar a Alice.





Alice vira as costas e some ao ir em direção à cozinha. Fico assistindo-a se afastar enquanto penso sobre como deve ter sido essa conversa entre os dois. Será que ela contou sobre nosso “acordo”? Pouco provável, já que ele não sabia que eu vinha aqui hoje.

— Melissa? — Ouço meu nome e lembro-me de que agora estou sozinha com Nick.

— Ah! O... — Pigarreio. — Oi. — Eu sou uma negação.

— Você estava viajando. — Ele sorri meio de lado. — Vamos esperar na sala?

Eu deveria ir atrás de Alice, mas não consigo resistir a esse sorriso e a minha curiosidade de o conhecer mais.

— Pode ser. — Uso o tom mais casual que consigo.

Nick se joga em uma poltrona na lateral da sala e eu me sento no sofá, em frente à televisão. Apesar de a casa parecer antiga por fora, o interior é muito bem conservado. Os ambientes são modernos e recém reformados. A diferença entre a casa de Alice e a minha, com a decoração peculiar da vovó, é gritante.

Concentrado no celular, Nicholas não dá sinais de que vai iniciar uma conversa. Sou um desastre com garotos, mas não vou aguentar esse silêncio constrangedor. Além do mais, estou cheia de perguntas. Então decido quebrar o gelo.

— Posso perguntar uma coisa? — falo de uma vez.

Nick levanta os olhos do celular e me olha, colocando o aparelho ao seu lado.

— Claro. Espero saber a resposta. — Ele apoia os cotovelos nos joelhos e une as mãos, apoiando o queixo sobre elas enquanto me encara.

Sorrio sem mostrar os dentes, um pouco sem graça. Minha coragem súbita ameaça me abandonar, mas consigo agarrá-la outra vez.

— Por que você veio morar com a Alice?

Não é tão comum primos morarem juntos. Pergunto-me se algo aconteceu com os pais dele. Ai, meu Deus! E se for um assunto sensível e eu estiver aqui, na maior cara dura, perguntando de maneira tão direta?

— Desculpa. — Tento amenizar a minha gafe. — Se for pessoal, não precisa falar.

— Não é nada demais. — Relaxo os ombros, aliviada. — Vim para terminar o Ensino Médio sem imprevistos.

Minha expressão facial muda de aliviada para intrigada em uma fração de segundo.

Acredito que ele percebe a minha confusão, porque exhibe aquele sorrisinho charmoso de novo.

— Eu me mudo muito, por causa do trabalho do meu pai — esclarece Nick.

— Militar? — deduzo, e ele assente.

— Acabei me atrasando muito na escola, então meus pais me pediram para morar aqui até a formatura, só para não correr o risco de eu me mudar e perder mais um ano escolar, sabe?

— Faz sentido — reflito. — Mas você se atrasou muito?

— Fiz dezoito em julho do ano passado. — Observo-o levantar o polegar, como se estivesse numerando a primeira evidência de seu atraso. — Já tenho carteira de motorista e ainda não me formei. — Ele levanta o dedo indicador e o médio para indicar a segunda e a terceira evidência, faz uma cara de desgosto e ri. — O que você acha?

— Dezoito? É... — Dou risada também. — Acho que você se atrasou um pouquinho.

— Pois é. — Nossos olhares se encontram em meio aos risos. Percebo que ele ficou um pouco constrangido quando desvia o olhar e pigarreia.

Alice volta da cozinha com três potes de pipoca nas mãos e entrega um para cada.

— Qual é o assunto? — pergunta ela, colocando um pouco de pipoca na boca.

— Nada de mais — respondo.

Não quero contar que colhi mais informações sobre Nick. Ela já está toda desconfiada de mim por causa do meu súbito interesse nele, e não vou dar mais motivos para aumentar as suas suspeitas.

— Foi você que fez isso com ela? — Nick aponta para a prima, mas a pergunta é direcionada a mim.

— É... — Esse garoto tem o poder de me deixar sem graça. — Foi sim.

— Por quê? — O rosto dele se espreme em uma careta.

— Você ainda não superou isso? — Alice levanta os braços com indignação. — Qual o problema hein, Nick? — explode. — Eu só cansei de ser a garota excluída, meu Deus do céu! O que tem demais em querer mudar um pouco?

— Eu já sei os *seus* motivos, Ali. — Seus olhos castanhos se desviam dela e me encaram. — Eu quero saber o motivo de *ela* estar fazendo isso.

Estremeço e olho para Alice. É óbvio que toda essa situação é no mínimo estranha. Tudo bem que já fomos melhores amigas no passado, mas perdemos contato por muito tempo.

Somos pessoas completamente diferentes agora. Não faz sentido a garota mais popular da escola estar ajudando uma esquisitona a melhorar o status social.

Antes que eu possa inventar qualquer mentira como desculpa, Alice já começa a falar.

— Aproveitei que sei uns segredinhos dela, sabe? — Ela levanta as sobrancelhas, sugestivamente.

Arregalo os olhos. Não acredito que ouvi isso. Aperto a almofada ao meu lado com força, com o impulso de jogá-la na cara de Alice crescendo dentro de mim.

— Segredinhos? — Nick parece intrigado.

— Sim! — Ela abaixa a voz e sussurra, como se estivesse prestes a contar um segredo.  
— A Mel só é popular porque mente sobre...

— ALICE!! — O impulso vira ação e realmente joga a almofada em sua direção.

— Está bem! — Ela joga a almofada de volta e se vira para o primo, com um sorrisinho cínico estampado no rosto. — Desculpa, não posso contar.

— Espera. — Nick parece fazer os cálculos.

Alice não deu muitas informações, mas qualquer ser humano com o mínimo de QI conseguiria deduzir o que está rolando.

— Então quer dizer que você mente sobre alguma coisa para ser popular. — Olhando para mim, ele faz aspas ao pronunciar a última palavra, e se vira para a prima. — E você está chantageando ela pelo mesmo motivo?

— Olha só! — Alice finge inocência. — Ele acabou descobrindo sozinho.

Fulmino-a com os olhos e quase consigo ver a fumaça sair de sua pele.

— Se você não tivesse aberto essa sua boca grande, ele não tinha descoberto nada — esbravejo, prestes a brigar com ela, mas sou interrompida quando Nick se levanta bruscamente da poltrona, indignado.

— Vocês são malucas? O que as duas têm na cabeça?

Estranhamente, a decepção nos seus olhos me afeta de um jeito que eu não esperava. Nem ligo muito para o fato de ter sido desmascarada, muito menos sinto medo de que ele conte para alguém. Na verdade, por alguma razão desconhecida, estou triste. Triste por ser essa pessoa e por ter desapontado esse garoto que nem conheço direito.

— Nick. — Levanto-me, e minha voz sai engasgada. — Eu posso explicar.

— Olha, sinceramente, não importa. — Ele me ignora. — Não vou julgar você ou os motivos que te levaram a fazer isso, mas, se posso te dar um conselho, a verdade é sempre melhor. Mentir, por qualquer razão que seja, não deveria nem ser uma opção.

Deixo-me desabar novamente no sofá. Meus olhos ficam embaçados por conta das lágrimas e preciso segurar para não deixá-las caírem. Por que estou tão abalada? Não é nada que eu já não tenha ouvido antes, mas, por algum motivo, as palavras dele me afetam mais do que as de qualquer um.

— E você — diz Nick, ao apontar para Alice — com certeza já deveria saber que chantagear alguém também não é uma opção.

Ela não parece se importar, apenas cruza os braços e olha para o primo, como quem está sendo obrigada a assistir a uma aula de física em um feriado.

Nicholas se senta outra vez e esfrega os olhos, exausto. Mesmo quando volta a fitar a prima, ainda está com o olhar cansado, como se já tivessem tido essa conversa várias vezes.

— Quantas vezes eu já te disse que não precisa disso? — fala pausadamente. — E que não vale a pena tentar ser o que os outros querem que você seja?

Suas palavras não são direcionadas a mim, mas sinto que o puxão de orelha vale tanto para mim quanto para ela. A verdade é que ele aproveita a oportunidade para puxar metaforicamente as orelhas de nós duas de uma vez só.

— Essa aceitação que vocês estão querendo é superficial e indiferente. — O tom da sua voz é quase suplicante. — Isso não vai trazer felicidade nenhuma, acreditem em mim.

— Não generaliza, garoto! — Alice o interrompe. — Não é porque você se ferrou que todo mundo vai também.

Do que ela está falando? O que aconteceu com ele? Quero muito perguntar, mas esse com certeza não é o melhor momento.

— Não é isso. — Nick suspira. — Olha, eu só quero que vocês saibam que tem alguém de quem vocês nunca vão precisar se esconder. Com essa pessoa, não tem necessidade de chantagem ou mentiras.

Ouçoo atentamente todas as suas palavras, mas fico na dúvida se elas se referem a alguém em específico ou querem dizer que há pelo menos uma pessoa assim no mundo para cada um de nós.

— Alguém? — Ouço-me perguntar.

Nick parece feliz por eu demonstrar interesse.

— Jesus, Melissa — responde ele, com um tom sereno. — Esse alguém é Jesus. Ele não quer que você viva uma mentira. — Cada palavra que sai de sua boca me faz sentir aquele mesmo magnetismo do dia em que nos conhecemos. — Ele é o único para quem realmente vale a pena se moldar. Tornar-se quem Ele te criou para ser é a única forma de...

— Aff, Nick! — Alice o interrompe. — Para com esse papo de crente. Ninguém quer ouvir essa chatice.

Eu quero! É a única forma de que? Por que Alice não me deixa ouvir o resto? A sensação é como se algo que nunca possuí fosse tirado de mim.

Enquanto sou arrastada de volta ao quarto, meus olhos continuam vidrados nos de Nick. A forma que ele mantém o olhar fixo em mim me faz ter certeza de que percebeu que eu anseio por mais.

Sem emitir nenhum som, seus lábios se movem, formando “depois”, só para me tranquilizar. Sei que essa conversa não acabou aqui.

Em algum momento, Nicholas vai me falar tudo que não conseguiu hoje.

— Eu achava que não levava jeito para essas coisas, mas até que aprendi rápido.

Olho ao redor e não vejo Carol, nem Isa.

— As meninas ainda não chegaram. — Empurro a cutícula de uma de minhas unhas para baixo com força, afundando-a com a ponta de outra unha. Sei que certamente vai sangrar se eu não parar. — Para ser sincera, não sei bem como vou fazer isso.

— Me deixar popular? — Alice confirma o que quero dizer.

— Sim — reflito sobre minha própria vida. — Comigo foi bem sem querer, então não tenho uma fórmula.

Alice revira os olhos. Odeio quando ela faz isso.

— Eu também não, mas isso é problema seu, não meu. Dê seu jeito.

Quase me esqueci de quão intragável essa garota é capaz de ser, só que agora me lembro bem. Ontem, até nos divertimos, e Alice conseguiu ser uma pessoa agradável por um bom tempo. Sinto vontade de dizer a ela que conseguiria fazer amizade fácil se agisse como ontem. A Alice natural conseguiria, não a de cara fechada, muito menos a chantagista.

Percebo que é exatamente o que minha avó me diz e o quanto eu estaria sendo hipócrita se lhe desse esse conselho. Na verdade, nós duas estamos no mesmo barco.

De repente, lembro-me de algo e solto um muxoxo em seguida.

— Deixar você popular seria muito mais fácil se o Diego te chamasse para a festa de aniversário dele.

— Por quê?

— Porque ele só chama os mais populares. Se você fosse convidada, não iríamos ter dúvidas de que faz parte do grupo.

— Então consiga esse convite para mim — sugere ela, como se a solução fosse óbvia.

— Ele sempre entrega os convites com um mês de antecedência, e o aniversário já é semana que vem.

Todos os anos, desde que cheguei no Colégio Cesari, Diego faz uma baita festa de aniversário. O evento é super esperado por todos, a lista de convidados é sempre exclusivíssima. Somente os mais bonitos, ricos e populares são chamados.

Essa festa é um verdadeiro saco.

Para mim, é a pior noite do ano. Ter que fingir costume na escola é brincadeira de criança comparado a encenar em um salão cheio de esnobes e bêbados. O pior de tudo é

enfrentar a nojenta da Bianca. Todo ano ela faz questão de criar, na cabeça dela, uma competição comigo, mesmo que eu não esteja nem aí. A sebosa tem uma espécie de “Síndrome da rainha má” e quer a todo custo ser a mais bela e rica de todas.

Felizmente — ou não —, como o aniversário do Diego já está próximo e ninguém recebeu convite nenhum até agora, acredito que não vai ter festa.

Só que, na minha atual condição, essa seria a oportunidade perfeita.

— Mel? — Ouço Isa me chamar de algum lugar atrás de mim. O tom de sua voz soa como uma pergunta, provavelmente por eu estar conversando com uma aluna aleatória.

À minha frente, Alice ajeita a postura. Viro-me e vejo tanto Isa quanto Carol com as sobrancelhas levantadas. Ambas estão curiosas para saber quem é a garota que está comigo. Elas com certeza não reconhecem Alice.

— Ah! — Sorrio. — Bom dia, meninas.

— Quem é essa? — pergunta Carol, a educação em pessoa. — Outra aluna nova?

— Mais ou menos. Essa é a Alice, ela está aqui desde o primeiro dia.

— Oi. — Alice acena, muito sem graça.

As meninas encaram a minha chantagista dos pés à cabeça, tentando se lembrar dos dias anteriores. Isa parece ser a primeira a reconhecê-la, pois arregala os olhos, meio em choque.

— A garota do Crocs? — questiona.

Preciso pensar rápido. Tenho que arrumar uma desculpa aceitável para justificar o fato de Alice ter vindo para a escola nos últimos dias como se tivesse acabado de sair de um acidente. Felizmente — dependendo do ponto de vista — sou uma ótima mentirosa.

— Vocês não vão acreditar! — De soslaio, vejo Alice me olhar desconfiada. — Ela acabou de se mudar dos Estados Unidos, e toda a sua bagagem foi extraviada. A coitada precisou usar as roupas do primo até as coisas chegarem.

Alice olha para mim, admirada com meu pensamento rápido.

— Ela estava sem nada. Roupas, maquiagem... — continuo, mas sou interrompida.

— Que pesadelo! — exclama Carol.

— É, foi uma verdadeira tortura. — Alice me surpreende ao falar.

— Ok. Isso até explica o fato dela ter vindo mastigada por um ogro nos últimos dias. — Isa ainda parece desconfiada. — Só não explica como vocês duas se conhecem.



Para explicar isso, nem vou precisar mentir tanto.

— Éramos melhores amigas na infância. Perdemos o contato quando ela se mudou para o Estados Unidos. Eu quase não a reconheci, até que ontem...

Pensa rápido, Melissa. O que pode ter acontecido ontem, fora do horário da aula, que me fez encontrar minha melhor amiga de infância?

— Minhas coisas chegaram, mas quebraram metade das maquiagens na viagem — Alice complementa minha mentira. — Fui ao shopping comprar outras e nos encontramos lá. Foi minha mãe que acabou reconhecendo a Mel.

Criei um monstro.

As duas fazem uma cara de compreensão. Logo nossa conversa é interrompida pelo sinal tocando.

Entramos na sala e nos sentamos no lugar de sempre. Eu na primeira carteira, Carol e Isa nas duas ao lado. O lugar atrás de mim ainda está vazio, então faço um sinal para que Alice se sente. Ela logo obedece e retribui o sorriso claramente falso que as meninas lhe lançam.

Enquanto arrumo minhas coisas em cima da mesa, vejo Nick entrar na sala. Meu coração acelera ao ver que ele olha para mim. Acelera ainda mais quando encara Alice e faz um não bem discreto com a cabeça.

Nicholas passa por mim, e sinto meu braço arrepiar, mas ele me ignora e para ao lado da prima. Meu estômago se contorce, torcendo para que não fale nada sobre as mentiras.

— Ali, esqueci de te falar que não vou poder te levar para casa hoje. — Solto o ar que nem percebi que prendia. — Meu pneu está zoadado, vou levar para consertar.

— Beleza — ela responde, e Nick se afasta.

— Vocês se conhecem? — Carol se vira para Alice assim que ele alcança uma distância segura o suficiente para não ouvi-la.

— E ele te leva para casa? — Isa completa.

As garotas estão completamente chocadas. Alice apenas sorri, já que não é boba e sabe que o primo é gato. Além disso, viu as duas darem em cima dele no primeiro dia de aula. Ele é um trunfo, e minha ex-melhor amiga não vai perder a oportunidade de usá-lo.

Sinto uma pontada no peito. Tenho certeza de que Nick iria ficar ainda mais decepcionado se soubesse que está sendo usado para isso.

— Sim! O Nick é meu primo e mora comigo. — Ela não economiza na exibição. — Ele tem carro, então é minha carona para a escola.

Minhas amigas nem fazem questão de disfarçar o súbito e exagerado interesse na nova aluna agora que descobriram a sua ligação com Nicholas. As duas se aproximam da mesa dela como se fossem velhas conhecidas.

— Você disse que morava nos Estados Unidos, né? — pergunta Carol.

— Depois queremos detalhes de como era viver lá — complementa Isa. — Em que lugar você morava?

— E detalhes do seu primo também, óbvio. — Carol não esconde o interesse. — Ele tem namorada?

— Eu morava em Miami. — Alice parece muito empolgada. — E o Nick...

O professor entra na sala e interrompe a conversa das três.

— Depois ela conta tudo o que vocês quiserem — falo baixo. — Agora fiquem quietas, a aula já vai começar.



A operação “Alice popular” tem se revelado um sucesso. Uma semana se passou desde que a apresentei para minhas duas amigas.

Nesse dia, elas passaram o intervalo conversando sobre como era a vida no exterior. Alice contou que tinha uma rotina bem movimentada, com várias festas e garotos. Como sei que ela se sentia invisível, apostei que era tudo invenção, e, quando perguntei, mais tarde, soube que eu estava certa.

A nossa mentira estava de pé, uma vez que não tinha como ninguém confirmar ou negar a história.

Em uma semana, nosso grupinho, que antes era composto por Carol, Isa, Diego e eu, ganhou uma nova integrante, a Alice. Agora, ela passa todos os intervalos conosco, e suas habilidades de socialização evoluem cada vez mais.

Só consigo chegar à conclusão de que, assim como aconteceu comigo, basta dizer o que as pessoas querem ouvir e estar com as companhias certas. A popularidade vem como uma consequência.

Já posso escrever um livro: *Aprenda a ser popular na escola com Melissa Andrade*.

Passo um: minta!

Hoje, segunda-feira, a primeira coisa que minha discípula faz é me mostrar o seu perfil. Está toda empolgada, porque quase todos os alunos do Colégio Cesari a seguem e curtem suas postagens.

Antes da transformação, seu *feed* tinha pouquíssimas fotos de seu rosto, que foram excluídas por ela mesma rapidamente. O resto das postagens eram fotos dos seus tênis em vários lugares que gostava de visitar em Miami. É claro que essas foram mantidas. Depois de aprender a se maquiar, Alice não demorou a postar dezenas de selfies.

Ela não está sendo tão insuportável nos últimos dias, mas sei que isso só se deve ao fato de eu estar fazendo a minha parte. Isso é bom, pois fico mais tranquila ao saber que não vou ser dedurada. Pelo menos não por enquanto.

Eu deveria estar super aliviada, mas não estou. E não é por causa dela ou da nossa mentira, e sim pelo Nick. Nós não conseguimos conversar de novo depois do dia em que fui à casa deles. E, como se não bastasse, ele passou a última semana me olhando com aqueles olhos que refletem uma mistura de reprovação, decepção e talvez um pouco de pena.

Tentei falar com Nicholas diversas vezes e fui interrompida por alguém em todas elas. Logo eu, que fujo tanto de ficar sozinha, vi-me encurralada, tomada pelo desejo de ser deixada em paz para conseguir conversar com ele. Todas as minhas tentativas foram frustradas.

Nick percebeu a minha intenção e ficou um tanto triste por não conseguirmos trocar mais de duas palavras. Cheguei a ficar com raiva por ele não tomar a iniciativa, mas logo lembrei que não sou alguém tão acessível.

Cogitei passar na casa deles no último fim de semana. Só que eu e Alice não somos amigas de verdade, e não tenho intimidade para aparecer lá, do nada. Seria muito sem noção da minha parte surgir na casa deles sem ninguém ter me convidado.

Agora, mais uma semana de aulas se inicia, e não sei o que fazer.

Pesquisei seu nome nas redes sociais, porém o garoto é um ermitão. Completamente *low*

*profile*. Não quero pedir à Alice o número dele, já sei que ela ficaria imaginando um milhão de coisas.

Talvez eu possa escrever meu número de telefone em um pedaço de papel e jogar discretamente na sua mochila. É uma opção? Acho que não.

Enquanto Alice fala sobre seu fim de semana para Carol e Isa, olho para trás de forma discreta para ver o que ele está fazendo. A cena me lembra o primeiro dia de aula: Nicholas está concentrado no celular, alheio ao que acontece ao seu redor, como sempre.

Ainda o encaro quando meu celular vibra no meu colo. De repente, Nick olha para mim. Nossos olhares se encontram, e eu me viro para frente, para disfarçar.

Tenho uma nova mensagem, de um número desconhecido.

Abro.

Nick

*Oi! É o Nick.*



Nick

*Sério? Por essa eu não esperava. Enfim...*

*Eu queria falar com você. A gente pode se encontrar no intervalo?*

Nick quer me encontrar? Foi ele quem tomou a iniciativa de falar comigo. Será que está mesmo interessado em mim?

Mel

*Claro!*

*Me encontra na biblioteca. Lá ninguém vai interromper a gente.*

Nick

*Fechou.*

Agora não sei mais se vou conseguir me concentrar na aula. Minha perna direita parece ter vontade própria e não para de balançar, um claro sinal de ansiedade.

Olho para trás mais uma vez. Nick está recostado na cadeira, com os braços cruzados e os olhos fechados. Ele está com sono? Não parece, já que sua boca se mexe, mesmo fechada, como se estivesse falando sozinho. O que ele está fazendo?

Subitamente, Felipe — o palhaço da turma — se levanta da cadeira num pulo, no fundo da sala, e assusta todo mundo.

— Galera! — grita. — O resumo do livro era para hoje ou para semana que vem?

É bem previsível que ele tenha esquecido o exercício.

— É para hoje, Felipe — digo, rindo.

Um burburinho começa. Logo percebo a preocupação de todos.

Às segundas, começamos o dia com Literatura. Já no primeiro dia de aula, o professor pediu para fazermos um resumo dos dois primeiros capítulos de *Dom Casmurro*<sup>[2]</sup>. Nada muito complicado.

O problema é que nosso colégio é bem rígido com as tarefas de casa. Elas valem uma parte da nota final, e quem não faz, além de não ganhar a pontuação, recebe uma anotação na ficha estudantil. Isso influencia diretamente no conselho de classe.

Levanto-me e paro perto do quadro enquanto o murmurinho só aumenta por todo o

ambiente.

— EEEEEI — grito alto o suficiente para que todos foquem a atenção em mim. — Levanta a mão aí só quem fez o trabalho!

Levanto a minha mão, obviamente, e analiso a sala, em busca de mais alguém que tenha feito o exercício.

— É sério isso, gente? — contesto, em choque ao não ver mais nenhuma mão levantada. Ninguém fez, nem mesmo Alice e Nick.

O falatório desesperado recomeça, e preciso berrar novamente para chamar atenção deles.

— Ok... — Respiro fundo. — Vamos fazer o seguinte. Mesmo tendo feito o trabalho, não vou falar nada sobre ele, e se o professor perguntar, todo mundo finge que ele se confundiu e que é só para a próxima semana. Beleza?

A sala toda bate palma — menos Nick, o qual está sério e com os braços cruzados — e concorda com meu plano.

Volto ao meu lugar bem na hora que o sinal toca. Segundos depois, o professor Fábio entra na sala. Por pouco ele não nos pega no flagra.

— Bom dia, pessoal!

— Bom dia, Fabinho! — Todos o cumprimentam, quase em uníssono, num coro desafinado.

Ele arruma a mesa, organiza os papéis que vai precisar para a aula e, depois de analisar a agenda, vasculha a sala toda com os olhos até achar Nick.

— Nicholas, eu lembro de passar um resumo para vocês, mas esqueci de anotar o dia da entrega. O prazo é hoje ou semana que vem?

Discretamente, todos os olhares se voltam para Nick. Ele está me encarando.

Faço uma súplica silenciosa para que siga o combinado.

— Hoje, professor — diz a verdade —, mas eu esqueci e acabei não fazendo.

Todos os alunos começam a se debater de frustração em suas cadeiras. Quem não o encara com fúria nos olhos, choraminga e murmura.

Só consigo balbuciar um “por que?” para Nick, que balança a cabeça, como se dissesse que não podia fazer aquilo. Então me lembro de quando fui à sua casa e de suas palavras: mentir

nunca é uma opção.

Nick não mente. Pelo jeito, em hipótese alguma.

Por alguma ironia do destino, do universo ou sei lá de quem, o professor escolheu logo ele para perguntar.

— Ninguém fez, é isso? — Fabinho pergunta, percebendo a insatisfação generalizada.

Depois de o plano ser frustrado, não faz sentido mentir. Encaro as folhas do meu resumo em meio ao silêncio que se instaura.

— Bom, infelizmente não vou poder adiar o prazo, senão vamos atrasar o cronograma — avisa ao ver que ninguém se pronunciou.

Uma coisa é colaborar com o grupo para todos entregarem semana que vem. Outra coisa é me prejudicar a troco de nada. Eu fiz o resumo, e ele está bem na minha frente. Não posso manchar meu histórico perfeito por causa de um mísero trabalho na segunda semana de aula.

— Eu fiz, professor. — Levanto-me e coloco o resumo na sua mesa. — Desculpa, gente — suplico, encarando a turma, e volto ao meu lugar.

— Muito bem, Melissa! — exalta Fábio. — É lógico que a nossa aluna modelo não ia esquecer de fazer.

Sento-me em meu lugar, envergonhada.

O burburinho recomeça e só é silenciado quando o professor bate o apagador no quadro.



O sinal toca e anuncia o fim da aula de Literatura.

Assim que o professor sai da sala, Diego e outros dois amigos seus se levantam e vão em direção a Nick. Eu temia que isso acontecesse. Sei bem que eles não vão deixar barato.

Ao perceber a movimentação dos garotos, Nick se levanta para ir embora. Ele entende o que está acontecendo e provavelmente quer evitar confusão. Mas Diego o impede.

— Qual é a sua, hein? — Dá um pequeno empurrão em Nick. — Não ouviu o que a Mel combinou, ou você tem algum problema?



Nicholas dá um passo para trás. A discussão mal começou e seu semblante já demonstra cansaço mental. Está claro que ele já previa essa situação, mas não queria que acontecesse.

— Relaxa, cara!

— Relaxar? — Diego está possesso. — Você ferrou com geral! Por quê? Custava seguir o plano?

— Para mim, sim! — Ele respira fundo. — Olha, eu não te devo satisfações, mas, como cristão, mentir não é uma opção, mesmo que...

Diego solta uma gargalhada sarcástica bem na cara de Nick.

— Cristão? — debocha. — Foi por isso que você ferrou com a gente? — O imbecil cospe repulsa a cada palavra. — É por que você é cristão?

Diego volta a rir, e todos na sala o seguem. Nick acaba de virar motivo de chacota para o resto do ano. Vê-lo ser humilhado me traz uma angústia enorme. Lembro do sonho que tive no dia da chantagem de Alice. Todos os meus sentimentos vêm à tona, e só consigo pensar se Nick sente o mesmo.

— Gente, para com isso! — falo alto, por impulso. — Deixa ele!

Sou completamente ignorada.

— Você tem o que? Sessenta anos? — Diego levanta as mãos em rendição e usa um tom vexatório. — Eu não minto, blá blá blá. O que mais? Vai querer dar lição de moral na gente também, tiozão?

Para minha surpresa, Nick aguenta firme, mesmo com todos da turma rindo dele. Se fosse eu, já teria saído correndo, aos prantos. No entanto, ele não parece abalado, só um pouco estafado. Ao invés de rebater, prefere ficar calado e tenta sair de forma calma, mas é impedido por Diego mais uma vez, que segura a gola de sua camisa, bufando de raiva.

— Cara, me solta. — O tom de Nick ainda é incrivelmente calmo. — Eu não vou cair na sua pilha, muito menos brigar com você. Só fiz o que achava certo, e faria de novo.

Diego está prestes a perder o controle. Pelo visto, Nick não vai conseguir sair, e também não vai revidar se levar um soco. Preciso fazer alguma coisa.

— PAREM COM ISSO!

Corro até onde eles estão e uso toda a minha força para separá-los. Diego tenta me impedir, empurrando-me para o lado, o que quase me faz cair no chão. Nick me segura pelo

braço para impedir que eu me machuque e solta ao me ver recuperar o equilíbrio.

Quando vê que me acertou, Diego tem um vislumbre de sanidade e resolve soltar Nicholas.

— Fica esperto, moleque! — Rosna em ameaça.

Assim que Diego se afasta, Nick finalmente vai em direção à porta. Antes de sair, olha em minha direção e aponta para o celular de forma sutil, lembrando-me do combinado.

Espero uns dois minutos antes de ir, para disfarçar. Não que alguém esteja prestando muita atenção em mim agora, afinal, todos estão ocupados, fofocando sobre a briga. Carol resmunga e pergunta à Alice o porquê da atitude de seu primo, enquanto Isa tenta acalmar os ânimos do namorado.

Saio de fininho da sala e encontro Nick na porta da biblioteca. Ele parece... irritado?

Olho ao redor para conferir se estamos sozinhos. O lugar ainda está bem vazio. Faço um sinal com a cabeça para que me siga. Caminho até o ponto escondido no qual Alice me flagrou semana passada e sinto um frio na espinha. Péssima memória.

— Pronto. Aqui ninguém vai interromper a gen...

— Não era para você ter se metido na discussão.

O que? Ele está *mesmo* me dando uma bronca por ter impedido que o Diego desse uma surra nele?

— Eu só tentei te livrar de levar um socão bem na cara. — Cruzo os braços. — Desculpa por tentar ajudar. — Não consigo evitar o sarcasmo.

Nick levanta as sobrancelhas, meio em choque. Uma fração de segundo depois, sua expressão facial já se transforma em apática. Mas, mesmo sendo uma reação rápida, eu vi. Pelo jeito, ele não esperava que eu reagisse dessa maneira.

No primeiro dia de aula, agiu com total indiferença. Mas foi o oposto quando fui à sua casa, ele estava mais brincalhão e acolhedor, eu diria. Tudo bem que, nesse dia, eu e Alice recebemos uma baita bronca sua, além de muitos olhares de decepção e descontentamento durante a semana. Porém não imaginei que, depois disso, Nick voltaria a me tratar com frieza outra vez.

— Não é isso. É que... — gagueja, meio desconcertado — o Diego podia ter te machucado.

Espera. Ele está irritado ou *preocupado* comigo? Eu simplesmente não consigo decifrar esse garoto.

— Você ficou preocupado comigo? — Estreito os olhos.

— Ficaria preocupado com qualquer um que se metesse no meio de uma briga.

Ai! Nick é a definição de morde e assopra. Como ele consegue ser um cubo de gelo e depois uma areia quentinha? Definitivamente é um mistério.

— Enfim — continua, mudando de assunto. — Te chamei aqui para continuar a conversa que tivemos lá em casa. — E, do nada, o garoto parece mais animado.

Como eu disse, uma verdadeira montanha russa de humor.

— Eu também estava tentando falar com você a semana toda, mas não consegui.

— Percebi. — Aquele sorrisinho de lado me desestabiliza por alguns segundos. — Imagino que aqui a Ali não vai me impedir de falar o que quero. — Nós rimos, e eu assinto com a cabeça.

— Mas, antes de você começar — digo, ainda intrigada com os últimos acontecimentos —, por que fez aquilo na aula? Todo mundo ficou com raiva de você.

— Não era minha intenção prejudicar ninguém. — Agora seu semblante parece triste e sincero. — Mas eu não podia fazer o que queriam que eu fizesse.

— Eu não consigo entender. Além disso, nunca te vi andando com ninguém até hoje. Depois do que aconteceu, vai ser difícil arranjar amigos — constato. — Você não se importa de estar sempre sozinho?

— Eu nunca estou sozinho, Melissa. — Ele sorri com afeição. — E era exatamente sobre isso que queria falar com você.

De repente, ouço a voz de Alice ressoar por detrás de Nick.

— Ah, você está aí! Eu te procurei pela escola toda até lembrar desse seu cantinho secreto.



Triste por não podermos continuar o assunto agora mesmo, mas sem ter outra opção, só assinto com a cabeça.

— Ei, espera! — Alice o impede de sair. — Qual o seu problema? Por que você fez aquilo lá na sala?

— Você já sabe o porquê — diz ele, firme e sereno ao mesmo tempo. Encaro suas costas enquanto caminha até o fim do corredor.

Assim que Nick some, viro-me para Alice, que ainda está com a cara bem sugestiva.

— E então, o que está rolando?

— Não está *rolando* nada. — Reviro os olhos com impaciência. — Como seu primo disse, a gente só estava conversando.

— Ok! Vou fingir que acredito.

— Você disse que estava me procurando. — Tento mudar de assunto.

— Ah, verdade — ela se lembra do motivo de estar ali. — Eu ia te falar que comprei umas coisas esse fim de semana e queria que você fosse lá em casa para dar uma olhada. Dá para passar lá hoje e me ajudar a fazer combinações?

— E eu tenho escolha? — Dou um sorrisinho falso.

— Vamos fingir que tem. — Ela retribui com um mais falso ainda.

O resto da aula é uma verdadeira torta de climão. Todos espumam de raiva de Nick e não perdem uma oportunidade de soltar comentários ácidos direcionados a ele. Apesar de parecer indiferente, vejo que contrai a mandíbula sempre que acontece.

O fato de ele não se importar não significa que isso não o afeta de alguma forma.



Depois de almoçar com a vovó, sigo para a casa de Alice. Mais uma vez, sou recebida por Nick.

— Oi, Melissa. — Ele parece confuso ao abrir a porta e me ver. — Você está procurando a Ali?

— Sim, ela me pediu para vir aqui depois da aula. — Agora quem está confusa sou eu.  
— Ela não está em casa?

— Não. Assim que chegamos, minha tia a levou para ajudar com a avó.

— Ah! Ela não me avisou. — Franzo o cenho, preocupada. — A avó dela está bem?

— Está sim. — Nicholas me tranquiliza. — Foram só fazer companhia e ver se ela está precisando de alguma coisa.

Como Nick ainda não me convidou para entrar, imagino que não queira que eu fique.

— Então — digo, e começo a me despedir —, eu vou...

— Pode esperar aqui, se quiser. — Ele me interrompe. — Acho que a Ali não vai demorar.

Ficar sozinha com Nick? Seria um pouco constrangedor, mas também uma ótima oportunidade de saber mais sobre ele e sobre o que acredita. Sendo assim, decido ficar.

— Se você não se importar — respondo, já entrando.

Nick não me acompanha e continua parado ao lado da porta aberta. Ele coça o couro cabeludo, meio sem graça.

— Acho melhor a gente esperar aqui na varanda. — Aponta para o espaço que circunda a entrada da casa, uma espécie de grande hall. — É que não tem mais ninguém em casa.

Não entendo muito a razão disso, mas sorrio e assinto, voltando para fora. Nick fecha a porta atrás de si e me acompanha até os bancos de madeira que decoram a área externa.

— Será que agora a gente consegue conversar sem a Ali aparecer do nada? — brinca, com um sorrisinho no rosto.

Não consigo evitar uma expressão de surpresa. Para ser sincera, não sei qual versão dele gosto mais. O lado brincalhão é imprevisivelmente fofo, mas o lado indiferente também tem seu charme. Sério, misterioso, cuidadoso e divertido. Seria ele o melhor dos dois mundos?

— Espero que sim. Admito que estou bem curiosa. — Talvez a minha resposta sirva tanto para a pergunta que ele me fez quanto para a que fiz a mim mesma.

— Sobre o que? — Levanta uma das sobrancelhas.

Não estamos muito perto um do outro. Nick está no banco oposto ao meu, e há uma mesinha de madeira entre nós. Apesar disso, ainda sinto o olhar penetrante dele fixado em mim. Preciso me controlar para não ceder à vergonha e virar o rosto.

— Bom, sobre o motivo da sua atitude na escola. — Começo a listar. — Sobre você estar sempre sozinho, ou melhor, sobre ter dito que nunca está sozinho. Sobre o que você acredita e o porquê de ter essa coisa...

— Essa coisa? — Ele me interrompe, intrigado.

— Eu não sei explicar, e você vai me achar doida, mas tem algo diferente em você. Sei lá, uma energia, uma coisa boa, uma — digo e faço uma pausa, em busca da palavra certa — paz. Senti desde o primeiro dia.

Nick sorri de um jeito sincero, um sorriso que vem da alma, como se estivesse satisfeito e genuinamente feliz com o que ouviu.

— E você já se sentiu em paz assim alguma vez na vida?

Foi isso que me perguntei na primeira vez que o vi. Infelizmente, cheguei à conclusão de que...

— Não. — Abaixo a cabeça, triste com a resposta. — Nunca.

Ele levanta e se senta no mesmo banco que eu. Não muito longe, mas também não muito perto.

— Você acredita em Deus, Melissa? — pergunta, olhando dentro dos meus olhos.

Minha avó nunca foi religiosa, então não costumo pensar no assunto. Ela até tem uma Bíblia, daquelas que ficam abertas sempre na mesma página, em um pedestal na sala, mas não me lembro de vê-la lendo-a.

Nas poucas vezes que pensei nisso, não descartei a possibilidade de haver um ser superior em algum lugar do universo. Porém, se ele existe mesmo, nunca facilitou a minha vida. Além disso, acho um pouco difícil acreditar em algo que não consigo ver ou com o qual não posso falar pessoalmente.

No fim das contas, não passei tempo suficiente pensando sobre isso para chegar a uma resposta conclusiva.

— Talvez. — É o que respondo. — Não sei bem, na verdade.

— E o que te faz não ter certeza?

— Acho um pouco ingênuo acreditar que há um ser por aí, ainda mais um *todo poderoso*, disposto a perder seu tempo para cuidar de nós. Por que ele se importaria com a gente, afinal?

Nick fica pensativo e calado por alguns segundos. Será que eu o ofendi?

— Desculpa. Não quis ofender. Eu realmente quero entender por que você acredita tanto nisso tudo. Ninguém nunca falou comigo sobre Deus, religião e essas coisas, então não tenho informações suficientes para ter uma opinião concreta sobre o assunto.

— Você não me ofendeu de forma alguma. — Ele sorri para me acalmar. — Pelo contrário, achei uma ótima pergunta. Mas, para ser sincero, eu não sei. — Dá de ombros, ainda sorrindo sem mostrar os dentes.

O quê? Como pode acreditar que alguém se importa tanto assim com ele sem ter certeza sobre o motivo?

Nick deve ter percebido a minha cara de pura confusão, pois responde:

— Só sei que Deus nos criou e Se importa com a Sua criação. Não sei bem a razão de Ele ter nos criado, mas imagino que seja como um pintor que resolve pintar um quadro. — Ele se ajeita no banco, empolgado. — Imagine que você é uma pintora, uma artista que já pintou vários e vários quadros, e todos eles ficaram muito lindos, porém, um dia, você tem uma ideia genial e cria sua mais bela obra. Você a coloca no melhor lugar da sua galeria e a admira todos os dias. Só que as pessoas começam a dar pitaco em como você deveria ter feito o quadro e algumas tentam até modificar uma coisa ou outra. — Nick faz uma pausa para que eu assimile as informações, sem desviar o olhar do meu. — O que você faria nessa situação?

— Eu... — digo enquanto ainda penso em uma resposta — acho que o guardaria em algum lugar. Não iria querer que nada de ruim acontecesse com ele ou que, por palpite dos outros, acabasse diferente de como o idealizei.

— Por quê?

— Porque ele já seria perfeito para mim.

— Mas você teria outras obras.

— Acho que seria diferente — concluo. — Esse quadro seria a minha obra-prima.

— E se for assim que Deus Se sente? — Nick sorri com satisfação. — Talvez porque nós somos a obra-prima d'Ele.

— Nossa! — Solto uma lufada de ar. — Isso foi... revelador — admito, um tanto impactada.

Sinto algo indescritível dentro de mim ao entender o que ele quer dizer. Além disso, ver



a forma como o seu rosto se ilumina a cada frase é de aquecer o coração. Nick parece ser feliz de verdade por acreditar em tudo isso.

— Mas ainda não entendo o motivo de você ter falado a verdade para o professor. — Isso ainda não saiu da minha cabeça. — Você não gosta de mentiras, eu entendi essa parte, mas será que Deus iria achar tão ruim você fazer isso para não prejudicar seus colegas? Ele não ia entender que sua intenção é boa?

— Não importa a intenção, mentira é mentira, e uma hora ou outra, as coisas acabariam mal — responde, categoricamente. — Deus nos ensina que não devemos mentir, pois nada de bom resulta de uma mentira.

— Certo, mas como você está tão bem, com todos morrendo de raiva de você?

Nick suspira, conformado com a situação, e volta ao banco no qual estava sentado antes. Isso não parece entristecê-lo.

— Minha prioridade é sempre agradar a Deus, Melissa. Eu realmente não me importo com as coisas que acham de mim, e muito menos se os agrado ou não, especialmente se o que esperam de mim for contra tudo o que creio.

— Mas...

— Além disso, eu não prejudiquei ninguém. Todo mundo esqueceu de fazer o trabalho, e tivemos a consequência que merecíamos. — Nicholas conclui com convicção. — Não me arrependo nem um pouco de ter dito a verdade. Pelo contrário, estou bem satisfeito com a minha atitude. — Apesar de extremamente objetivas, suas palavras são mansas. — Espero que você consiga entender, mesmo se não for hoje.

A ideia de não me importar com o que pensam sobre mim parece surreal. Foi para isto que me empenhei a vida toda: agradar aos outros. Todas as minhas decisões nos últimos anos foram tomadas com a intenção de cumprir com as expectativas das outras pessoas, afinal, para mim, a única forma de ser aceita sempre foi sendo quem querem que eu seja.

Não é?

Sempre acreditei que tudo seria mais fácil assim. Só que, agora, ao ouvir as palavras de Nick e ver como ele está tranquilo e feliz com suas escolhas, questiono tudo. Se a minha maneira de viver for mesmo a mais fácil — e já não sei se creio nisso —, será ela *a melhor maneira*?

Vivo com medo de ser descoberta ou de me contradizer em algum momento, fora a

ansiedade e a insônia que consomem as minhas energias. Sinto que, cada vez que reafirmo uma mentira ou conto uma nova, mato uma fração do meu verdadeiro eu. É como se estivesse sufocada e soterrada em angústia.

Ao contrário do que acreditei até hoje, talvez o meu jeito não seja o mais fácil, muito menos o melhor.

Melzinha. Não ouço esse apelido há muito tempo.

— Oi, tia Fernanda. — Levanto-me com o meu melhor sorriso no rosto. — Quanto tempo! — Nós nos abraçamos apertado.

Eu a admirava muito em minha infância. Mesmo agora, um pouco mais velha, ela continua linda, bem como eu me lembrava. Sempre que minha avó precisava resolver alguma coisa, deixava-me com a tia Fernanda, e eu amava quando isso acontecia, afinal, ela era muito divertida e inventava uma brincadeira mais maluca que a outra. Não sei como minha ex-melhor amiga é assim se tem uma mãe tão legal.

Confesso que, em nossa infância, eu sentia muita inveja da Alice por ter uma mãe incrível e, às vezes, me pegava fantasiando sobre como minha vida seria diferente se ela fosse minha mãe.

— Oi, meu amor! Não acredito no quanto você cresceu. — Ela me solta e dá uma boa olhada em mim. — Meu Deus, você está linda!

— Obrigada, tia.

— Ok, ok! Já deu! A gente tem muito o que fazer. — Alice entra no meio, afastando sua mãe de mim.

— Porque você não me disse que tinha reencontrado a Melzinha? — Fernanda pergunta à filha.

— Agora você está sabendo. Se nos der licença, precisamos resolver umas coisinhas. — solta ela, enquanto me puxa para dentro de casa.

— Muito feliz em te rever, Melzinha. Mais tarde levo um lanchinho para vocês! — Ouço o som da sua voz ficar cada vez mais distante conforme sou arrastada pelo corredor.

Entro no quarto de Alice e fico chocada ao ver umas quinze sacolas em cima da cama.

— Por acaso você comprou o shopping todo? — brinco, com os olhos arregalados.

— Acho que exagerei um pouco, né? — Ela ri e se joga na cama, por cima das sacolas. — É que tinha tanta coisa parecida com o que você usa, que fiquei confusa. Não sabia qual era melhor.

— Aí resolveu comprar todas? — Estou me controlando para não rir.

— Eu não tinha outra escolha! — Alice finge um drama.

Nós duas nos encaramos por alguns segundos antes de termos uma pequena crise de riso.

— Não posso dizer que sei qual é a sensação de poder levar tudo o que quero — deixo escapar, com uma careta desgostosa. — E outra, você nem parece mais aquela menina que ia comigo comprar bonecas na loja de R\$1,99 aqui do bairro.

— Mas... — diz Alice, confusa — você só anda com roupa cara e bolsa de marca. Sei que mente sobre algumas coisas da sua vida, mas a parte de ter ficado rica, eu achei que fosse verdade.

Droga! Falei demais. Já não basta tudo o que a chantagista sabe sobre mim, agora dei a ela mais uma informação comprometedor. O pior é que as palavras já saíram da minha boca, não tem mais como reverter. Como vou explicar que tenho tanta coisa cara sem contar a verdade?

— Espera! — Alice se levanta, como se estivesse em meio a uma epifania. — Suas coisas são falsas?

Ótimo! Não sei o que é pior: ela contar para todos a *verdade* sobre as minhas coisas ou todos acharem que ando com roupas falsas. Além disso, essa mentira não iria colar. Ricos sabem reconhecer falsificações.

— Não é isso. — Dane-se! Ela já sabe o suficiente para me arruinar. Mais uma informação não vai fazer tanta diferença. — É que a Catarina paga a mensalidade da escola, e só aceitei receber as coisas de marca porque não dá para sobreviver no Colégio Cesari usando as minhas roupas normais.

Por um tempo, Alice parece refletir sobre o que eu disse.

— Entendo. — Ela até parece um pouco triste. — Mas porque ela resolveu pagar sua escola? Está tentando se reconciliar?

— Sei lá! — Já estou cansada do rumo dessa conversa. — Eu não quero falar daquela mulher. Podemos ver as roupas?

Ela apenas assente e começa a despejar o conteúdo das sacolas em cima da cama.

Pouco mais de uma hora depois, já montamos ótimas combinações e penduramos nos cabides. Felizmente, as compras foram proveitosas, então não foi muito difícil.

— Quem é você e o que fez com a Alice? — indago, em tom de brincadeira.

— Aparentemente você é uma ótima professora — confessa ela, rindo.

Logo em seguida, nós duas ficamos constrangidas. Para a nossa sorte, uma batida na

porta rompe o climão. Tia Fernanda pede licença e entra no ambiente com um sorriso no rosto.

— Ouvi as risadas de vocês lá de fora, não queria interromper a diversão — fala, sem fazer a menor noção do que realmente está rolando. — Filha, você precisa se ajeitar, vou te levar para a terapia.

Alice apenas concorda, um tanto sem graça. Imagino que ela não queira que eu saiba que faz terapia. Porém, como sua mãe acha que somos melhores amigas, não viu problema em dizer isso na minha frente.

Quando a porta se fecha e a tia Fernanda sai, Alice se levanta e para em frente ao guarda-roupa para escolher o que vestir. Aproveito que está de costas para mim e pergunto:

— Está tudo bem com você?

— Não é porque faço terapia que tem algo de errado comigo. — O tom de sua voz sai irritado.

— Só perguntei porque fiquei preocupada. — Levanto as mãos em rendição.

E não é mentira. Por mais que ela seja minha inimiga jurada, não consigo ignorar algo assim. Sei o quanto é pesado lidar com minhas crises e a insônia. O ditado “não desejo esse mal nem para o meu pior inimigo” cabe perfeitamente nessa situação.

— E não tem problema algum em fazer terapia. Queria eu ter dinheiro para fazer também. — Tento suavizar a situação. — Você, mais do que ninguém, sabe a confusão que eu sou.

Dou risada da minha autodepreciação e Alice me olha, compadecida, com um sorriso um pouco sofrido nos lábios.

Pergunto-me o que aconteceu com ela no tempo que ficamos separadas para deixá-la tão desesperada por atenção ao ponto de, mesmo fazendo análise, se ver obrigada a me chantagear.

Ou será que nada aconteceu e ela só se tornou um ser humano ruim mesmo?

— Como foram as coisas nos Estados Unidos? — pergunto, sem conseguir me conter. Seu corpo enrijece, e eu continuo. — Você não gostou de morar lá?

Alice fica em silêncio antes de se virar e me encarar, aparentemente tentando decidir se deve ser sincera comigo ou se me manda catar coquinho. Também percebo, pela respiração dela, que o assunto lhe causa ansiedade e tensão.

— Eu até gostava da cidade — desabafa, por fim. — Tinha coisas muito divertidas para

fazer, mas o problema era a escola. Eu definitivamente não vivi o sonho americano. — Solta uma lufada de ar pelo nariz, sarcástica.

No dia em que me chantageou, Alice jogou na minha cara que continuou excluída mesmo depois que foi embora, enquanto eu aproveitava a minha popularidade aqui. Imaginei que ela só tivesse ficado sozinha e excluída, mas, pela mágoa que sinto em suas palavras, talvez algo mais tenha acontecido.

— Você sofria bullying? — indago depois de juntar as peças.

— Ter todo o conteúdo de uma lata de lixo jogado em cima de você conta como bullying? E nunca conseguir comer no refeitório porque sempre que tenta, alguém derruba seu almoço ou cospe nele? — A sua expressão é um misto de sarcasmo, desdém e tristeza.

Imagino a raiva, a angústia, a solidão, a impotência e muitas outras coisas que Alice foi obrigada a sentir. São tantas emoções para processar.

— É, acho que conta, sim. — Uso um tom mais leve para amenizar o clima tenso que se instaurou. — E sua psicóloga deve estar tendo um trabalhão com você.

Ela ri. Vejo em seus olhos uma espécie de gratidão, provavelmente porque não a enchi com mais perguntas e não a tratei como uma coitada digna de pena. Já recebi vários olhares de pena por causa do meu passado, e sei o quanto é sufocante.

Finjo mexer no cabelo para disfarçar, um pouco chocada com a revelação.

Nunca imaginei que ela passaria por algo assim. Como eu estaria agora se estivesse no lugar dela? Não vivi metade dessas coisas e ainda assim cheguei ao ponto de mentir para a escola inteira. Sei que nada justifica a chantagem, mas agora, mais do que ninguém, compreendo o que a levou a esse patamar.

No fim das contas, não somos tão diferentes. Somos apenas duas garotas desesperadas por aceitação, capazes de fazer o que for necessário para nos sentirmos incluídas.

Sinto uma onda de compaixão e até um desejo de retomar nossa amizade, mas não posso esquecer da chantagem. Posso até compreendê-la, porém nosso relacionamento já está manchado. Não conseguiríamos passar uma borracha em tudo e ser amigas como se nada tivesse acontecido. Não sei se o que ela está fazendo comigo é algo que dê para perdoar.

Assim que Alice entra no carro para ir à terapia, despeço-me da tia Fernanda, e quando pergunto sobre Nick, ela me diz que ele foi resolver algumas coisas em sua igreja. Fico triste por

não poder agradecer ou me despedir.



— Sua mãe acabou de ligar, queria falar com você. Eu disse que você não estava — avisa minha avó ao me ver entrar em casa, tomando cuidado com as palavras.

Fecho a cara imediatamente. Eu estava tão bem depois da minha conversa com Nick! Saber disso só serve para me irritar.

— Mesmo que estivesse em casa, não falaria com aquela mulher.

— Ah, meu amor. — Vovó se aproxima e segura as minhas mãos. — Eu sei que é difícil, mas você podia tentar dar uma chance a ela. Acho que sua mãe está realmente arrependida.

Solto suas mãos das minhas e vou bufando em direção ao meu quarto. Pouco me importa se ela está arrependida. Assim como a minha relação com Alice, a minha e a dela também está manchada. Só que eu nunca, nunca mesmo, perdoaria a Catarina. Essa não é uma opção.

— Isso é um problema dela, não meu — resmungo, mais para mim mesma do que para a vovó, antes de entrar no Santuário da Melissa.





Seu olhar não é de julgamento ou maldade, mas de discordância. Como ele disse que

esse não é o melhor jeito de viver, não quer nós duas continuemos assim. Só que, diferente de nós, ele não sabe como é ser excluído. Nick poderia ser o mais popular do Colégio Cesari se quisesse, mas escolheu ficar sozinho. Eu cansei de ser solitária, por isso precisei agir. Ele nunca vai compreender o que é se sentir assim.

Hoje já é quinta-feira, e estou exausta. Não vejo a hora do fim de semana chegar para eu me recolher debaixo das minhas cobertas e assistir a filmes com meu pote gigante de pipoca.

Eu, Alice, Carol e Isa estamos conversando no corredor enquanto o sinal não toca. Logo Diego aparece, nada sutil, como sempre.

— E aí, gata! — Beija a namorada.

— Cadê, cadê? — Isa pergunta a ele, animada.

Diego abre a mochila e pega um bolo de envelopes extravagantes lá de dentro, fazendo Isa quase ter um treco. Meu coração dispara assim que entendo o que isso significa.

— Todo ano, eu entrego os convites com muita antecedência, mas, dessa vez, quis fazer diferente e deixar todo mundo acreditar que não teria festa.

— Ele queria ver se a festa era assim tão aguardada e se as pessoas iriam, mesmo só sendo convidadas um dia antes — completa Isa, revirando os olhos em deboche.

— Eu estava super triste por não ter festa esse ano, Di! — Carol parece a mais animada.

Não acredito nisso. Se soubesse antes, teria mexido alguns pauzinhos para garantir o convite da Alice, mas eu estava completamente no escuro! Até cheguei a perguntar para a Isa se haveria ou não a tal festa, e ela disse que não.

Alice me encara, nervosa, e se aproxima do meu ouvido.

— Acho bom eu estar nessa lista — sussurra em tom de ameaça.

Sinto um nó no estômago. Essa é a grande prova de fogo. Se ela estiver na lista, sua popularidade estará consolidada, será uma prova de que foi aceita de maneira oficial. Entretanto, se o Diego não a chamar para a festa, não sei se vou conseguir reverter a situação, já que tenho menos de um mês para cumprir o nosso “acordo”.

— Para o meu amor. — Ele beija um envelope e entrega para a namorada.

— Como se eu precisasse de convite. Eu sou convidada VIP, meu bem. — Isa esnoba, e ele a agarra pela cintura.

— Um para a cachinhos de Mel — diz, entregando-me o envelope com floreio.

— Obrigada! — Faço um esforço absurdo para sorrir e esconder minha tensão.

— Carolzinha. — A loira dá uns pulinhos.

Ele começa a guardar os convites na mochila. Alice olha para mim como se fosse me queimar viva. Droga!

— Pensou que eu ia deixar você de fora, né? — O imbecil pega os envelopes novamente, rindo, e bate com o papel de leve na cabeça dela. — Aqui o seu, Ali!

— Sério? — Ela está tão chocada que até demora para reagir. — Muito obrigada!

Acho que nunca senti um alívio tão grande na minha vida inteirinha.



Chegou o grande dia. Alice e eu combinamos de nos arrumarmos juntas para a festa. Então, depois da escola, passo em casa apenas para almoçar e pegar minhas coisas. A vovó faz uma lista de recomendações antes de me deixar sair de casa: ter juízo, tomar cuidado, não beber e um milhão de outras coisas.

Meia hora depois do combinado, chego na casa da Alice, e novamente é o Nick quem abre a porta para mim. Sorrio para ele, um pouco sem graça. Dá para ouvir os gritos furiosos da sua prima vindo de dentro da casa:

— Isso não tem a menor lógica, mãe!

Nick olha para mim com os olhos arregalados, suplicando por socorro, e abre espaço para eu entrar.

— Eu já disse, Alice. — Tia Fernanda é a calma em pessoa, nada a abala. — Se você quer ir nessa festa, seu primo tem que ir junto. Fim de conversa.

— Mas, mãe... Todo mundo vai, e eu só posso ir se levar uma babá? Não sou criança — ela insiste, tentando argumentar.

— Não tem “mas”, e *você não é todo mundo*! Não conheço ninguém naquela escola, não vou te deixar ir sem que alguém tome conta de você.

— A Melissa vai estar lá, e ela você conhece. — Alice cruza os braços, impaciente.

Tia Fernanda me fita por alguns segundos com uma expressão de pura preocupação. Sua filha me olha e faz um gesto com a cabeça, um pedido para que eu diga alguma coisa.

— Eu vou nessa festa todo ano, tia. — Infelizmente. — É bem tranquila — minto.

Nick, que assiste a discussão de braços cruzados, franze a testa para mim, claramente sabendo que estou mentindo.

— Se a Melzinha vai — diz Fernanda, e Alice se empolga com o início da frase —, é mais uma para eu me preocupar. — A garota bate a mão na testa, frustrada. — O Nick já é maior de idade e dirige, só vou me tranquilizar se ele ficar de olho e estiver lá para trazer vocês de volta em segurança.

— Olha, não quero ir em festa nenhuma — exclama Nick —, então eu agradeço se vocês desistirem.

Eu também.

— O quê? — ele pergunta, intrigado ao meu lado.

— Nada! — Droga! Acho que pensei alto.

Não dá para desistir. Pior do que não ser convidado, é ser convidado e não ir. É suicídio social na certa.

— Não tem como ele ir, mãe. — Alice tenta mais uma vez, desesperada. — A festa tem lista de convidados, não vão deixar ele entrar.

— Então você não vai — sua mãe conclui, irredutível, com toda a tranquilidade do mundo.

— Alice — começo a falar —, você não quer perder a festa, né? Então a gente vai com seu primo, lá me resolvo com o Diego.

Ela me olha como se eu estivesse com uma melancia no pescoço.

— Mas o Nick é um senhor de setenta anos, e ele nem quer ir. Vai acabar com o clima. — choraminga.

— Concordo e assino embaixo! — Nicholas levanta os braços, rendido. Dou uma cotovelada de leve na sua costela.

Ele me encara, meio surpreso com o gesto, o que me deixa um pouco constrangida. Será que forcei uma intimidade que não existe?

Eliminando esse pensamento, disfarço e volto ao assunto.

— Pode até ser, mas é melhor do que não ir — rebato.

Ela enfim se conforma e aceita, afinal, não tem outra opção. Nick cruza os braços e chega mais perto do meu ouvido para que só eu o ouça.

— Só vou aceitar levar vocês porque sei que, se eu não for, vão arranjar um jeito de irem escondidas. É melhor eu estar lá e ficar de olho nas duas.

Não seguro a risada e viro o rosto, bem quando ele faz o mesmo. Vejo que também está rindo. Nossos olhares se encontram com uma distância milimétrica entre nós. O momento dura apenas alguns segundos antes de ele simplesmente me dar as costas e ir em direção ao quarto.

— Estarei pronto às nove — Nick avisa antes de entrar.

Algumas horas depois, eu e a Alice já estamos maquiadas. Ela está finalizando um retoque com o *babyliss*. Para o meu espanto, a garota escolheu um justíssimo vestido preto com glitter, decote reto e alcinhas. Cadê os blusões que adorava usar?

Já eu prefiro um vestido rosê cheio de paetê, menos colado e de mangas compridas. Deixo quatro cachinhos soltos no rosto, com o restante do cabelo preso em um coque alto e bagunçado, de um jeito que parece que não me esforcei muito — mas na verdade passei uns quarenta minutos tentando domesticar o penteado.

Ao chegarmos na sala, Nick já está à nossa espera, sentado no sofá. Seu *look* é composto por uma calça preta, tênis branco de cano médio, blusa branca e jaqueta jeans. Consigo ver que não faz nenhum esforço para observar como a prima está vestida, mantendo os olhos na TV ligada. Porém, assim que me aproximo e entro em seu campo de visão, seus olhos se arregalaram um pouquinho, e ele me analisa de cima a baixo antes de soltar um pigarro sutil e arrancar um fio inexistente da jaqueta.

Tento me conter, mas não consigo controlar o sorriso bobo que surge no meu rosto. Nunca me olharam desse jeito meigo e inocente.

Nota mental: não me apaixonar pelo Nick!



Já passo pelo primeiro estresse da noite antes mesmo de entrar na festa: o segurança está na porta, prestes a recolher nossos convites. Engulo em seco e olho para Nick e Alice, que parecem tão inquietos quanto eu, mas sabem disfarçar melhor.

— Qual o plano? — pergunta Nicholas.

— Eu vou pedir para ele chamar o dono da festa, aí explico a situação para o Diego.

Ele faz uma careta para mim.

— Você se lembra que o Diego não vai muito com a minha cara, né?

— Não acredito! Esse era realmente o seu plano? — Alice me encara como se eu fosse louca. — Achei que tinha sido só uma desculpa para minha mãe, que você ia pensar em alguma forma de se livrar do Nick.

— Ei! — ele finge estar ofendido. — Eu estou ouvindo.

— Calma, gente. Vai dar certo. — Tento convencer mais a mim do que a eles.

Cinco minutos depois de eu pedir ao segurança para chamar o aniversariante, ele aparece, já um pouco alterado, com Isa em seu encalço usando um vestido que beira o indecente.

— AMIIIGA! — A voz dela está arrastada. — Você chegou! Por que vocês estão aqui fora? — pergunta.

Diego encara Nick com os punhos cerrados. Rapidamente coloco-me entre os dois para evitar que uma briga comece antes mesmo de eu conseguir falar.

— O que *ele* está fazendo aqui? — Diego questiona entredentes.

— Então, é que eu fui me arrumar na casa da Alice, e como o Nick dirige, pedi que trouxesse a gente, por questão de segurança, sabe? Não queria pegar um Uber sozinha no meio da noite. Eu juro que você não vai nem perceber que ele está aqui — suplico com os olhos para que Isa me ajude a convencê-lo.

— Não foi bem... — Nick começa a falar, mas Isa o ignora.

— Vai amor, deixa ele entrar. Mais um não vai fazer diferença, e é a Mel que está pedindo — argumenta, fazendo beicinho para o namorado.

— Ok! — O aniversariante bufa e aponta para Nick, que está impassível. — Mas é melhor você não aparecer na minha frente.

Alice e eu nos entreolhamos, aliviadas, antes de entrarmos na festa.

Ao olhar ao redor, chego à conclusão de que umas cem pessoas estão presentes, todas

dançando e bebendo enquanto garçons uniformizados passam entre elas e enchem ainda mais seus copos.

Ouçõ Nick gritar alguma coisa atrás de nós, tentando superar o volume da música, mas não consigo entender suas palavras. Imagino que tenha dito que ia se sentar em algum lugar, pois é exatamente o que faz em seguida. Nicholas escolhe o canto mais vazio da festa e se concentra no celular.

Suspiro e tento criar força de vontade para encarar esse caos. Diferente de mim, Alice está estonteante ao meu lado, tão fascinada que não sabe nem para onde olhar.

— Isso está incrível! — ela grita no meu ouvido, ao mesmo tempo que analisa os mínimos detalhes da festa, com um sorriso de orelha a orelha.

Um garçom passa na minha frente com a bandeja cheia de taças de espumante. Pego duas e bebo de uma vez. Alice me olha de boca aberta, em choque. Não sou capaz de enfrentar essa noite de outra maneira. Já me sinto sufocada, e não tem nem cinco minutos que estou aqui! Todos os anos, preciso adormecer minha mente para sobreviver à essa noite.

— Vocês chegaram! — Carol surge com um vestido preto e um decote imenso. — E estão um arraso!

Vamos juntas para a pista de dança e logo começamos a dançar no ritmo da música eletrônica que o DJ está mixando. Alice e Carol pulam juntas enquanto tento demonstrar diversão, mas a bebida já está me deixando um pouco tonta. Há uma vozinha na minha cabeça dizendo que beber duas taças de uma vez de estômago vazio talvez não tenha sido uma boa ideia. Deve ser a voz do bom senso, que aparentemente eu enterrei no fundo da mente. Eu nem tenho o costume de beber! Só consigo pensar que preferia estar em casa agora, ou em qualquer outro lugar. Para ser sincera, queria estar numa boa conversando com... Nick.

Atrevo-me a olhar na sua direção. Fico surpresa quando nossos olhares se encontram. Nick me observava. Ele abaixa a cabeça em menos de um segundo e volta a prestar atenção no celular. Será que estava mesmo olhando para mim, ou só tomando conta da Alice? Será que já bebi o suficiente para imaginar coisas? Não, isso não seria possível.

Não chego a uma conclusão, porque Alice interrompe a minha linha de raciocínio e me puxa para falar algo. Acabo precisando desviar da garçonete que serve bebidas na pista. Ao fazer isso, esbarro na Bianca, a pessoa que, dentre todas aqui, mais quero evitar.

Para piorar, ela está com um vestido de seda branco que parece ter custado um rim. O copo em sua mão ficou vazio, já que todo líquido que era para estar dentro dele, está no vestido arruinado. O branco se tornou uma mistura de laranja, vermelho e azul.

— Qual é o seu problema? — Bianca grita. Fico tensa antes de perceber que não é comigo.

É com a garçonete da qual me desviei.

Ao meu lado, a funcionária está em pânico, sem nem saber o que aconteceu e do que está sendo acusada.

— Olha o que você fez com meu vestido, sua incompetente! — Na raiva, Bianca pega uma das bebidas da bandeja e joga na cara da garota.

Uma movimentação começa a acontecer ao nosso redor. O DJ para a música ao perceber o tumulto. Todos estão olhando em nossa direção. A garçonete tenta se limpar com as mãos tremendo.

— Desculpa — diz ela, em desespero. — Eu não sei o que aconteceu.

— Está querendo dizer que não foi culpa sua? — Bianca está furiosa.

Alice me observa e balança a cabeça para mim de forma discreta. Ela sabe que eu sou a culpada por manchar o vestido, mas, pelo seu gesto, não quer que eu faça algo a respeito. É mais fácil deixar a garçonete levar a culpa e não me indispor com Bianca.

— Não é isso. — A funcionária tenta se explicar, claramente com lágrimas nos olhos. — Eu... eu sinto muito, de verdade.

— Vou mandar descontarem o valor do meu vestido do seu salário. — Bianca ameaça, apontando o dedo em riste. — Ou melhor, vou fazer questão que demitam você.

Sinto um nó no estômago. Se não fosse meu estilo de vida mentiroso, eu facilmente poderia estar no lugar dela, sendo garçonete dessa festa para ganhar uma graninha. *Poderia ser eu ali.* Não sei quais serão as consequências reais do incidente, mas me parte o coração saber que a moça pode ser prejudicada por causa do vestido idiota de uma garota rica e mimada.

Com essa sensação e a culpa consumindo a minha mente, procuro por Nick. Encontro-o com uma expressão de preocupação, ele parece tentar entender o que aconteceu.

Um filme passa em minha cabeça. Sua convicção ao dizer que a verdade é sempre o melhor caminho. A maneira que enfrentou todos na sala, sem se importar com as consequências



— Nick não aceitou mentir. Seu rosto sereno e em paz ao me contar que não se arrependia de ter sido honesto. Lembro de tudo.

Não posso continuar assim. Não vou cometer essa injustiça. *Preciso* saber a sensação de falar a verdade sem me importar com as consequências.

Quero dormir essa noite sem ser atormentada pela culpa de mentir. Não sei se a sinceridade realmente traz leveza e paz, contudo, chegou a hora de descobrir.

— Não foi ela! — Coloco-me entre as duas. — Fui eu!

Bianca me encara com deboche enquanto a garçonete começa a chorar atrás de mim e sai correndo.

— Você fez de propósito, não fez? — Ela dá um passo à frente, estreita os olhos e cutuca o meu ombro com a unha de gel.

Ela só pode estar de brincadeira.

— Por que eu faria isso?

— Aposto que você quis estragar meu vestido só porque eu estou muito mais bonita e bem-vestida que você.

— Claro que não! — defendo-me.

— Você acha que todo mundo aqui não sabe que você morre de inveja de mim? — Cospe as palavras, com o queixo levantado.

Os convidados reunidos ao nosso redor começam a sussurrar uns com os outros e a apontar para nós, alguns até riem baixinho. Os cochichos e as risadinhas ecoam em minha mente. As mesmas pessoas que me olhavam com admiração, agora me encaram com julgamento e se perguntam se realmente fiz de propósito.

Recordo-me do meu pesadelo. É chocante o quanto ele se parece com a realidade nesse momento. Pelo menos nenhuma verdade sobre mim foi revelada aqui, então essa situação não pode ser tão ruim assim... Começo a imaginar como seria se soubessem a história completa.

Tudo à minha volta parece estar em câmera lenta. Minha cabeça gira, as pernas ameaçam ceder. O ar escapa, forçando-me a tentar controlar minha respiração. Cerro os punhos para disfarçar o tremor das minhas mãos.

Não! Isso não pode acontecer aqui. Seria humilhante demais.

Minha vista embaça e minhas lágrimas estão prestes a explodir quando sinto algo me

cobrir.

Uma jaqueta jeans.

Nick.

De forma protetora, ele passa o braço direito pelos meus ombros e começa a me levar para longe dali, afastando todos que ameaçam chegar perto de mim.

— Calma — diz em um tom que só eu sou capaz de ouvir. — Vamos para casa.

Sentindo-me segura, abaixo a cabeça e deixo as lágrimas correrem. Uma gratidão inexplicável cresce no meu peito.

— Obrigada — agradeço, bem baixinho.



Por incrível que pareça, Alice espera até chegarmos na sua casa para estourar novamente.

— Você já está melhor, né? — pergunta ela ao fechar a porta do carro. Quando balanço a cabeça de cima para baixo em confirmação, sua explosão de raiva continua. — Ótimo! Então dá para você me explicar por que raios você se entregou?

Não queria ter que me justificar para ninguém. Posso ter conseguido fugir da minha avó, mas, pelo visto, vou ter que enfrentar Alice. Eu só quero me deitar e tentar dormir, ou até mesmo vomitar para ver se me sinto um pouco melhor.

Nick não se mete na conversa, mas também não vai para o quarto, apenas fica assistindo à cena, encostado na porta recém-fechada, de braços cruzados.

— Alice, eu só não...

— Ninguém tinha visto que foi você! — ela me interrompe e não me deixa falar. — Por que confessou? E, para piorar, ainda estragou a noite que poderia ter sido a melhor da minha vida. E a troco de que?

— Eu sei, me desculpa, mas... — Ela nem me ouve, só continua a surtar, interrompendo a minha fala.

— Só para sair de lá arrastada e chorando na frente de todo mundo! — Alice bate palmas de maneira sarcástica. — Parabéns, Melissa. Pa-ra-béns!

As lágrimas voltam, e eu abaixo a cabeça. Sinto-me tão exausta que não consigo pensar em nada para ser dito que possa dar fim a essa discussão. Nick se aproxima e coloca a mão no meu ombro. Esse gesto me acalma instantaneamente, e quando olho para ele, vejo um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Sei mais do que ninguém que falar a verdade às vezes é bem doloroso, mas eu admiro muito o que você acabou de fazer.

Por incrível que pareça, apesar de me sentir destruída fisicamente, não me arrependo de ter assumido a culpa. Este é o único motivo de eu ainda não ter desabado de vez: sei que fiz a coisa certa, e minha consciência está tranquila, como desejei e imaginei que ficaria. Tranquila como a de Nick estava no dia em que falou a verdade na sala de aula. Por isso, ouvir que ele aprova o que fiz me fortalece.

Alice revira os olhos para o primo, ignorando-o.

— Você nem conhecia aquela garota. — Ela continua a expressar a raiva que sente. — Podia ter deixado ela levar a culpa, ninguém ia saber.

— Eu ia saber, Alice! — explodo. — *Eu ia!*

Nick cruza os braços novamente e assente em uma concordância silenciosa. Ele está me apoiando, mesmo tendo que ir contra a prima. Imagino que não seja fácil, mas ele mesmo disse que não se importa com isso, desde que esteja agindo de acordo com o que acredita. Então sei que não está do *meu* lado, e sim do lado da verdade.

— O quê? Agora os dois vão ficar contra mim? — Pelo jeito, Alice não consegue interpretar o primo da mesma forma que eu.

— Ali — Nicholas também parece cansado. — Não tem ninguém aqui contra você.

Alice bufa.

— O que você falou para ela, hein? — pergunta ao primo e se vira para mim. — Ele veio com o papo de crente dele para cima de você, né?

— Alice, por favor — imploro.

— Está querendo fazer nela a mesma lavagem cerebral que fizeram em você? — ela o acusa.

— Alice, já chega! — Nick está começando a perder a paciência. — Eu realmente conversei com a Melissa e sei que o que falei pode ter feito ela refletir sobre algumas coisas, mas não tenho o poder de decidir por ela. Ela fez isso porque...

— Porque eu quis, Alice! — exclamo antes que ele termine a frase. — Fiz isso porque quis e achei que era o certo a se fazer. Eu não ia conseguir ficar em paz sabendo que deixei outra pessoa levar a culpa por mim. Precisava saber qual é a sensação de dormir com a consciência limpa pela primeira vez na minha vida — confesso tudo que está dentro de mim.

Alice solta uma gargalhada irônica e furiosa.

— Ah, para com isso, Melissa! Você é a maior mentirosa que eu já conheci, e agora quer vir para cima de mim com essa de consciência pesada?

— Que gritaria é essa aqui? — Tia Fernanda aparece, meio desnorteadada e com cara de sono, assustando a todos e, finalmente, dando fim à discussão.

— Nada, mãe — responde Alice, ainda me olhando com raiva. — Pode voltar a dormir.

— A festa foi boa? — indaga, ainda muito grogue de sono para perceber o clima caótico.

— Foi tudo bem, tia. — Nick intervém. — Pode deixar que eu fecho tudo aqui, pode

voltar para a cama.

Tia Fernanda se despede com um boa noite e volta para o quarto.

— Eu não vou falar mais nada, se não minha mãe vai acabar voltando aqui, mas acho bom você pensar em um jeito de consertar as coisas e não colocar tudo a perder — ameaça a chantagista antes de ir para o seu quarto.

Eu entrelaço os dedos no meu cabelo e solto o ar num suspiro — metade de alívio e metade de cansaço.

— Não liga para ela, não. — Nick me consola. — Você fez a coisa certa. Pode até não parecer, por causa das consequências, mas, como eu te disse naquele dia, uma consciência tranquila vale muito mais que a aprovação dos outros.

E é exatamente o que estou sentindo. Foi difícil enfrentar a fúria de Alice e a humilhação na festa, entretanto, acho que me sentiria muito pior se tivesse ficado quieta. Alguns dias atrás, eu teria calado minha boca e deixado aquela garçonne levar a culpa.

*É mais fácil*, eu pensaria.

Como será que eu estaria agora se não tivesse conhecido o Nick e escolhesse agir do meu modo habitual?

Eu não sei. E, para ser sincera, não quero pensar muito nisso agora. Desejo apenas me agarrar à convicção de que tomei a decisão certa e à gratidão que tenho por tudo que ele está fazendo por mim.



Estou deitada no chão, tentando dormir há algumas horas.

Com raiva, Alice me jogou apenas um edredom e uma almofada antes de ir para a sua cama *queen*.

Meu corpo todo dói depois da crise de ansiedade, e o chão não ajuda. Além disso, mesmo com a consciência leve, a insônia não foi curada em um passe de mágica.

Olho o relógio. Já são 03:15 da manhã!

Sei que não vai adiantar nada rolar no chão à espera do sono, então decido que vou pegar um copo de água na cozinha, talvez até preparar um chá, sem fazer muito barulho.

Quando chego na sala, que fica entre os quartos e a cozinha, percebo que a luz está acesa, e Nick está sentado na mesa de jantar com a mesma Bíblia que estava lendo no primeiro dia de aula aberta à sua frente. Com os olhos fechados, ele sibila alguma coisa que não consigo compreender.

Observo seu semblante concentrado por um tempo antes de me dar conta do quão estranho seria se ele abrisse os olhos agora e me visse o espionando. Já basta todas as minhas esquisitices, não quero acrescentar mais uma à lista.

Sem perdê-lo de vista, vigiando se seus olhos continuam fechados, viro-me lentamente para voltar ao quarto sem fazer barulho.

PLAFT!

Desesperada, procuro a causa do barulho e encontro um porta-retrato com a foto de Alice no chão. Como se não bastasse ele ter caído, o vidro também se partiu em vários pedaços.

Na mesma hora, olho para Nick, que está me encarando com os olhos esbugalhados e a mão no peito.

— Que susto, Melissa! — Ele solta um “grito sussurrado”.

Só queria virar um avestruz para poder abrir um buraco no chão e enterrar minha cabeça lá dentro.

— Desculpa! Só vim beber água, daí te vi, e não quis atrapalhar — explico-me, com o rosto queimando de vergonha. — Tentei voltar para o quarto em silêncio, mas, como você pode ver, não deu muito certo. — Emito um som estranho em meio a uma risada nervosa.

— Tudo bem. — Nick solta uma risadinha contida. — Fica tranquila. Sempre venho orar aqui de madrugada, você me pegou desprevenido.

Sorrio de volta antes de me abaixar para catar a bagunça que fiz.

— Deixa aí, você vai se cortar — pede. — Vou buscar uma vassoura.

Enquanto ele fala, já começo a pegar alguns cacos do chão. Não quero dar mais trabalho, e os pedaços de vidro não estão tão pequenos, de forma que é totalmente possível pegá-los com a mão sem me...

— Ai! — resmungo de dor depois de cortar o dedo em um dos cacos.

— O que foi? — Nick corre até mim na velocidade da luz e se agacha na minha frente.

Claramente preocupado, ele pega a minha mão e a inspeciona, procurando o ferimento.

— Você se cortou? — Estala a língua. — Eu falei para não mexer aí. — Ele parece meio irritado, como naquele dia na biblioteca.

Fofo.

Nota mental: lembrar-me da última nota mental!

— Não foi nada demais. — Tranquilizo-o e mostro o pequeno corte no dedo. — Foi só um cortezinho de nada, olha.

— Senta ali que eu vou buscar um curativo — pede e sai em direção ao corredor.

Pelo pouco que conheço Nicholas, acho que não vou conseguir convencê-lo a deixar para lá e voltar ao que estava fazendo como se nada tivesse acontecido, então resolvo obedecê-lo e me sento à mesa de jantar.

Segundos depois, Nick volta com uma caixinha de primeiros socorros e se senta na cadeira ao meu lado. De dentro da caixa, tira um spray antisséptico e espirra no machucado.

— Ai! — Afasto a mão ao sentir o machucado arder.

— Não era só um cortezinho de nada? — ele zomba de mim.

— Haha! — Rio sarcástica. — Engraçadinho.

Ele pega uma caixinha de band-aids e tira um lá de dentro. Apesar de extremamente sério, Nick consegue ser muito carinhoso. Sorrio como uma boba ao vê-lo colocar o curativo no meu dedo com todo o cuidado. Por estar distraída, não percebo quando ele termina e olha para mim. Fico sem graça ao ser pega no flagra e tento disfarçar analisando o curativo.

— Olha só! — Finjo uma admiração exagerada. — Já pensou em ser enfermeiro? Acho que você se sairia muito bem.

Nick solta uma risada sincera e relaxa os ombros, como se conversasse com uma velha amiga.

— Quem sabe não é a minha vocação? — E dá de ombros, ainda sorrindo.

Continuamos a conversar sobre estarmos no último ano do Ensino Médio e sobre a pressão de ter que decidir o futuro. Então ele fica curioso sobre o que eu pretendo fazer após a formatura.

— Eu queria muito fazer uma boa faculdade, mas ainda não sei bem o curso, por isso



estudo para estar preparada para qualquer coisa.

— Eu ouvi mesmo que você tem umas notas bem altas. — Aparentemente, ele presta atenção nas fofocas sobre mim. — As garotas populares agora podem ser *nerds* também? — brinca.

— Pelo jeito, sim. — Dou de ombros, rindo. — Mas e você? Pensa em ser militar como seu pai?

Nick faz uma careta engraçada que beira a repulsa.

— Não! Deus me livre. Não quero viver indo para lá e para cá, sem poder escolher onde morar. Além disso, pretendo ter uma família um dia e quero viver sossegado com meus filhos.

Preciso tapar as bochechas, porque elas esquentam e ficam vermelhas. Nunca ouvi nenhum garoto da escola, ou melhor, nenhum garoto da minha idade pensar no futuro desse jeito, sonhando com uma família e planejando sua vida de acordo com esse desejo. Normalmente, os meninos do Ensino Médio só pensam em se divertir sem medir as consequências; filhos, casamento e carreira são assuntos que seus cérebros jamais pensariam, se é que eles têm um.

— Mas não vou mentir, ser filho de militar me rendeu alguns momentos divertidos — continua a falar, com um sorriso nostálgico de quem relembra um bom momento.

— Tipo o que? — Fico curiosa.

— Um dia, participei de um evento de condecoração lotado, e meu pai estava lá no palco para receber a medalha “Soldado do Silêncio”, que é dada aos militares que prestaram bons serviços na parte de inteligência do Exército Brasileiro. — Solta uma lufada de ar pelo nariz, antevendo a graça. — Aí eu virei para minha mãe e falei super alto: por que o papai ganhou essa medalha se ele fala para caramba?

— Você não fez isso! — Arregalo os olhos e caio na risada.

— Dá um desconto — defende-se. — Eu só tinha seis anos.

— Eu pagaria para ver essa cena.

Ele também me confidencia que queria ter tido um irmão, mas os pais acharam melhor não, visto que a carreira no Exército já era difícil para famílias com um filho, imagina dois! Eu compartilho que moro com a minha avó e conto alguns dos momentos rabugentos dela.

Nick não me pergunta o motivo de eu ter sido criada pela minha avó. Fico aliviada por não ter que mentir para ele. Ele acha que sou filha de diplomatas, por isso, faz total sentido que

não viva com meus pais. Afinal, essa é a história que espalhei na escola.

— E o que você gosta de fazer nas horas vagas? — Continuo a minha investigação, querendo saber mais sobre ele.

— Eu curto desenhar. — Surpreendo-me com a informação.

— Que legal! Acho incrível quem sabe desenhar — digo, admirada. — Já eu sou tão péssima que até o meu boneco de palito sai feio.

— Não pode ser tão ruim. — Ele aperta os olhos e franze o cenho, desacreditado.

Pego a caneta e um pedaço de papel que já estavam na mesa e faço um bonequinho muito esquisito.

— É... — Nick tenta evitar uma crise de riso. — Não tem como te defender.

Ele pega um caderno que estava escondido sob a Bíblia e o abre, mostrando-me uma série de desenhos que fez. As páginas estão repletas de animais, pessoas, histórias em quadrinho e até construções muito bem estruturadas.

— Meu Deus, Nick! — Pego o caderno da sua mão e o folheio inteiro, completamente estarrecida. — Seus desenhos são incríveis!

— Obrigada — ele agradece, com vergonha, e pega de volta os esboços da minha mão. — E você, curte o que?

— Eu não tenho nenhum talento oculto como você, mas costumo ver *muitos* filmes e ler bastante no meu tempo livre.

As últimas palavras saem meio falhadas. Lembro do porquê saí da minha “cama confortável”: beber água. Além disso, nós estamos conversando há tempo suficiente para a minha garganta secar e implorar por uma bebida. Nicholas deve ter percebido, pois vai até a cozinha e volta com dois copos de água e um pacote de salgadinho de queijo.

Quase dou um abraço nele.

— Obrigada — agradeço antes de beber o copo inteiro.

— Por falar em filmes, quando eu era menor, meu pai me fez assistir *Space Jam*<sup>[3]</sup>, e eu amei tanto que já assisti um milhão de vezes. Com certeza é meu top 1 de filmes preferidos — Nick revela.

— É sério isso? — Torço o nariz. Não pode ser verdade.

— Esse filme é uma obra-prima — argumenta diante da minha incredulidade. — Só é

incompreendido.

— Obra-prima? — Não seguro a risada. — Fala sério, Nick! Esse filme é péssimo.

— Vai me dizer que você é supercultu e só assiste filmes austríacos? — debocha, sarcástico.

— Não é para tanto. — Reviro os olhos. — Para mim, não tem nada melhor do que uma comédia romântica. Principalmente as antigas, dos anos 1990 e 2000.

— Quer dizer que você gosta dessa baboseira... o cara babaca deixando de ser babaca por ter se apaixonado pela mocinha? — questiona com a voz esquisita.

— Basicamente, sim. — Levanto as sobrancelhas, fingindo estar ofendida, mas quase fico mesmo. — Não é baboseira.

— Então os filmes te iludiram direitinho — anuncia, com um tom de superioridade.

— Como assim?

— Caras babacas podem até mudar, Melissa, mas com certeza não mudam por terem se apaixonado por alguém.

— Ah, é? Nesse caso, meu caro senhor especialista em relacionamentos — digo e cruzo os braços desafiadoramente —, por qual outro motivo eles mudariam então?

Nick faz uma pausa. Ele me analisa e parece ponderar se vai ou não falar o que está pensando.

— Sabe? Vou te contar uma coisa sobre mim: eu era um cara babaca.



— Sempre que eu começava a me apegar a alguém, já era hora de ir embora, e eu ainda não era próximo o suficiente de ninguém para continuar a manter contato. Então comecei a me

sentir muito sozinho, e essa solidão me fazia querer criar algum tipo de conexão e chamar a atenção das pessoas, sabe?

Ele não parece falar de si mesmo. Nick vive sozinho pelos corredores da escola e fala educadamente com todo mundo, mas não é próximo de ninguém. Como é possível que ele seja assim agora e já tenha se sentido solitário?

— Mas você já deixou claro para mim que não se importa com isso. — Verbalizo meus pensamentos.

— Não me importo *hoje*, mas, há alguns anos, isso era muito pesado para mim. Quando eu tinha quinze anos, meu pai machucou o joelho em um treinamento e precisou fazer um longo tratamento. Foi aí que eu tive a oportunidade de passar mais tempo em uma cidade. — Seu semblante entristece. — Só que também foi nessa época que tudo desmoronou para mim.

— O que houve? — Não contendo a curiosidade.

— Eu conheci uns caras. Eles não tinham uma boa fama, mas eu não achava que fosse algo absurdo, sabe? Além do mais, foram os primeiros a me dar atenção na escola. — Ele me lança um sorriso pesaroso. — Daí eu pensei que finalmente tinha amigos e fazia parte de algo. Eu decidi que faria o que fosse preciso para não ficar sozinho de novo.

Sei muito bem como é o sentimento de fazer o que for preciso para não ficar sozinho de novo. É exatamente isso que me move e me faz ser quem sou hoje, ou melhor, ser quem eu finjo ser.

Quando Nick me olha com decepção na escola, sempre justifico mentalmente minhas ações, dizendo a mim mesma que ele nunca se sentiu como me sinto e, por isso, jamais me entenderia.

Só que eu não poderia estar mais enganada.

Concluo que, se Nicholas já esteve no meu lugar, sabe como é a sensação. Se cheguei ao ponto de mentir para todos, talvez ele também tenha feito algo parecido.

— O quão longe você foi?

— Muito longe.

Nick fica com o olhar perdido e encara as próprias mãos, provavelmente revivendo as lembranças do passado. Vejo como seu rosto se torna mais triste. Deve ser difícil e até vergonhoso para ele falar sobre isso.

— Tudo bem se não quiser entrar em mais detalhes. — Tranquilizo-o, apesar da minha curiosidade.

Ele desvia o olhar das mãos e volta a prestar atenção em mim, como se estivesse voltando de uma viagem no tempo, lembrando-se de que estou aqui e de onde ele mesmo está.

— Não, não. Tudo bem, não me importo de contar, só é uma coisa da qual não me orgulho, então é um pouco difícil de reviver essas memórias.

Fito sua mão sobre a mesa e concluo em poucos segundos que temos intimidade suficiente para que eu coloque a minha mão sobre a dele. Não faço movimento algum, apenas a deixo ali, em um gesto de consolo. Nick não rejeita o afago, mas também não retribui.

Quando ele volta a falar, recolho de volta a minha mão, ciente de que deixá-la nessa posição por mais tempo seria estranho.

— Eles começaram a ir numas festas bem pesadas, beber, usar drogas e outras coisas — diz com desgosto.

— E você ia com eles?

— Como disse, eu estava implorando por pertencer a algum lugar. — Ele me encara, completamente desolado. — *Qualquer* lugar. Eu não suportava aqueles ambientes e nada daquilo, mas achava que ficar sozinho era pior, então fazia de tudo com eles, só para não me excluïrem do grupo. Até que...

Nick hesita. Respeito o seu tempo, temendo o que está por vir.

— Até que um dia a gente estava bebendo no meio-fio, perto de uma loja de conveniência, e quando a cerveja acabou, ninguém tinha dinheiro para comprar mais.

Não pode ser o que estou pensando.

— Aí eles me convenceram a assaltar a loja — revela, com a voz um pouco embargada.

— Meu Deus, Nick! — Estou totalmente chocada.

— Eu fui contra, à princípio, mas um deles começou a me ameaçar dizendo que eu voltaria a ser um ninguém, sozinho no fundo da sala, e que iria tornar minha vida um inferno. — Nick não controla as lágrimas, e eu contenho a vontade de secá-las. — Eu achei que não tinha outra escolha.

— Eu entendo como você deve ter se sentido. — Conforto-o, porém logo penso em algo que me deixa preocupada. — Mas tinha alguém na loja? Alguém se machucou?

— Não! Graças a Deus, não. — Respira fundo. — Eu prefiro nem pensar no que teria acontecido se tivesse alguém lá. Eles até acharam que a atendente estava trabalhando na hora, mas graças a Deus o lugar já estava fechado.

— E vocês foram pegos?

— Sim — responde com pesar. — Ao perceber que não tinha ninguém, um deles quebrou o vidro da porta e pulou para dentro, mas quando foi abrir para gente entrar também, o alarme disparou. Tentei fazer ele sair de lá o mais rápido possível, mas ele ainda queria pegar o dinheiro, porque já estava lá. Mas a polícia pegou a gente no flagra e levou todo mundo para a delegacia.

— Você foi preso? — Arregalo os olhos diante dessa possibilidade.

— Não fui preso, *preso*, porque ainda era menor de idade, mas fiquei internado num centro para menores infratores como medida socioeducativa.

Não consigo conceber a imagem de Nick envolvido em algo assim. Tudo bem que não foi ideia sua, mas ele participou e terá para sempre essa “mancha” no seu passado. Sempre achei que as pessoas que já cometeram crimes são assustadoras, entretanto, Nick é empático e responsável demais para se parecer com um delinquente.

— Eu realmente não consigo imaginar *você* fazendo tudo isso.

Nick me lança um sorriso meio de lado, um pouco sem graça. Fico feliz por ele estar mais calmo e já ter parado de chorar, voltando ao estado relaxado de sempre.

— Isso é porque você me conheceu depois que eu mudei.

— E o que te fez mudar tanto? — pergunto. Quero ir mais fundo na investigação. — Você disse que caras babacas não mudam por se apaixonarem, então imagino que não tenha sido por causa de uma garota — arrisco uma brincadeira, e ele solta uma risada sincera.

— De uma certa forma até que foi, mas não nesse sentido.

Devo ter feito uma careta muito confusa, pois ele ri um pouco antes de continuar.

— Acontece que meus pais sempre foram cristãos, e eu fiquei morrendo de vergonha deles quando fui preso. Não aceitei que me visitassem no centro — ele conta, e eu tenho a impressão de que suas lágrimas ameaçam cair outra vez. — E, depois de sair, fiquei com muito medo de como seria. Achava que, como cristãos, eles não iam admitir ter um filho infrator, especialmente meu pai, que além de cristão, é militar.

— E como reagiram?

— Eles foram me buscar juntos. Meu pai não disse muito, mas me deu o abraço mais reconfortante que já recebi na vida. Depois, minha mãe me encheu de beijos e me deu uma caixa cheia de chocolates, acredita? — A tristeza dá lugar à gratidão e a um sorriso nostálgico. — Em casa, ela tinha preparado um baita almoço para me esperar, com todas as minhas comidas preferidas. Meu quarto também estava todo arrumadinho, cheio das besteiras que eu não pude comer enquanto estava internado.

— Mentira! Assim, de boa?

Que reação... diferente. Qualquer mãe daria um sermão de horas ou dias no filho. Não que eu tenha muita experiência nessa área, mas sei que pelo menos a minha avó não deixaria passar assim tão fácil.

— Sim, nunca vou esquecer a compaixão que ela teve por mim. — Vejo uma lágrima solitária correr em seu rosto. — Mas hoje entendo que ela agiu como Jesus agiria, sabe? Não virou as costas no momento em que eu mais precisava, apenas me acolheu.

— Que fofa. — Lembro-me do que ele disse antes. — Então a garota foi sua mãe?

— Sim. — E o sorrisinho de lado aparece. — Daquele dia em diante, ficamos mais próximos, e ela começou a falar mais de Jesus para mim. Era engraçado, porque mesmo tendo crescido em um lar cristão, eu nunca tinha dado muita importância para isso, sabe? Sempre que eu ia à igreja, ficava viajando, só ia mesmo para agradar eles.

— E o que mudou?

— Depois de tudo que me aconteceu, percebi que não dava para continuar daquele jeito. Daí eu comecei a me envolver mais com tudo e acabei conhecendo a Deus de verdade. n'Ele encontrei meu lugar e a sensação de pertencimento que tanto buscava.

O rosto de Nick está iluminado, irradiando paz e felicidade. Percebo que, mesmo sem nunca ter pensado sobre isso dessa forma, a sensação de pertencimento é exatamente o que eu sempre quis e busquei.

— Passei a vida querendo fazer amigos — ele acrescenta —, mas descobri que Jesus é o melhor amigo que podemos ter. Amigos humanos, por mais confiáveis que sejam, podem errar e nos decepcionar. Mas Ele é um amigo em quem podemos confiar a todo momento, um que nunca vai nos deixar.



— Por isso você disse que nunca está sozinho? — recordo-me do que ele me disse na biblioteca.

— Exatamente. — confirma, satisfeito. — E percebi que não tem sentido querer ser aceito tentando agradar todo mundo, ainda mais se tiver que fazer algo errado no processo. Tanto é que, no dia que fui preso, o meu suposto amigo — acrescenta e faz aspas com os dedos ao dizer a última palavra —, o que sugeriu o assalto, ainda tentou colocar a culpa em mim quando a polícia chegou.

— Que imbecil — afirmo com indignação, o que arranca uma risada de Nick.

— Às vezes, quem nos decepciona é aquela pessoa que nunca imaginávamos.

Nicholas já me olhou tantas vezes com um olhar de decepção, — mesmo sem nem saber todas as mentiras que eu conto —, que não consigo deixar de imaginar como ele me trataria se descobrisse quem eu sou de verdade e tudo o que já fiz. Será que ia me desprezar, ou teria a mesma compaixão que sua mãe?

A possibilidade de ser desprezada por Nick me deixa aflita. Mesmo que eu ainda não possa considerá-lo um amigo, não me agrada a ideia de não tê-lo próximo a mim.

— Mas eu não me importo com isso também. — Nick continua e me tira dos meus pensamentos. — Quando conheci a Deus, vi que Ele é o único a quem preciso agradar.

— Mas não entendi uma coisa. — Reflito sobre o que ele disse. — Se você precisa sempre fazer o que Ele quer e acha melhor, então qual a diferença entre isso e fazer de tudo para agradar os outros?

— Porque os outros não permanecem nos momentos ruins, mas te forçam a fazer coisas contra a sua vontade apenas para benefício próprio, mesmo que te prejudique. E ainda te abandonam quando tudo dá errado. — O fato é como um tapa na minha cara. — Mas Deus é o único que nunca te abandona, não importa o quão ruim seja a sua situação. E tem mais: tudo o que Ele quer para você é sempre para o seu próprio bem, para que você viva em plenitude. Com Ele, não há mais aquele vazio no peito e solidão.

Só consigo pensar em como somos mais parecidos do que eu imaginava. Os sentimentos que tivemos e a forma como reagimos a eles; o fato de termos feito o que foi preciso para que gostassem de nós; o esforço extremo para não sermos excluídos... Já fingimos tanto, nos submetendo à vontade dos outros. E a troco de quê?

No caso dele, de ser preso. No meu, de perder minha saúde mental.

— Desculpa. Falei demais, né? E ainda sobre umas coisas bem pesadas. — Nick me fita, apreensivo, julgando meu silêncio como desconforto. — Você está bem?

— Não... Quer dizer, sim! — Embaralho-me. — Foi bom ouvir sua história. Obrigada por compartilhar comigo. — Minha voz falha um pouco, o que o faz franzir o cenho.

— Isso não foi muito convincente.

— É que... eu me identifiquei muito com o seu eu do passado, sabe? — Decido ser sincera. — Com as coisas que você sentia e tudo mais. Foi um pouco chocante saber que você já foi como eu.

— A gente não tem ideia do que se passa na cabeça dos outros. — Nick me lança um sorriso solidário.

Por alguns segundos, ele parece me analisar, pensando um pouco antes de continuar a falar.

— Eu imagino que as mentiras que Alice falou têm um pouco a ver com esses sentimentos, certo?

Sei que essa noite nos aproximou, entretanto, mesmo querendo muito, ainda não estou preparada para falar sobre minha história tão abertamente. Sinto-me mal por isso, já que ele acabou de se abrir por completo para mim e me contou todo o seu passado doloroso.

— Tudo bem, não precisa me contar se não estiver pronta. — Nick me tranquiliza. Será que ele leu a minha mente? — Mas saiba que eu nunca iria te julgar, caso um dia queira contar. Posso não concordar com as suas mentiras, mas quem sou eu para julgar seus motivos? — Ele dá de ombros.

Meu coração se aquece diante da perspectiva de ter alguém com quem contar, alguém que me entende mais do que eu imaginava e que, apesar de não concordar com minhas ações, não vai me jogar pedras.

— Obrigada.

Nick dá seu típico sorrisinho torto antes de começar a juntar suas coisas, que ainda estão em cima da mesa. Observo-o por um tempo, sentindo certa inquietação dentro de mim.

Ele já foi como eu, mas não é mais. Conseguiu superar seus medos e encontrou o seu lugar. Sei o motivo de Nick ter buscado um rumo diferente para sua vida, visto que, assim como

eu, não aguentava mais viver desse jeito. Mas será que...

— Nick?

— Oi? — Ele para o que está fazendo e volta a prestar atenção em mim.

— Você acha que eu conseguiria mudar como você? — pergunto de uma vez, antes de perder a coragem. — Acha que eu conseguiria viver de uma forma diferente?

— Claro que sim. — O sorriso dele quase me abraça de tão acolhedor. — Basta você querer, Melissa.

— Querer eu quero, mas não faço ideia de como fazer isso — admito, desanimada.

— Olha, eu acho que posso te ajudar. — Ele me analisa enquanto fala. — Depois de amanhã, eu vou em um culto na minha igreja. Se você quiser, te busco na sua casa e você vai comigo. Topa?

O convite é tão inesperado que nem consigo disfarçar a surpresa no meu rosto.

Lembro de ele ter dito que sua mudança começou quando a mãe começou a falar de Jesus, e que, por conta disso, ele passou a dar importância aos cultos. Sem pensar muito, dou de ombros diante da expectativa no olhar de Nick e respondo:

— Por que não?

S U F O C A D A

pelo menos tentar disfarçar.

Então, antes de dormir, separei uma calça jeans, uma blusa amarelo bebê com florezinhas vermelhas e meus tênis brancos. Agora que estou pronta, olho-me satisfeita no espelho, certa de que foi uma boa escolha.

Quando estou quase terminando meu café, ouço uma leve buzina do lado de fora. Logo em seguida uma notificação chega no meu celular. Já sei do que se trata, ainda assim respondo a mensagem de Nick, avisando que já vou.

Saio de casa e me deparo com Nicholas de braços cruzados, encostado na porta do carona de seu carro estacionado. Meu coração acelera um pouco e tento forçá-lo a se acalmar.

Sou tomada por alívio ao ver que Nick usa um *look* parecido com o meu: calça jeans, blusa preta básica e tênis também preto, bem casual e confortável. Escolhi a roupa certa.

Ele sorri quando me vê, deseja-me bom dia e se afasta do carro para abrir a porta para mim. Assim que entramos no carro, minha ansiedade aumenta, obrigando-me a secar as mãos levemente suadas na calça.

— Você não tem ideia do quanto estou feliz por ter aceitado meu convite — ele confessa com um sorriso no rosto.

Nick tenta me acalmar e me deixar confortável. Vejo que o seu semblante está ainda mais iluminado do que o normal. Ele parece realmente muito feliz por eu estar aqui.

— Confesso que estou bem nervosa e não sei o que esperar.

— Fica tranquila, tenho certeza de que você vai gostar — assegura, tirando os olhos da pista só para me lançar um sorriso confortador.

No caminho, Nick me explica que o culto é dirigido por um pastor, o qual compartilha uma mensagem sobre a Bíblia, fazendo uma espécie de exposição do texto. Além disso, todos oram e cantam como forma de adoração a Deus.

Hoje, como me trouxe, Nick também vai me levar para casa depois do culto, mas, geralmente, ele fica na igreja até mais tarde e participa de atividades em grupo e até de ações sociais.

Não tenho muito mais tempo para extrair informações, pois logo chegamos.

A fachada da igreja é bem bonita e pouco ornamentada. Os tons claros dão a sensação de um lugar sereno. Na porta, pessoas recebem os visitantes com sorrisos aconchegantes. Lá

dentro, crianças engomadinhas correm umas atrás das outras, famílias reunidas conversam e alguns se ajoelham para orar.

É tudo tão acolhedor que me pego sorrindo, admirada.

Vejo Nick acenar para algumas pessoas que o cumprimentam. Todos parecem ser velhos amigos. Um casal de mãos dadas, mais ou menos da nossa idade, nos vê e começa a se aproximar de nós.

— Nick! — A garota chama, superanimada.

Ela é linda demais. A pele negra quase brilha, e o cabelo é tão volumoso que me dá até uma pontinha de inveja. Seu vestido verde oliva é uma graça, todo florido e soltinho. Além disso, a menina parece simpática, talvez seja alguém com quem eu gostaria de formar uma amizade.

— E aí, cara? — O garoto estende a mão para Nick, que a segura, e os dois batem os ombros amigavelmente.

Nicholas é um pouco mais baixo que ele, mas, no geral, os dois são bem parecidos. Ambos têm cabelo preto, pele clara e uma tranquilidade no olhar.

— Oi, pessoal! — Nick devolve os cumprimentos.

Sinto-me meio deslocada por ser a única que não conhece ninguém. A sensação não melhora quando os dois me olham com uma expressão questionadora, passando o olhar de mim para Nick, como se perguntassem silenciosamente: quem é essa?

— Essa é a Melissa. — Ele compreende e responde antes de a pergunta precisar ser verbalizada. — A gente estuda junto, e ela é amiga da minha prima. Convidei ela para conhecer a igreja.

A garota fica empolgada e me abraça. Retraio-me um pouco, por não estar acostumada com esse tipo de demonstração de afeto, ainda mais vindo de uma desconhecida, mas o abraço é tão caloroso que acabo me rendendo.

— Oi, Melissa! Eu sou a Júlia, e esse é meu namorado, Marcos. — Aponta para o rapaz que chegou com ela. — Seja muito bem-vinda! Que bom que você veio, espero que volte outras vezes.

— Prazer. — Marcos estende a mão, e eu a aperto. — Conta com a gente para o que precisar, viu? Todo mundo aqui é família.

Apesar das reações inesperadas de boas-vindas, consigo relaxar e me sentir acolhida.

Talvez minha presença seja mesmo importante para eles, de algum modo.

Será que esse é um pequeno gostinho da sensação de pertencimento que Nick falou?

Ele me conduz, seguindo os amigos até uma fileira de cadeiras. Não demora para que o culto comece. Depois de dizer algumas palavras e dar as boas-vindas, um pequeno grupo começa a tocar e a cantar algumas canções, e todos parecem saber as letras de cor. Algumas pessoas batem palmas, outras levantam as mãos enquanto cantam. E eu apenas observo, gostando da sensação de unidade que aquela junção de vozes traz ao meu peito.

Em seguida, os músicos dão lugar a um senhor que parece ter uns cinquenta anos. Ele começa a fazer uma oração. Todos ficam de pé e fecham os olhos para acompanhá-lo. Um pouco perdida, tento imitá-los e concordo com as coisas que o senhor diz, imagino que ele seja o pastor que Nick citou mais cedo.

— Abram suas Bíblias em Salmos 27, por favor — o pastor pede e espera até que todos achem o texto na Bíblia antes de continuar a falar. — Deixa eu falar uma coisa importante para vocês. Nós, humanos, somos seres dependentes um dos outros. Dependemos da ajuda, do afeto, da aceitação e da afirmação das pessoas, principalmente daquelas que gostamos ou admiramos. Só que também somos falhos e egoístas. Tendemos a julgar os outros, até mais do que deveríamos — ele afirma, fazendo alguns rirem. — Então só podemos depender d’Aquele que é perfeito e não falho como nós, d’Aquele que não se importa com o seu passado, por mais vergonhoso que você ache que ele seja.

Espera aí. Isso está muito parecido com o que o Nick estava me dizendo na sexta-feira. Será que os dois conversaram?

— Deus está de braços abertos para te receber — diz ele —, mesmo que você tenha sido traído, rejeitado ou abandonado por quem confiava. Pois, como está escrito no Salmo 27, versículo 10: ainda que me abandonem pai e mãe, o Senhor me acolherá.

Minha cabeça começa a girar e meu estômago se aperta.

Isso tudo é... para mim?

Quero acreditar que isso é mera coincidência e me sentir confortada por essas palavras, mas uma pequena pontada de desconfiança teima em querer assumir o controle dentro de mim.

O misto de emoções e o choque causado pela mensagem mexe tanto comigo que não consigo controlar as lágrimas. Ao meu lado, Nick percebe que estou chorando, mas, mesmo com

a expressão preocupada, não diz nada. Viro o rosto para fora do seu campo de visão e morro de vergonha ao cruzar o olhar com o de Júlia, que pega minha mão e pergunta em um sussurro se está tudo bem. Só consigo assentir.

Não sou capaz de prestar atenção em mais nada depois disso, e passo o restante do culto em modo automático. No caminho para casa, permaneço em silêncio, deixando uma lágrima ou outra cair. Nick respeita o meu momento e não diz nada até estacionar na minha porta.

— Está tudo bem? — Seu rosto é pura preocupação. — Você veio o caminho todo quieta.

— A Alice te contou tudo, né? — acuso-o, com a visão embaçada. — E você falou de mim lá na sua igreja, não foi?

— O que? — Nick parece chocado, e até um pouco ofendido. — Claro que não, Melissa! E mesmo que ela tivesse me contado uma coisa só que fosse, eu *nunca* iria falar da sua intimidade para ninguém.

— Você jura? — Preciso ter certeza.

— Melissa! — Dá para ver que ele fica chateado com a minha acusação. — Você, mais do que ninguém, sabe que eu não minto.

Uma pontada de culpa me invade. Como pude pensar que ele faria isso? Nick é a pessoa mais empática e honesta que eu já conheci. Como pude duvidar *logo dele*?

— Me desculpa! — Não consigo mais conter as lágrimas que estava segurando. — Eu sei que você não faria isso. É só que... — Engasgo-me com os soluços.

— Calma! Está tudo bem. — diz ele, compassivo. — Respira fundo.

Tento regular minha respiração, mas não aguento mais guardar tudo isso.

Estou sufocada com as minhas mentiras e meu medo. Eu preciso de alívio. Quero colocar tudo para fora, mesmo que seja só aqui.

Só para o Nick.

— Vou te contar a verdade, Nick.

Ele me olha com expectativa, aguardando o momento em que estarei pronta para começar.

— A verdade é que toda a minha vida é uma mentira! — externo o que estava guardado no fundo da minha mente. — Nunca viajei para lugar nenhum. Odeio as festas e tudo mais.



Odeio minhas roupas. Odeio ter que me maquiar igual uma palhaça todos os dias. Odeio tudo nessa Melissa. — Aponto para mim mesma com as mãos.

Nick assiste meu desabafo e não parece muito surpreso com as revelações, mas também não diz nada.

— Sabe o que seria um dia perfeito para mim? — Ele meneia a cabeça em negativa. — Ficar o dia todo de pijama debaixo das minhas cobertas, sem nem pentear o cabelo. É assistir um filme atrás do outro ou ler um livro inteiro e comer todo tipo de porcaria que tiver em casa! — Estou quase gritando. — Essa sou eu de verdade!

Nick solta uma risada baixa, provavelmente porque me imaginou da forma como descrevi.

— Falando em filmes e livros, eles são as únicas experiências românticas que já tive na vida. E todo mundo acha que eu nem sou mais virgem! — Dou uma risada meio insana ao lembrar desse absurdo. — Eu nunca nem beijei um garoto, meu Deus do céu!

Ele ri novamente, e eu paro de falar um pouco para recuperar o fôlego.

— Mas — Nick diz, meio receoso —, se você odeia tanto tudo isso, por que inventou essas coisas sobre si mesma?

— Não é óbvio? — Achei que, mais do que ninguém, ele me entenderia, já que passou por algo parecido. — Pelo mesmo motivo que você fez o que foi preciso para ser aceito. Porque eu não queria ser rejeitada. — Minha voz sai engasgada. — Não de novo.

— De novo? — Ele estuda meu rosto e franze a testa, curioso.

— É que...

Meus olhos se enchem de lágrimas outra vez, e eu não consigo mais falar. Posso ter destrancado vários quartos escuros do meu subconsciente e revelado a ele muitas verdades vergonhosas sobre mim, mas ainda não estou pronta para abrir a próxima porta, porque tenho muito medo de lidar com o que vou encontrar lá dentro. Essa é, sem dúvidas, a verdade mais dolorosa da minha vida, e me apavoro só de pensar em enfrentá-la.

— Tudo bem. — Nick toca carinhosamente minha mão. Mais uma vez, desconfio que ele tenha o poder de ler a minha mente. — Acho que já deu por hoje.

— Você não está chocada com tudo que eu disse?

Fico intrigada por ele não fazer mais nenhuma pergunta e nem parecer surpreso depois

de tantas revelações. Qualquer um teria um monte de questionamentos depois de ouvir tudo isso.

— Na verdade, não. — Dá de ombros. — Eu já sabia que tinham algumas mentiras envolvidas, e depois do que conheci de você nas nossas últimas conversas, já imaginava que você não era bem quem dizia ser.

Nossos olhares se encontram, e sustentamos a troca por um tempo, o suficiente para qualquer um considerar estranho ou suspeito.

Sinto que agora temos uma conexão mais profunda. Algo mudou entre nós.

Talvez esse seja o início da minha primeira amizade sincera.

Ou, pelo menos, espero que seja.

— Obrigada por hoje — digo, descendo do carro.

— Disponha. — Ele dá o famoso sorrisinho torto que estou começando a achar irresistível.



## CAPÍTULO 17

### RECAÍDA

Assim que entro em casa, minha avó percebe meu rosto inchado de tanto chorar.

— O que houve, meu amor? — indaga, com a expressão cheia de preocupação.

Ela pega as minhas mãos e me conduz até o sofá para nos sentarmos.

— Tem tanta coisa acontecendo, vó. — Dou um sorriso sofrido. — Nem sei por onde começar.

Passo pelo menos umas duas horas contando à vovó tudo o que aconteceu. Ela me ouve atentamente e até chora comigo em alguns momentos. Falo do Nick, do quanto ele me faz refletir sobre muitas coisas, das suas crenças e de como me sinto bem ao ouvi-lo.

— Já gostei desse menino — ela brinca.

— Hoje ele me levou na igreja dele, e eu me senti super esquisita, vó. Parecia que tudo que o pastor falava era para mim, sabe? A mensagem foi muito boa e até me deu esperança de um futuro melhor, só que o problema foi que quase estraguei tudo acusando o Nick de ter contado sobre mim para o pastor.

— Ele fez isso? — vovó pergunta, já pronta para retirar o que disse.

— Claro que não. — Solto um muxoxo. — Eu me senti bem culpada depois de acusar

ele e comecei a ficar sufocada por continuar mentindo, então acabei contando tudo para ele.

— Tudo? — Levanta uma sobrancelha intrigada, tentando confirmar.

— Quase tudo. — Valido as suas suspeitas. — Aquilo está além do que sou capaz de encarar no momento.

— Tudo bem, meu amor. — Ela me dá tapinhas tranquilizadores na mão. — Já é um ótimo começo, e fico muito feliz de você estar se abrindo para alguém.

Durante o restante do dia, conversamos e nos divertimos juntas. A cozinha fica toda bagunçada devido à aula de culinária que a vovó me dá. Juntas, fazemos os *cookies* que ela preparou na primeira semana de aula. Mas, diferente dos dela, os meus ficam com gosto de meia suja.

A noite chega e, mesmo exausta, não consigo deixar de temer a angústia de sempre. Todo dia é a mesma coisa: rolo na cama a madrugada inteira, sem conseguir dormir, só vendo as horas passarem no relógio.

Já aconchegada no meu travesseiro, confiro o horário. São 23:28.

Fecho os olhos e respiro fundo.

Logo ouço um barulho e tento ignorá-lo, jogando a coberta por cima do ouvido. O som insiste e sou obrigada a levantar para conferir o que é. Meio desnorteada, tento abrir os olhos e me assusto com a batida na porta.

— Mel? — Minha avó entra no quarto. — Você está atrasada.

Atrasada?

Procuro o relógio na mesa de cabeceira e... 06:49???

Eu... dormi demais? Ou melhor: eu *dormi*?

— Eu dormi — penso alto, em choque.

Ela faz uma careta, sem compreender a minha reação, já que nunca contei sobre meus problemas de insônia. Mesmo que eu quisesse, não iria adiantar muito, porque não teríamos dinheiro para pagar consultas e remédios. Por isso, pensei que seria melhor não preocupá-la com isso.

— Eu dormi demais, vó! — Corro até ela, animada com minha pequena conquista, e lhe dou um beijo na bochecha.

— Iiih! Pirou de vez! — zomba. — Se apressa, garota.

Não lembro da última vez que consegui dormir bem assim. Na verdade, apaguei. Em um momento, eu estava olhando o relógio, e no outro, já era de manhã.

Eu estava exausta depois de tudo que aconteceu ontem, e ainda assim não esperava dormir numa boa, porque o meu normal é viver com o corpo e a mente cansados, sem nunca cair no sono tão fácil.

Só consigo pensar que isso foi resultado da minha conversa com Nick. Talvez seja porque coloquei tudo para fora e fui sincera pela primeira vez na vida. Sinto-me leve e esperançosa. Pergunto-me se essas mudanças vão continuar acontecendo e aonde será que elas vão me levar.

Aproveito a minha onda de leveza e arrisco uma coisa nova: vestir-me como eu mesma. A Melissa real, e não a personagem.

Vasculho meu armário e pego uma calça jeans clara de cintura alta, folgadinha e confortável. Escolho uma blusa de tricô bege sem mangas que estava escondida no fundo do armário e calço meu amado tênis branco.

Prefiro não usar muita maquiagem; apenas cubro as olheiras com corretivo, passo rímel, um pouco blush e um *gloss* transparente nos lábios. Prendo o cabelo em um rabo de cavalo relaxado e fico satisfeita com a versão de mim que vejo no espelho.

Essa sim sou eu.

Saio de casa o mais rápido possível antes que a pequena chama de coragem que surgiu em mim se apague. Só que, assim que piso no Colégio Cesari, percebo que foi ingenuidade minha acreditar que conseguiria mantê-la acesa o dia todo.

Caminhando pelo corredor do colégio, estranho os olhares que recebo. É normal que me observem, contudo, tem algo diferente dessa vez. Aperto as alças da mochila, sentindo-me exposta além da conta — o que é estranho, já que estou mais vestida do que costumo estar.

Ah! Será que é por causa da roupa?

Corro até o banheiro a fim de verificar se tem algo errado, mas não encontro. Não é possível que eles tenham agido daquele jeito só porque não estou com minhas roupas padrão.

Estou prestes a entrar na sala, ainda sem compreender o que está acontecendo, quando sou arrastada por um par de braços e encostada na parede.

— Que história é essa de ter ido em uma igreja? — Isa me interroga.

— O que está rolando com você? — Carol se afasta e me olha de cima a baixo. — E que *look* é esse?

Droga!

Devo estar parecendo uma coruja de tanto que meus olhos estão arregalados. Como elas descobriram? Ignorei as mensagens das duas o fim de semana inteiro, então não tem como saberem disso.

— O Pedro, da outra turma, disse que viu sua foto no perfil da igreja dos pais dele. — Isa começa a explicar.

— E espalhou para a escola toda que você estava ao lado do novato — completa Carol, fazendo-me compreender o motivo dos olhares esquisitos que recebi no corredor.

Tento refazer o dia de ontem na cabeça e me lembro de ver uma garota em pé durante o culto, tirando fotos do lugar. Eu estava tão envolvida que nem cogitei a possibilidade daquelas fotos serem postadas.

— Primeiro você começa a andar com a esquisita da Alice, o que a gente até relevou, já que vocês supostamente eram amigas de infância. — Irritada, Isa conta nos dedos minhas últimas ações. — Depois veio aquele papelão na festa do Di. E agora você foi vista em uma igreja, e ainda por cima com o novato que ferrou com geral?

— Dá para você explicar o que está acontecendo com você? — questiona Carol.

Como vou explicar para elas sem contar a história completa?

“Ah, então... É que eu minto para todo mundo sobre quem eu sou, e a Alice sabe a verdade, por isso ela começou a me chantagear. Como o Nick é primo dela, começamos a conviver e temos conversado muito. Ele tem me falado de Jesus e como mudou depois que O conheceu. Algo em mim quer o que ele tem e deseja saber mais sobre o que acredita, porque não aguento mais viver assim”.

Essa é a resposta sincera. Mas, se eu dissesse tudo isso, nem seria necessário que a Alice continuasse a me ameaçar. Eu mesma estaria arruinando a minha imagem, e tudo iria por água abaixo.

A pressão da situação me deixa apavorada. Fui pega completamente de surpresa e não me preparei para esse momento. Tento pensar o mais rápido que consigo, já que as duas me encaram irritadas, à espera de uma resposta. E ela precisa ser convincente.

Tomada pela pressa e pelo desespero, faço a única coisa que me vem à mente: assumir outra vez minha personagem. Caço nos confins do meu cérebro qualquer motivo plausível para explicar como ela — eu — se envolveu com Alice e Nick.

— Se acalmem! Eu vou explicar. — Uso o tom de voz com o qual elas estão acostumadas. — Acontece que a família da Alice é muito amiga dos meus pais, então, quando ela veio estudar aqui, eles pediram que eu desse uma forcinha para ela se enturmar. Eu só ajudei porque achei que não custava nada.

Pela expressão no rosto das duas, acho que a explicação colou, mas ainda não posso baixar a guarda.

— Na festa do Di, aconteceu tudo muito rápido, e eu fiquei com pena da garçonete, por ela ter que aguentar a chata da Bianca. Além disso, saí daquele jeito porque fico chorona sempre que bebo — sustento minha mentira da maneira mais convincente possível.

— Ok! — Carol ignora. — E o lance da igreja?

Pensa rápido! Pensa!

— Ah! Vocês sabem que achei o Nick um gato desde o primeiro dia. — O que é que estou falando? — E a partir do momento em que ele deu um fora na gente, no primeiro dia de aula, fiquei um pouco obcecada em conseguir ficar com ele. Mas a Alice me contou que, por ser muito crentão, ele não fica com garotas de fora da igreja, sabe?

— Então ele é seu novo desafio? — Isa parece cair na minha.

— Isso! — confirmo, com um sorriso nos lábios. — Só que, para conquistar o Nick, preciso entrar no mundo dele. Foi por isso que aceitei ir à igreja, e agora é só questão de tempo para ele estar na minha.

Cada palavra nojenta que sai da minha boca é como um soco no meu próprio estômago. Sinto vontade de engolir de volta tudo o que disse. Isso é tão desrespeitoso com a única pessoa além da vovó que se importa de verdade comigo, o único nesse colégio inteiro que já tentou me ajudar...

As minhas supostas amigas começam a rir maliciosamente. Sei que acreditaram em cada coisa que eu disse, afinal, é a minha cara fazer tudo isso. Ou melhor, a cara da falsa Melissa. Não me espanta nem um pouco elas terem comprado a mentira.

— Agora você me surpreendeu, Mel! — Isa admite, empurrando meu ombro de

brincadeira.

— Você é terrível! — diz Carol, com admiração no olhar.

Finjo um sorriso e viro o rosto para o lado de tão sem graça que fico. Arrependo-me no mesmo instante.

Parado bem na porta da sala, perto de nós, está a última pessoa que deveria estar ali.

Nick.

A confusão e a decepção que vejo em seus olhos me dão a certeza de que ele ouviu todas as besteiras que acabei de dizer.

Carol e Isa seguem meu olhar, mas Nick já se foi.

— O que foi? — Carol pergunta ao me ver encarando o nada.

— Você está meio pálida — Isa adverte.

Não tenho mais tempo a perder com as duas. Já me arrependi da mentira sobre Nick antes mesmo de saber que ele ouviu tudo, no entanto, não tem como ele saber disso. Preciso encontrá-lo para explicar o que aconteceu e pedir desculpas.

Ignoro as meninas e saio andando em busca de Nick. Entretanto, com o corredor cheio de alunos, é impossível achá-lo.

Ele nunca mais vai acreditar em mim. Mesmo que eu explique que tudo o que disse é mentira, como ele vai confiar em uma mentirosa compulsiva como eu? Como vai saber qual parte da minha vida ou das coisas que falo são de fato a verdade?

Sinto-me como aquele garoto da história do lobo e das ovelhas, que mente tanto que ninguém acredita quando ele finalmente diz a verdade.

É assim que Nick deve estar me enxergando agora.

Ainda assim, preciso arriscar e me explicar para ele. Tenho que fazer pelo menos uma tentativa de consertar as coisas.

Eu não posso perdê-lo.

Só a ideia de ele não querer mais olhar na minha cara já parte meu coração em pedaços.

Continuo a me desviar do amontoado de alunos pelo caminho, sem achar Nick em lugar nenhum. Em vez disso, para o meu infortúnio, esbarro em Alice.

— Para onde você está indo? — pergunta.

— Você viu seu primo? — Ignoro sua pergunta, com pressa.



De repente, a música tema da escola ressoa pelos alto-falantes.

— Bom dia, alunos! — a diretora começa a falar assim que a melodia acaba. — Estou passando aqui só para informar que, no próximo fim de semana, ocorrerá nosso primeiro evento beneficente do ano, no qual serão arrecadadas doações para um orfanato. Por favor, peço que juntem o que puderem para essa boa ação.

Um murmurinho começa no corredor. Alguns parecem felizes por poderem ajudar os menos favorecidos, mas a maioria só reclama por ter que vir à escola em um sábado. Mimados.

— Ao final — a diretora prossegue —, nossa querida aluna Melissa Andrade irá fazer o discurso de encerramento e anunciar a instituição escolhida, como fez nos dois últimos anos. Agora, vão para as suas respectivas salas, o sinal já vai tocar.

— Você sabia sobre isso? — Alice torce o nariz e aponta para as caixinhas de som no teto.

— Não, mas não importa. — Não tenho tempo para pensar nisso agora. — Você viu seu primo ou não?

— Se você está procurando por ele, os boatos devem ser verdade. — Ela estala a língua em sinal de desagrado. — Você realmente foi na igreja com o Nick? Está mesmo rolando alguma coisa entre vocês, né? — Alice cruza os braços de maneira inquisitiva.

— Alice! — berro, perdendo a paciência. — Você viu o Nick ou não?

Ela faz uma careta antipática para mim, nem um pouco feliz com a situação.

— Aff! Eu vi, sim. Ele passou por mim agora pouco com uma cara péssima e disse que precisava ir para casa.

Sem pensar duas vezes, corro em direção às portas da escola e nem olho para trás, nem quando ouço o grito de Alice.

— Aonde você vai, Melissa?

Vou falar com ele.

Eu preciso falar com o Nick.

— Nick, por favor, deixa eu te explicar! — suplico, segurando as lágrimas.

Ele não diz nada, apenas sai para a varanda, fechando a porta atrás de si, e se apoia nela com os braços cruzados. Afasto-me um pouco para abrir espaço e sinto o nervosismo me corroer por dentro. Tive pena das minhas bochechas, mas agora são as minhas cutículas que sofrem.

Estamos um de frente para o outro, e ele me encara na expectativa de ouvir o que tenho a dizer.

— Me desculpa, Nick. — Abraço meu próprio corpo para evitar que ele trema por completo. — Nada que você ouviu é verdade.

— Eu sei que não é, Melissa — explica, um tanto irritado. Fico surpresa ao saber disso. — E isso é o que mais me irrita, sabe? — Antes de continuar, solta um riso suspirado e revira os olhos. — Eu acho até que preferia que fosse verdade.

— Como assim? — pergunto, confusa.

Não tem lógica alguma Nick preferir que eu estivesse o enganando só para ficar com ele e que todos os nossos momentos juntos, nossa conexão e recente amizade fossem falsas. O que ele quer dizer com isso?

— Pelo menos você não estaria se sabotando mais uma vez — ele argumenta, frustrado. — E mesmo que eu descobrisse e não gostasse de quem você é de verdade, pelo menos *seria* você de verdade.

A vontade de chorar é tanta que minha garganta se fecha.

— Você não entende, Nick. — lamento, mesmo sabendo que minha afirmação não é verdade, é a única coisa que consigo alegar agora, sem argumentos.

— Você sabe que eu entendo, Melissa. — Seu tom de voz está sereno. — Mais do que ninguém, eu entendo. Já estive no seu lugar e fiz de tudo para manter as aparências. Você viu onde tudo isso me levou.

A culpa me consome mais uma vez. Sei que o Nick é quem mais me entende e sinto como se tivesse acabado de pisar em tudo o que ele tem feito por mim, cedendo na primeira pressão. Ao mentir hoje cedo, meu medo falou mais alto, e eu coloquei nossa recente — mas sincera — amizade em risco.

Por nada.

— Eu não sabia o que dizer! — Tento de alguma forma justificar minhas ações para não me sentir tão mal. — Eu não sei mais o que fazer, Nick. Eu sei que você disse que dá para viver

de outra forma, mas não sei como fazer isso, e mesmo que eu tente...

Não consigo mais segurar o choro, ele sai engasgado, impedindo que eu continue a falar. Desabo no banco de madeira antes que minhas pernas também cedam e eu caia no chão.

— E se ninguém gostar de mim? — pergunto mais para mim mesma do que para ele. — E se eu acabar sozinha?

Nick se aproxima de mim e se agacha na minha frente até ficar na minha altura. Seu rosto é pura compaixão quando ele toca de leve o meu ombro. Achei que ia apenas dar alguns tapinhas de conforto, mas, ao invés disso, ele não retira a mão e a deixa descansar perto da minha clavícula.

— Eu gostei — revela, olhando no fundo dos meus olhos. — Gostei muito mais da verdadeira Melissa que você me mostrou esse fim de semana do que da Melissa falsa da escola.

Não consigo evitar a cara de surpresa ao ouvir essa declaração. Sei que Nick não é insensível como achei que fosse quando nos conhecemos, mas também não imaginei que seria tão aberto assim sobre o que sente. A surpresa dá lugar à esperança. Saber que pelo menos ele me aceita como sou me leva a crer que nem tudo está perdido.

Meu momento comovente dura pouco. Nicholas levanta e cruza os braços outra vez.

— Mas eu sou humano e posso te decepcionar a qualquer momento. É por isso que você não deve se apegar e nem depender do que eu ou qualquer um acha de você. — Ele se senta ao meu lado. — Lembra de tudo o que você ouviu ontem e do que já te falei. Tem alguém lá em cima que não quer que você se force a ser perfeita. — Seu rosto se ilumina. — É Ele quem quer te fazer perfeita aos olhos d’Ele. E o mais importante...

Nick gentilmente segura as minhas mãos, transmitindo-me uma série de emoções. Contudo, a principal é a sensação de que ele se importa de verdade com as minhas escolhas e com o meu futuro.

É como se seu toque dissesse que ele se importa comigo.

— Ele *nunca* vai te abandonar, Melissa.

O seu sorriso é sincero e sereno. Só consigo focar no brilho que vejo em seus olhos e no quanto eles são leves, ao mesmo tempo que queimam com uma força sobrenatural.

— Nick, eu...

Não sei o que dizer. Minha mente está um turbilhão. Todas as suas palavras martelam

em minha cabeça. As coisas que ouvi na igreja, minhas lembranças do passado, a chantagem de Alice, meus medos e minhas mentiras... tudo vem à tona ao mesmo tempo e me impede de organizar o pensamento.

Após meu silêncio, Nick se levanta, deduzindo que não há mais o que ser dito. Ele não parece estar chateado ou irritado. Como ele consegue sempre parecer sereno?

— Olha, Melissa, você veio aqui se desculpar comigo, mas pode ficar tranquila, eu já tinha te perdoado antes mesmo de ir embora da escola. — Por essa eu realmente não esperava.

— Então por que você veio para casa? — Verbalizo minha confusão.

— Não vou mentir e dizer que não fiquei chateado ao ouvir aquilo, mas não voltei para casa porque estava com raiva. Eu vim porque achei que você não ia conseguir me encarar o resto do dia, e mesmo que tentasse, não ia pegar bem ser vista falando comigo depois da notícia de que estávamos juntos ontem ter se espalhado.

Então, apesar de eu ter dito todas aquelas besteiras e o magoado, ele ainda estava preocupado comigo?

— Mas, já que você veio aqui, preciso falar que espero de verdade que você repense a forma como tem vivido e as escolhas que vem fazendo. Pensa principalmente para onde tudo isso está te levando. — Ele cruza os braços e olha para a porta com uma expressão reflexiva, como se tentasse se lembrar de algo. — Ah! Eu tenho uma coisa para te dar.

Nick entra em casa e volta poucos segundos depois com sua mochila nas mãos. Em silêncio, remexe o bolso maior e tira de lá uma caixa de presente muito bonitinha.

— O que é isso? — indago quando ele entrega o embrulho em minhas mãos. Não entendo por que Nick está me dando um presente, essa é a última coisa que eu merecia hoje.

— Eu tinha levado para te entregar na escola, mas, com tudo o que aconteceu, não consegui — explica. — Abre só em casa.

Será que esse é o jeito educado dele de dizer que é melhor eu ir embora ou só está com vergonha que eu veja o presente na sua frente? De qualquer forma, já esclarecemos as coisas, na medida do possível, então não há motivos para continuar aqui. Melhor deixá-lo em paz.

Agradeço o presente e me despeço dele, reforçando mais uma vez o quanto sinto muito por tudo.

Não tenho energia nenhuma para voltar para a escola, portanto, vou direto para casa.

Vovó se assusta ao me ver, e apenas digo que não estava me sentindo muito bem, por isso voltei para descansar. Ela não questiona, já que nunca falto aula; nas raras vezes que faltei, foi por um bom motivo.

Já no meu quarto, sento-me na cama e encaro o embrulho do presente de Nick, reunindo forças até conseguir abrir a caixa.

É uma Bíblia.

E é linda, toda enfeitada com flores e pássaros.

Abro na primeira página e, para a minha surpresa, vejo uma dedicatória escrita com uma letra engraçada, bem a cara dele.

*“Espero que você encontre e encare a Verdade!*

*Do seu mais novo (e improvável) amigo...*

*Nicholas =D”.*

As lágrimas que eu já havia conseguido controlar voltam com força total, e não acho que vão parar de cair tão cedo. Só tenho forças para colocar o presente na minha escrivaninha e me largar aos prantos na cama.

No dia seguinte, também não vou à escola. E mesmo depois de passar horas e horas dormindo durante o dia, ainda me sinto exausta, física e emocionalmente. Não consigo sair da cama, nem sei se quero. Minha cabeça está a mil. Não faço ideia de quais serão os meus próximos passos. Não dá para voltar atrás agora, fingir que nada aconteceu nos últimos dias e seguir a minha vida no ritmo “normal”. Não quero mais o meu normal, mas também não sei se tenho capacidade para me libertar dele.

Já é quase de noite, e não saí do quarto desde que cheguei ontem. Minha avó já bateu dezenas de vezes na porta, mas eu a ignorei. Nem a culpa que senti por preocupá-la foi suficiente para me fazer levantar e falar com ela.

Porém, dessa vez, ela entra sem nem mesmo bater, segurando um prato com o jantar.

— Mel, você precisa comer. — Sua voz soa consternada.

Não como nada desde ontem. Ainda assim, não sinto nem um pouco de fome. Meu apetite desapareceu.

— Não estou com fome — falo baixinho e me viro de costas para a porta.

Ouçó minha avó colocar o prato na mesa de cabeceira e se sentar ao meu lado.

— O que aconteceu com você? — pergunta ao acariciar minhas costas. — Por que está assim?

— Nada, vó. Só preciso colocar minha cabeça no lugar — respondo com a verdade resumida.

Minha indisposição persiste nos próximos dias. Até consigo voltar a comer, mas o sono que sinto é tão intenso que durmo quase o dia inteiro, e a confusão dentro de mim não melhora nem um pouco. Eu quero ser forte para tomar minha decisão, só que algo parece me impedir e me puxar cada vez mais para o fundo do poço.

Desde segunda-feira, quando comecei a faltar, recebi várias mensagens da Alice. Ela reclamou que está sendo tratada de forma diferente pelo pessoal da escola, já que eu não estou lá. Mesmo sabendo que ela vai surtar por eu não responder, não faço ideia de como acalmá-la, então prefiro ficar quieta.

Já Nick me enviou uma mensagem ontem, ao perceber que eu não iria para a escola outra vez, perguntando se estava tudo bem. Apenas respondi o mesmo que falei para a vovó.

Só depois de três dias minhas supostas amigas decidem entrar em contato comigo. Confiro a notificação no grupo.

Isa

*Cadê você, Melissa???*

*Eu preciso que você me ajude nuns lances com o Diego.*

Logo depois, ela envia um vídeo do Felipe fazendo palhaçada no intervalo e uma série de links para o TikTok.

Carol

*Esse fim de semana, vou a uma festa e não tenho nada para vestir!*

*Mel... Queria usar aquela sua bolsa brilhosa que eu amooooo!*

*Você me empresta? Pliiiiis!*

Isso chega a ser nojento. Estou há dias sem ir para a escola e elas não tem nem a decência de perguntar se eu estou bem ou viva. Reviro os olhos e arremesso o celular na cama.

Quando chega o quinto dia de isolamento, encaro meu reflexo no espelho pela primeira vez essa semana. Meu estado é deplorável. Meu cabelo está um nojo de tão sujo e embolado, e sobre o meu pijama é melhor nem comentar. Assustada com a figura caótica que me encara no espelho, resolvo reagir um pouco e tomar um banho.

Assim que termino, com as forças e a dignidade minimamente restabelecidas, avisto em cima da escrivaninha a Bíblia que Nick me deu. Como pude esquecer completamente dela?

Começo a folheá-la e vejo que ele marcou uma página em específico com um *post-it*, no qual está escrito:

*“Comece por aqui! Jesus quer falar com você!”.*

Logo abaixo, há um trecho pintado com marca texto.

*"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".<sup>[4]</sup>*

Não sei como, mas, enquanto releio esse trecho uma vez após a outra, a confusão mental que não me deixou organizar meus pensamentos nos últimos dias começa a se dissipar. É como se eu estivesse despertando de um pesadelo, um daqueles em que fico perdida, correndo atrás de sabe-se lá o que, e, por algum motivo, minha voz não sai.

As palavras que acabo de ler fazem sentido e se encaixam perfeitamente com o que estou sentindo. Eu estou tão exausta. Não suporto mais viver fingindo, com medo e ansiosa. Tudo que tenho feito é satisfazer a todos à minha volta e me destruir aos poucos. Parece que estou presa ao que *acho* que é melhor para mim, e viver assim não tem dado bons frutos. Estou simplesmente cansada de ser refém de mim mesma.



As lágrimas escorrem do meu rosto quando algo dentro de mim me diz do que preciso.

Eu preciso desse descanso.

A minha alma necessita disso mais do que tudo.

Continuo a folhear a Bíblia e descubro vários outros trechos grifados. Nick teve o cuidado de colocar explicações em todos os que eu poderia não entender.

A maioria dos grifos contém ensinamentos sobre quem é Jesus, o amor d’Ele e o sacrifício que fez por nós. Leio também os *post-its* a respeito da criação da Terra e como fomos feitos à imagem e semelhança de Deus — perfeitos, assim como Nick havia me falado.

Descubro como o pecado entrou no mundo e como perdemos a vida plena e eterna que o Criador desejava para nós. Aparentemente, desde então, o ser humano “corre” do verdadeiro Deus e cria seus próprios deuses falsos, como o dinheiro e a fama. Mas Ele é tão misericordioso que dá aos Seus filhos outra chance de terem a vida eterna ao Seu lado, e só assim há plenitude.

Nick explica que as “regras” não são limitações chatas, e sim mandamentos e conselhos de como devemos agir para ter uma boa vida, porque Deus sabe que o melhor para nós é viver em santidade, como era no princípio.

Passo o resto do dia lendo sobre esses “conselhos” e fico mais e mais encantada a cada palavra. Aprendo sobre algumas promessas e sinto a esperança crescer dentro de mim. É claro que não compreendo tudo de uma vez, na verdade, há muitas coisas que não entendo, mas tenho certeza de que, aos poucos, vou entender.

À noite, enquanto ainda estou absorta na leitura das marcações e nos *post-its* de Nick, um toque no meu celular me traz de volta à realidade.

Vejo o nome de Alice na barra de notificações e respiro fundo antes de abrir a conversa.

Alice

*Morta eu sei que você não está!*

*Então dá para me explicar por que você não responde minhas mensagens e que raios está acontecendo para ter faltado a semana toda??*

*Você esqueceu do nosso acordo??*

Suspiro, controlando-me para que ela não acabe com a paz que sinto.

Mel

*Não esqueci, Alice!*

*Fica tranquila, amanhã eu vou aparecer no evento beneficente e a gente conversa...*

Alice

*Acho bom mesmo você aparecer!!!*

Volto para a minha cama e encaro a Bíblia de Nick por um tempo, ou melhor, a *minha* Bíblia. Deito-me e a pressiono contra o peito com força. Depois, fecho os olhos e reflito sobre tudo o que ouvi nos últimos dias. Logo me dou conta de algo.

Não me importo mais se a Alice vai me expor e contar a verdade para todos. Pensando bem, ela me faria um grande favor, pois sou eu que não aguento mais.

Com os olhos ainda fechados, sinto as lágrimas rolaem pelas laterais do meu rosto, e não as impeço.

Lembro-me da noite que encontrei o Nick na sala da sua casa orando e decido arriscar. Então encaro o teto, buscando as palavras para falar com Deus pela primeira vez na vida.

— Se você, quer dizer, o Senhor — digo, meio atrapalhada — existe mesmo e realmente nunca vai me rejeitar, eu vou até o Senhor. — proclamo do fundo da minha alma. — Custe o que custar!

Derramo minhas últimas lágrimas engasgadas enquanto meus olhos vão se fechando novamente.

— Me ajuda. Me ajuda. Me ajuda... — suplico em sussurros até cair no sono.



primeira vez que tive esse sonho. A risada cada vez mais assustadora me obriga a tapar os ouvidos. Em seguida, minhas pernas cedem, derrubando-me no chão.

Não acredito que estou revivendo esse pesadelo.

Sinto medo de fechar os olhos, pois sei o que vem a seguir, no entanto, não aguento mais ouvir as gargalhadas de Alice, que chegam a me causar dor física. Então, apesar de saber o que está por vir, fecho os olhos com força.

Imediatamente as risadas cessam, e eu me forço a olhar em volta.

Ainda prostrada, vejo a rodinha cheia de rostos familiares, que me fitam calados. Primeiro tento falar, e as palavras ficam presas na minha garganta, como se meu corpo se recusasse a me obedecer; depois, faço um esforço para me levantar, mas Carol e Isa me jogam para o chão outra vez. De repente, surge Alice, apontando o dedo na minha direção e dando altas gargalhadas. Todos os meus colegas a seguem e riem alto para debochar de mim.

Meu rosto queima de vergonha e frustração, estou totalmente humilhada.

Começo a sentir a mesma exaustão que me consumiu da última vez, até que uma mão familiar me puxa para longe dali.

Nick.

Ele me lança um sorriso calmo, e não são necessárias palavras para que eu entenda o que esse gesto quer dizer: tudo vai ficar bem. Ele me abraça forte e, aos poucos, as batidas do meu coração se normalizam até que eu esteja tranquila em seus braços. Ao ver que me acalmei, Nick me solta, analisa meus olhos por alguns segundos e vira o rosto para o lado, encarando alguma coisa à minha direita.

Sigo seu olhar até uma porta dupla, um pouco distante de nós.

Ela é enorme e branca, com ornamentos dourados, resplandecendo em uma aura cristalina.

Quando o fito novamente, Nick volta a me encarar. Com o sorriso torto que tanto gosto nos lábios, ele apenas aponta com a cabeça em direção à porta, sugerindo que eu vá até lá. Mesmo sem ter noção alguma do que vou encontrar ao atravessá-la, minha confiança em Nick é tão grande que apenas assinto e caminho até ela.

Sem pensar duas vezes, giro a maçaneta. Uma luz incandescente me atinge e torna impossível enxergar qualquer coisa lá dentro. O brilho forte chega a arder os meus olhos, e sou

obrigada a cobri-los com o antebraço.

— Melissa!

Assusto-me ao ouvir uma voz grave chamar meu nome. A princípio, ela parece assustadora, mas logo desfruto de uma sensação de acolhimento e familiaridade.

— Eu estou aqui! — brada mais uma vez.

Tento descobrir de onde vem o som, entretanto, ele parece estar saindo de todos os lugares ao mesmo tempo.

— Sempre estive, e sempre estarei! — A voz preenche novamente o lugar.

O brilho forte ainda reluz, e não consigo sequer abrir os olhos, tamanha é a intensidade da luz. É como se eu estivesse perto do Sol, mas sem ser queimada viva.

— Filha, a única coisa que desejo de você é a sua sinceridade!

É nesse momento que tenho a certeza de quem está falando comigo.

Acordo ofegante em uma pequena poça de suor. Sento-me na cama e cubro a boca com as mãos. Ele me chamou de *filha*? Ouvir isso desperta em mim uma série de sentimentos. Como eu, tão mentirosa e cheia de defeitos, fui chamada de filha pelo Criador do universo? Apesar das lágrimas se acumulando no canto dos meus olhos, sinto-me feliz e em paz como nunca na minha vida.

Estou ciente de que isso não passou de um sonho, contudo, de alguma forma, creio que Deus ouviu a minha oração e me enviou a ajuda que eu pedi ontem à noite. Algumas perguntas ainda insistem em vir à minha mente: “Como isso é possível? Será que foi real?”. Mas, da mesma forma que sei que o Sol vai nascer outra vez amanhã, também sei que não foi apenas um sonho comum.

Talvez esse seja o Seu jeito de me confirmar o que preciso fazer.

E nada, nem ninguém, vai me impedir.



Isa e Carol surgem na minha frente e me puxam para o corredor.

— Onde você se meteu? — Isa me cerca. — Passou a semana com um *boy* e esqueceu de dar detalhes para a gente, é? — Levanta as sobrancelhas, insinuando algo indecente.

— O que? — Ela só pode estar brincando. — Claro que não! Eu só não estava me sentindo mui...

— Você trouxe a bolsa que eu pedi? — Carol me interrompe.

Isso é sério mesmo?

Sou obrigada a respirar fundo para não gritar com as duas. Admito que estou decepcionada com a atitude delas, mas nem um pouco surpresa, afinal, eu sempre soube que não se importavam de verdade comigo, só não imaginava que nem me considerassem um ser humano merecedor de preocupação.

Em nenhum momento, enquanto estive ausente, elas me perguntaram se eu estava bem, nem mesmo agora, ao me encontrarem pessoalmente. Para piorar, Carol ainda tem a pouca-vergonha de cobrar a bolsa. Tenha santa paciência.

— Nenhuma de vocês vai perguntar se eu estou bem, não? — Verbalizo minha indignação, sem conseguir controlá-la. — Se eu fiquei doente? Se eu estou morrendo, ou algo parecido?

Isa e Carol fazem uma careta e me encaram como se eu fosse uma criança mimada dando piti e surtando por algo bobo.

— Não importa! — Reviro os olhos. — Falo com vocês depois. — Saio sem nem olhar para trás.

— E a bolsa? — Ouço o grito de Carol quando me afasto.

Inacreditável!

O estresse que as duas acabaram de me causar até secou a minha garganta. Vou sentada até o bebedouro do corredor, mas, antes que eu consiga chegar lá, Alice se materializa na minha frente, prestes a cuspir fogo.

Eu só quero beber água! É pedir demais?

— Ficou maluca? O que você estava pensando? — Vejo que ela está se controlando para não gritar. — Você me deixou sozinha a semana toda. A Isa e a Carol mal olharam na minha cara, e geral já está começando a me ignorar também.

— Calma, Alice. — Suspiro.

Até semana passada, eu também surtaria se estivesse no lugar dela, então até consigo entender. Agora, tudo isso parece tão pequeno e bobo, que não consigo deixar de sentir compaixão pela minha chantagista. Será que foi assim que Nick se sentiu comigo?

— É bom que você tenha uma desculpa *muito* boa para o seu sumiço — avisa, entredentes.

Não vejo motivos para não ser sincera e resolvo dizer de uma vez a verdade sobre a razão de eu não estar bem o suficiente para vir à escola nos últimos dias.

— Na segunda, fui embora porque o Nick me ouviu falar umas mentiras péssimas sobre ele para Isa e a Carol. A gente até conversou depois, só que eu passei a semana muito mal por...

A expressão de Alice muda de incredulidade para choque em questão de segundos, e logo suas gargalhadas me impedem de falar.

— O que? — Respira fundo, tentando controlar o riso. — Você me deixou aqui sozinha por uma semana por causa de uma mentira? — Seu tom se transforma numa mistura de zombaria e desdém. — A sua vida *inteira* é uma mentira, Melissa. Uma a mais não faz a menor diferença.

Mesmo que eu passasse horas explicando meus motivos, Alice não entenderia. Ainda vou precisar de muita energia para o que pretendo fazer hoje, não dá para me desgastar tentando explicar algo que ela não vai compreender.

— É só que... — Suspiro. — Dessa vez é diferente, está bem?

— Olha, quer saber? Você vacilou feio comigo, e sua desculpa não chegou nem perto de ser boa o suficiente para me convencer a te dar um desconto — diz ela, com o dedo indicador pressionando meu ombro. — Você não fez sua parte, então não vou fazer a minha.

Convenci-me de que não me importo mais se ela revelar tudo, mas, pensando bem, acho que mudei de ideia. Alice não pode contar a verdade, não nesse momento. Eu preciso de um pouco mais de tempo.

— Eu ainda tenho tempo antes do seu prazo acabar, Alice — eu a lembro. — Eu vou dar um jeito, me deixa só fazer mais uma coisa, pode ser? Eu tenho uma solução.

— Que solução? — Ela me fita, confusa.

— Confia em mim — peço —, só dessa vez.

— Acho bom que isso funcione — Alice me ameaça antes de ir embora.





Por meio do alto-falante, a diretora pede que todos se encaminhem para o local de finalização do evento. Ao chegar no auditório cheio, procuro vovó e Nick no meio da movimentação. Como minha avó sabia que eu faria um discurso hoje, sentou-se bem perto do palco.

Já Nick está posicionado no centro do auditório, distraído no celular, de modo que nem me vê subir as escadas do palco e sentar perto de alguns professores e da representante do orfanato ao qual as doações serão destinadas.

Assim que todos se acomodam, a diretora vai até o púlpito e começa a falar.

— Gostaria de agradecer a todos pela presença e pelas doações feitas hoje.

Por pelo menos uns trinta minutos, todos os envolvidos fazem discursos para lá de maçantes que deixam a plateia distraída e entediada. Após uma eternidade, o microfone finalmente é devolvido à diretora, que me olha com animação.

— Agora, Melissa Andrade, nossa aluna destaque, irá dizer algumas palavras em nome dos alunos, para encerrar nosso evento.

Sinto as expectativas de todos os alunos e pais presentes sobre mim. Como nos últimos dois anos, o auditório inteiro se torna uma mistura de palmas, assobios e gritos quando me levanto da cadeira. Alguns gritam meu nome e batem palmas, e outros soltam elogios.

Caminho calmamente até o púlpito, com meu coração a mil por hora. Apesar de já ter estado aqui outras vezes, agora parece diferente. O nervosismo e a ansiedade insistem em assumir o controle, exigindo que eu use todo o meu domínio próprio para não ceder ao medo e fingir um desmaio.

— Obrigada, diretora. — Agradeço, volto a olhar para a plateia à minha frente e pigarreio, nervosa, ciente de que todos prestam atenção em mim. — Eu sei que fui escolhida para encerrar o evento principalmente por conta do meu desempenho na escola. Acredito que a imagem que as pessoas têm de mim também tenha contribuído para isso, não é mesmo? Todos

aqui acham que sou a garota perfeita, e sei que a maioria me ama, me odeia ou quer ser igual a mim.

Algumas pessoas torcem o nariz e esboçam uma careta confusa, sem saber direito aonde quero chegar com essa introdução. É bem provável que estejam me achando doida, ou muito egocêntrica.

Faço um esforço para não olhar para Nick, contudo, não consigo resistir por muito tempo e me permito vasculhar a sala até encontrá-lo. Ele está com as sobrancelhas franzidas, tentando decifrar as minhas intenções, e parece não fazer ideia do que está prestes a acontecer.

— Mas isso tudo é mentira! — Arranco o curativo de uma vez, como a vovó fazia quando eu era pequena e era hora de tirar o band-aid do machucado. *Assim dói menos*, ela dizia. — Tudo o que vocês sabem sobre mim é falso.

Se já estavam confusos antes, agora todos estão desorientados. Começo a ouvir um murmurinho sutil pela sala.

Procuro Alice em meio a plateia e a encontro quase espumando de raiva. Imagino a sua frustração, já que, mais cedo, quando eu disse que ia dar um jeito, ela provavelmente interpretou que eu teria a solução definitiva para deixá-la popular.

— Minhas notas não são boas porque sou uma gênia ou algo do tipo. Na verdade, eu passo minhas tardes e meus fins de semana estudando que nem uma maluca, e não curtindo, como vocês pensam — disparo.

Agora que comecei, não dá mais para voltar atrás. Preciso colocar tudo para fora e resolver essa confusão.

— Todos os boatos sobre a minha vida amorosa também estão longe de serem reais, porque o mais próximo que eu cheguei de beijar alguém foi quando dei um selinho no protagonista desenhado na capa do meu livro preferido. — Solto uma risada autodepreciativa pelo nariz.

Chocados, meus colegas cochicham com mais intensidade. Vejo expressões de pena, diversão, escárnio e raiva por todo lado, mas nada disso me faz parar.

— Nunca fiz uma viagem internacional, e nem nacional, para falar a verdade. As fotos que eu tenho no meu perfil são todas imagens genéricas que pego do Google. Na real, minhas férias são sempre no sítio do meu tio-avô, onde cuido dos porcos e das galinhas dele. E, por

incrível que pareça, sou muito boa nisso.

Antes de vir para a escola hoje, enquanto me arrumava, eu já estava decidida a contar tudo na hora do meu discurso, porém, agora, prestes a expor a todos o maior segredo da minha vida, sinto um aperto no estômago e vontade de sair correndo.

Só que, ao mesmo tempo, a certeza de estar fazendo a coisa certa, apesar das consequências, faz meu coração se acalmar e me dá forças para continuar.

— Por que você mentiu? — alguém que não reconheço grita no meio do auditório.

— Bom, para explicar o motivo de eu ter inventado tudo isso, preciso voltar ao passado, antes de eu nascer. — Minha garganta fecha, e respiro fundo para tentar conter o choro. Ainda assim, uma lágrima solitária escorre pela minha bochecha. — A família da minha mãe era bem humilde, e ela era um pouco mais velha do que sou agora quando ficou grávida de mim. — Abraço meu próprio corpo ao colocar minha maior vergonha em palavras. — Meu pai era um garoto rico que só ficou com ela por diversão, então não aceitou destruir o futuro promissor dele por uma criança que nem sabia se era mesmo sua filha.

Os cochichos cessam. A plateia inteira fica em total silêncio, com os olhos arregalados e vidrados em mim. Até a diretora tapa a boca, em choque.

Minha avó, na primeira fila, seca as lágrimas, e Nick me fita, com uma mistura de preocupação e compaixão em seus olhos.

— Até hoje, não faço ideia de quem é meu pai, porque minha mãe nunca contou. — Dou de ombros. — Ela ficou tão decepcionada com seu primeiro amor, que não quis saber de mim depois que nasci, então me deixou com minha avó e foi viver a sua vida, como se eu não existisse. Na primeira oportunidade, ela se mudou para a Europa e não falou mais comigo. — Mais algumas lágrimas escorrem. — Eu só tinha quatro anos quando ela me abandonou de vez.

Acredito que essa seja a origem do meu medo de ser rejeitada e acabar sozinha. As duas pessoas que deveriam me amar incondicionalmente me abandonaram. Minha mãe me enxergava como um fardo e meu pai não me quis, nem mesmo desejou me conhecer.

A minha mera existência os incomodou tanto, que não suportaram me ter por perto. Por isso sempre senti que eu não era suficiente e que nada do que eu fizesse alcançaria as expectativas das outras pessoas.

— Há alguns anos, ela se casou com um estrangeiro rico e teve dois filhos com ele.

Acho que isso acabou aflorando seu instinto materno ou sei lá o que, porque, depois de quase dez anos sem falar comigo, minha mãe quis reatar os laços.

Em silêncio, todos me ouvem contar sobre como Catarina se ofereceu para pagar a mensalidade da escola e me enviou vários presentes, o que justifica a minha ostentação.

— Então, como vocês devem ter concluído, não sou filha de diplomatas em serviço na África, e muito menos sou podre de rica como pensam. Eu e minha avó vivemos da aposentadoria dela, e todas as minhas coisas caras são a forma que a minha mãe encontrou de compensar a sua ausência.

Faço uma pausa para me recompor após mergulhar tão fundo nas lembranças dolorosas do passado. Mesmo sabendo que nada disso é culpa minha, essa é a minha história, e preciso me convencer de que esses fatos podem até fazer parte de quem sou, mas não me definem.

Observo as expressões das pessoas sentadas à minha frente. Alguns pais estão chorando, com pena. A maioria dos meus colegas está em choque, e alguns, especialmente Alice, me encaram com raiva, quase com fumaça saindo de suas cabeças. Aposto que, se minha chantagista tivesse o poder de lançar raios lasers, eu já teria sido fulminada.

Nick está sentado na ponta da cadeira, com as mãos apoiadas no assento da frente, quase se levantando. Será que ele pretende vir aqui e me dar um abraço? Lanço-lhe um sorriso tranquilizador que diz: “Estou bem, fica tranquilo”. Na mesma hora, várias cabecinhas se mexem, à procura do destinatário do meu gesto, mas sem sucesso. Nick entende as palavras não ditas e volta a se sentar normalmente, com as costas apoiadas no encosto da cadeira.

— Por muito tempo — prossigo, invadida por uma dose extra de coragem ao ver aquele sorrisinho torto nos lábios de Nick —, tentei entender se eu tinha feito algo de errado para merecer ser abandonada, e nunca encontrei uma resposta. Sem saber o motivo para isso, passei a ter tanto medo de ser rejeitada de novo, que acabei acreditando que só seria aceita se fosse exatamente quem os outros queriam. Eu me convenci de que só seria amada se fosse perfeita. E foi assim que surgiu essa Melissa que vocês achavam que conheciam.

Solto uma risada engasgada em meio ao choro, finalmente entendendo o quão estúpida eu fui nesses últimos anos da minha vida.

— Peço mil desculpas por ter enganado e arrastado todos vocês para a minha própria bagunça. — Levo as mãos até o coração, pois me dói saber que minhas mentiras não afetaram só

a mim. — Esses problemas e medos eram meus, e eu não tinha o direito de prejudicar ninguém por causa deles, afinal, nenhum de vocês tinha nada a ver com isso.

— E por que você resolveu confessar tudo assim, do nada? — Felipe, o palhaço da turma, se levanta e pergunta, um pouco indignado.

Pelo visto, todos se questionam a mesma coisa, porque o burburinho recomeça — um misto de concordância e teorias. Tenho quase certeza de que até ouço alguém dizer que menti porque estou morrendo.

— Recentemente, eu conheci alguém que me mostrou uma nova perspectiva de vida. — Sorrio para Nick. — Acima de tudo, ele me apresentou um amigo que nunca pensei que teria, um pai que eu nem sabia que me amava. Depois de sentir coisas que eu nunca havia sentido, fui acolhida e encontrei o senso de pertencimento que eu tanto procurava. Descobri que Ele me aceita e me chama de filha, independentemente do meu passado ou do quão esquisita eu sou. Ele é alguém que prefere uma verdade feia a uma mentira perfeita. — Aponto para cima ao pronunciar “Ele”, para que não haja dúvidas sobre quem eu estou falando. — Alguém que prometeu que nunca me deixaria só.

Agora, meu choro não é mais consequência do fardo que carrego a vida toda e das lembranças do meu duro passado, mas, sim, um reflexo da esperança que invade meu coração quando penso n’Ele. Nem eu mesma entendo, entretanto, como se um véu fosse tirado dos meus olhos, enxergo a bagunça dentro de mim com clareza, e sei que necessito de um salvador, de um pai e de uma identidade.

— Estou contando tudo isso porque... — digo e volto a olhar para frente — eu conheci a Verdade, e a Verdade me libertou.

Seco o rosto e me dou conta de que já me esvaziei por completo, revelei cada pedaço falso e constrangedor da minha vida. Não há mais nada oculto.

Alegro-me diante da perspectiva de um futuro cheio de maravilhosas possibilidades. Pela primeira vez, não me sinto prisioneira das minhas mentiras. Tenho liberdade para ser quem eu sou.

— Obrigada por terem me ouvido, e, mais uma vez, peço perdão por essa confusão — finalizo meu discurso com a sensação de que um peso enorme saiu dos meus ombros.

A diretora toma a frente ao perceber que não vou falar mais nada, e todos começam a se

levantar e se dispersar, a maioria sendo levada pelos pais, que provavelmente querem ir para casa logo.

Sem descer do palco, meus olhos correm pela plateia em busca de rostos familiares.

Os primeiros que vejo são os de Isa, Carol e Diego, que me encaram com nojo e desprezo.

Já Alice me lança um olhar mortal antes de se levantar e sair irritada do auditório.

Minha avó sorri e me manda um beijo de longe. Ela se embanana toda para fazer um coração com as mãos.

E então eu o vejo.

Nick está em pé, parado ao lado da cadeira em que estava sentado, com orgulho estampado no rosto. Assim que percebe que estou o observando, o sorrisinho que amo aparece, e ele bate palmas silenciosas que apenas eu presto atenção o suficiente para notar. Sorrio de volta, na tentativa de transmitir com um simples olhar toda a gratidão que tenho por ele.

Essa foi a coisa mais difícil que já fiz na vida, mas, ao mesmo tempo, a mais libertadora. Estou feliz e em paz comigo mesma. É a minha chance de recomeçar, e eu vou aproveitá-la.

Ao sair do auditório, sinto o olhar de todos sobre mim e até ouço alguns comentários maldosos, contudo, sigo em frente e não me abalo com eles.

É como se nada fosse capaz de abalar a força que acabei de adquirir.



Já em casa, vovó surge na sala com uma lasanha que cheira maravilhosamente bem e a coloca na mesa.

— Sua comida preferida para comemorar seu recomeço.

Contemplo o rosto da minha avó, cansado e vivido. Esse tempo todo, fui tão egoísta com ela... não valorizei a mulher que renunciou à própria vida, quando já era para estar descansando, para zelar por mim. Em momento nenhum demonstrei claramente a gratidão que ela merece.

— Perdão, vó. — Levanto-me e a abraço. — Perdão por não dar o valor que a senhora merece, e muito obrigada por tudo.

Ela começa a chorar, e passamos um tempo abraçadas antes de jantarmos.

Ao entrar no meu quarto, vejo alguns presentes de Catarina espalhados pela cama. Um incômodo surge dentro de mim, como se algo estivesse errado.

Sei que ela cometeu muitos erros e que nada os justificam. O fato de ela ser muito nova e imatura na época em que engravidou de mim não é motivo para me abandonar, porém, da mesma forma, também não há nada que legitime os *meus* próprios erros. Talvez eu e ela não sejamos assim tão diferentes, porque ambas erramos, no fim das contas. A diferença é que, agora, está nas minhas mãos a oportunidade de consertar o que está quebrado. Será que devo dar a ela uma segunda chance?

É então que uma luzinha se ilumina na minha mente, e eu compreendo meu sonho de ontem.

Diferentemente da primeira vez que tive esse sonho, dessa vez, Catarina veio até mim e tentou se aproximar, mas algo nos impediu de chegar perto uma da outra. Acredito que a coisa que nos afastou foi justamente o fato de eu não conseguir perdoá-la, de não esquecer o passado e não olhar para frente.

Pego meu celular e encaro o contato de Catarina por alguns minutos antes de finalmente apertar o botão de chamada. Depois de muitos toques, quando acho que ela não vai mais atender, o som de discagem para.

— Melissa? — Ouço a sua voz apreensiva. Pelo seu tom, ela não parece acreditar que sou eu mesma que estou ligando.

— Oi — digo e engulo em seco, livrando-me do meu orgulho —, mãe.

TRÊS MESES DEPOIS...



nunca mais vou passar por essa tortura! No começo, ao me verem caminhar pelo corredor, meus colegas até faziam algumas piadinhas e deboches, mas, agora, todos já seguiram suas vidas, e eu sou apenas mais uma.

Nunca achei que ficaria tão feliz em passar despercebida.

Quando paro no bebedouro para encher minha garrafinha, vejo Isa, Carol e Diego, os únicos que ainda me alfinetam de vez em quando, e apenas os ignoro. Eles fazem questão de demonstrar que não querem mais papo comigo, como se eu estivesse fazendo alguma questão disso.

De longe, observo um aluno esbarrar em Alice e acidentalmente derrubar todas as coisas dela no chão. Ao invés de ajudar, ele apenas começa a rir e vai embora.

Nunca contei a ninguém sobre a sua chantagem, entretanto, após a verdade ser revelada, ela perdeu a pouca popularidade que tinha, já que também perdi a minha e não pude mais enturmá-la com os grupinhos populares. Porém, diferente de mim, Alice ainda sofre com isso e, desde o dia do evento beneficente, não falou mais comigo. Se é por raiva ou por vergonha, eu não sei, o fato é que, sempre que me aproximo, a criatura dá um jeito de evaporar.

Eu não sinto raiva dela, nem acho que já tenha sentido algum dia, sempre soube que ela só era uma garota tão desesperada por atenção quanto eu. Agora, minha vontade é demonstrar compaixão e graça por ela, como Deus fez por mim, mas não tive a oportunidade, até agora.

Guardo na mochila a garrafa de água que acabei de encher e corro até Alice, abaixando-me para ajudá-la a recolher seus pertences.

— Não precisa. — Ela dispensa a minha ajuda, no automático, sem nem conferir quem está na sua frente.

— Não é nada.

Assim que reconhece minha voz, Alice se levanta, assustada e constrangida. Sou obrigada a segurar o seu braço quando ela tenta sair correndo.

— Alice, dá para parar de me evitar? — peço, exaurida dessa situação. — Vamos conversar.

— Eu não estou te evitando! — ela retruca.

Lanço um olhar que diz: “Você sabe que está”. Ela acaba cedendo e cruza os braços, sem olhar nos meus olhos.

— Eu não sei como te encarar depois de tudo que fiz, entendeu? E nem consigo entender por que você fez aquilo. Tudo isso só para viver *assim*? — indaga e aponta para mim com uma das mãos.

— Assim como? — Torço o nariz.

— Assim, invisível! — explica, como se fosse óbvio. — Você largou uma vida perfeita e ainda me levou junto, para piorar.

— Alice. — Suspiro, sem acreditar que, sabendo o que sabe, ainda assim ela é capaz de falar que a minha vida era perfeita. — Pode até parecer que eu tinha uma vida perfeita, mas você, mais do que ninguém, sabe que eu não era nem um pouco feliz.

— E *agora* você é? — Solta uma risada debochada.

— Sim! Muito!

— Mesmo sozinha?

— Eu nunca estou sozinha. — Não impeço o sorriso pleno que surge no meu rosto.

— Você está falando igual ao Nick.

Nós duas nos encaramos por alguns segundos, cúmplices, e caímos na risada juntas.

Continuo rindo até Alice parar e voltar a ficar sem graça.

— Ainda é difícil te entender, mas, de qualquer forma, me desculpa por ter te chantageado. — O pedido me surpreende. — Sei que foi errado... só queria que as coisas fossem diferentes para mim.

— Eu já te desculpei há muito tempo — constato, com um sorrisinho nos lábios para tranquilizá-la. — E mais do que ninguém, entendo seus motivos. — Apoio a mão direita em seu ombro. — Só que também preciso te dizer que você está correndo atrás das coisas erradas e devia rever o que é realmente importante na vida, falo por experiência própria! — aconselho, um pouco chocada ao notar que estou mesmo falando igual ao Nick.

Alice mantém os olhos fixos em mim, com um pequeno e quase imperceptível sorriso se formando nos seus lábios.

— Será que podemos recomeçar? — sugiro e estendo a mão para ela. — Oi, Alice! Você se lembra de mim? Fomos amigas de infância. — Enceno a surpresa de um reencontro.

— Huuum... — Ela aperta minha mão e finge pensar um pouco. — Acho que lembro sim.

Nós duas sorrimos, levemente constrangidas, achando graça da situação.

CLAP CLAP CLAP!

O som das palmas nos assusta, e logo nos viramos para ver quem foi o engraçadinho que nos deu um susto. Nicholas está encostado na parede, atrás de nós, com os ombros relaxados e a postura despreocupada.

— Que cena linda de se ver. — Ele enxuga uma lágrima falsa no canto do olho.

— Seu bobo. — Acerto o braço dele de leve com o punho.

— Deu para ser engraçadinho agora, é? — Alice o acusa com sarcasmo.

— Agora? — responde ele, fingindo afetação. — Sempre fui!

O sinal toca e abafa as nossas risadas. Se um desconhecido nos observasse de fora, nunca imaginaria o que passamos até aqui, talvez até pensasse que somos velhos amigos brincando no corredor da escola.

— Você vem? — pergunto à Alice.

— Ainda tenho umas coisas para catar. — Ela aponta para o chão.

Eu nem percebi que vários pertences seus ainda estão espalhados aos nossos pés, nossa conversa me distraiu totalmente. Sorrio para ela e me despeço. Nick apoia o cotovelo no meu ombro enquanto caminhamos até a sala.

Nossa amizade se fortaleceu ainda mais depois de tudo o que aconteceu. Ele perdeu aquela pose de sério e indiferente, o que me deixa bem feliz! É ótimo ver que ele se sente confortável para ser bobão e divertido perto de mim.

Tenho que admitir que minha quedinha por Nick não diminuiu, na verdade, só aumentou, mas eu a aguardo só para mim. Sei que ele não tem intenção de namorar tão cedo e não pretendo tentar fazê-lo mudar de ideia, prefiro simplesmente tê-lo por perto e desfrutar da sua companhia. Inclusive, está tudo bem se ele nunca me olhar com outros olhos e me tratar só como amiga, não me importo.

Nick já fez mais por mim do que qualquer um, e eu o considero demais.

— A Ali disse que vai ficar na biblioteca depois da aula para estudar. — Franzo as sobrancelhas, sem entender o porquê da informação. — Quer carona para casa?

Nick sabia que a Alice estava me evitando, por isso não tem me dado carona para casa diariamente, o clima no carro não seria nada agradável. Entretanto, toda vez que não precisa

levá-la, ele se dispõe a me deixar em casa.

Quem sabe, a partir de agora, se as coisas correrem bem com a Alice, ele não precise mais fazer esse jogo de cintura e eu ganhe carona para casa todos os dias? Assim espero.

— Claro que não, prefiro mil vezes ir a pé para casa. — Meu sarcasmo faz Nick revirar os olhos e rir.

— Espero você lá no estacionamento, então — avisa antes de entrar na sala.



Nick estaciona em frente à minha casa, como é de costume, mas algo nele está diferente, ele parece...

Nervoso?

— Você vem buscar a gente mais tarde? — pergunto, prestes a descer do carro. Nos últimos meses, eu, vovó e Nick temos ido juntos à igreja, e ele sempre nos dá carona.

— Sim! — A voz sai um pouco alta e falha, seguida de um pigarro.

O que será que está acontecendo com ele?

— O culto começa às sete, então passo aqui lá pelas seis e meia, ok? — completa.

— Combinado. Até mais tarde. — Despeço-me normalmente e abro a porta do carro.

Coloco um pé para fora...

— MEL! — grita.

Por pouco não caio na calçada com o susto. Estou prestes a dar uma bronca nele por quase ter me causado um ataque cardíaco quando me dou conta.

Espera aí...

Ele me chamou de Mel?

Chamou, sim! Nick me chamou pelo meu apelido pela primeira vez.

Todo esse tempo foi só “Melissa isso”, “Melissa aquilo”, nunca Mel.

Meu coração erra uma batida, e não é mais pelo susto. Sei que parece uma coisa boba e sem importância, mas a minha mente romântica não consegue evitar dar a esse gesto um grande

significado.

Ajeito-me no banco do carona e fecho a porta, ainda sentindo borboletas no meu estômago por ter sido chamada de Mel.

Ele parece ainda mais nervoso.

— O que houve? Você está bem? — questiono, um pouco tensa.

— É que... Eu... Você... — Ele esfrega as mãos na calça para secar o suor.

Será que ele quer dizer o que estou pensando que ele quer dizer ou quer dizer algo completamente diferente do que estou pensando que ele quer dizer?

Ai, meu Deus, o que foi isso? Agora quem está nervosa sou eu.

— Mel... — Nick se vira de maneira brusca para mim. — Você sabe que eu não tinha intenção de *conhecer* ninguém quando vim para cá, né?

— Conhecer? — Enrugo a testa, perdida. — Como assim?

— Eu não queria *namorar* ninguém.

*Respira, Melissa, RESPIRA!*

— Sim! — Agora é a minha voz que sai falhada. — Você até deu o maior fora na Isa e na Carol — relembro, tentando disfarçar o meu próprio nervosismo.

— É... — Ele solta uma risada nervosa. — Foi mesmo.

Um silêncio constrangedor se instaura no carro. Não encontro palavras adequadas para esse momento. E se eu interpretar errado a situação e pagar um micão por falar alguma coisa nada a ver?

— Mas... — ele fala, e olho discretamente para a minha blusa, checando se dá para notar as batidas descontroladas do meu coração. — Depois que te conheci, vi que a gente tem um monte de coisa em comum e uma história parecida, você é uma garota incrível e muito divertida, e a gente tem ido à igreja juntos e...

— Calma! — Acho graça da tagarelice descontrolada e do excesso de “e” na sua fala. — Respira!

Nick relaxa um pouco quando começamos a rir.

Tenho que seguir o meu próprio conselho, porque ele está perigosamente fofo nesse momento.

— Juro que, no início, eu só queria te ajudar e não tinha nenhuma intenção de começar a

sentir algo por você, só que — confessa, encarando o fundo dos meus olhos — chegou um ponto em que não consegui mais controlar.

— Nick...

Isso não pode ser real. Aproveito que o olhar dele está concentrado nos meus olhos e dou um beliscão na minha própria cintura de maneira discreta. A dor é evidência suficiente para me fazer acreditar que não é um sonho. Eu me sinto em um filme. Não! Em um livro. Melhor: no meu conto de fadas real.

— Mel. — Com um sorrisinho irresistível no rosto, Nick segura a mão que acabei de usar para me beliscar e a leva até os lábios, depositando ali um beijo que faz um arrepio correr pelo meu corpo inteiro. — Você quer namorar comigo?

Minha animação é tanta que não consigo me controlar e jogo os meus braços em volta do seu pescoço, envolvendo-o no abraço que eu já queria dar há muito tempo. Com o susto, ele fica paralisado, mas em seguida relaxa e abraça a minha cintura, retribuindo o gesto. Ficamos assim por alguns segundos, até que ele se afasta um pouco.

— Isso foi um sim? — indaga, com o meu sorriso favorito no mundo estampado em seu rosto.

Balanço a cabeça freneticamente para cima e para baixo. Claro! Óbvio!

Nick dá uma risadinha e, alguns instantes depois, assume uma expressão mais séria, com os olhos fixos nos meus. Instintivamente, umedeço os meus lábios. Ele percebe o movimento e desce o olhar para a minha boca. Sem avançar mais nem um centímetro, Nick abaixa a cabeça, como se estivesse em busca de autocontrole, mas logo a levanta novamente, dessa vez sustentando o olhar no meu. Sinto seu polegar tocar a minha bochecha e acariciar o local; seus dedos encontrando a minha nuca. Aos poucos, ele se aproxima e gentilmente toca os meus lábios com os seus.

Jamais conseguiria idealizar um primeiro beijo mais perfeito que esse.

Porque é com *ele*.

Nick encosta a testa na minha. Nós começamos a rir juntos, como dois bobos apaixonados.

— Até mais tarde, *namorada*! — Ele se despede.

— Até mais, *namorado*! — Cubro o rosto, envergonhada.

Entro em casa correndo e me jogo na cama, ainda boba.

Não acredito em tudo que aconteceu comigo nesses últimos meses. Juro que, se no início do ano, alguém me dissesse que a minha vida teria essa reviravolta, eu com certeza riria.

Sento-me e contemplo o céu com um forte sentimento de gratidão dentro de mim.

— Obrigada, Deus! Por tudo! Até pela chantagem da Alice, que virou minha vida de ponta-cabeça — rio sozinha. — Por ter colocado o Nick no meu caminho e, principalmente, por ter me dado o privilégio de conhecer a Verdade.





## AGRADECIMENTOS

mandava mensagem praticamente todos os dias. Obrigada por tudo, meninas!

Carol, você foi mais que uma revisora para mim e melhorou tanto o meu texto que não tenho nem palavras para agradecer. Obrigada por ter compreendido tão bem a personalidade dos personagens e a mensagem que eu queria passar com esta obra. Você conseguiu deixar o seu “sobrinho” ainda melhor e mais edificante, para honra e glória do nosso Senhor Jesus. O processo todo foi incrível, e não vejo a hora de repetir a dose. Muito obrigada, amiga!

E, por fim, mas de maneira alguma menos importante, agradeço a você, leitor incrível, que chegou até aqui e gostou tanto deste livro quanto eu. Espero que tenha visto Jesus em cada linha e que tenha sido edificado. Sem você, nada disso seria possível. Lembre-se sempre de que Jesus é o único a quem você deve se moldar e que Ele te aceita independente do seu passado. Você pode não ter sido suficiente para ninguém nesse mundo, mas é precioso para Ele. Obrigada por terem lido, amigos!

## SOBRE A AUTORA



Thamires é uma carioca com alma baiana que, apesar de ser advogada de formação, engavetou a carteira da OAB para cumprir seu chamado missionário escrevendo ficção cristã. Sua missão é contar histórias que apontem para Cristo, e *Encarando a Verdade* foi apenas a primeira delas. Por ser apaixonada por filmes desde criança, ela também se arrisca na criação de roteiros. Atualmente, vive em Brasília com o marido e a filha.

Siga a autora no instagram: [@thamiresmarinho.escritora](https://www.instagram.com/thamiresmarinho.escritora)

---

<sup>[1]</sup> De repente 30. Direção de Gary Winick. California: Revolution Studios, 2004 (98 min.).

<sup>[2]</sup> ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 3. ed. Jandira: Principis, 2019.

<sup>[3]</sup> Space Jam: o jogo do século. Direção de Joe Pytko. California: Warner Bros Pictures, 1998 (87 min.).

<sup>[4]</sup> Mateus 11.28-30 – NVI.